

REVISTA EDIÇÃO Nº 113 | NOVEMBRO DE 2024

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM **GISELE PAIVA**, DO

SEBO PURA POESIA

LOCALIZADO NO BAIRRO DO IPIRANGA, SÃO PAULO

SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Gisele de Oliveira Paiva - Foto by Muriel Munin



6

Gisele de Oliveira Paiva, 46 anos, é sócia-proprietária do **Sebo Pura Poesia** que fica em São Paulo, no bairro do Ipiranga. Confira entrevista exclusiva na **pág. 06**

SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: **Ademir Pascale**

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX
PE
DI
EN
TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@divulgalivros.org

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook 1: @conexaoliteratura
Facebook 2: @conexaogramatica
Instagram: @revistaconexaoliteratura
Youtube: @conexaonerd



E-mail: ademir@divulgalivros.org
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



Expediente, pág. 02
Editorial, pág. 04
Entrevista com Gisele Paiva, pág. 06
Poema: Dilema, por Sellma Luanny, pág. 12
Quem tem medo do escritor?, por Clarissa Machado, pág. 15
Robert L. Stevenson: vida breve, obra imortal, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 23
A verdade é dos preguiçosos ou O artista tem que ser meio preguiçoso, por Caio Caldas, pág. 27
Dicas para leitura, pág. 31
Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 32
Poema: Tempos que se abraçam, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 40
Poema: Quando teu corpo fala, por Cheila de Oliveira, pág. 42
Os quintos do ambientalismo, por Flavio Joppert, pág. 43
Poemas de Carmo Bráz de Oliveira, pág. 56
Poemas de Rosa Luizari, pág. 60
Entrevista com Danielle Bassi, pág. 64
Entrevista com Marcelo Rocha, pág. 69
Entrevista com R.T. Coutinho, pág. 74
Entrevista com Valter Correa, pág. 78
Entrevista com Henrique Medeiros Sérgio, pág. 82
Citações de grandes autores, pág. 93
Conto: Edinei e Josefa, por Mí Santiago, pág. 97
Conto: A verdadeira solidão, por Luciana Simon de Paula Leite, pág. 103
Conto: Ao encontro do sonho, por Roberto Schima, pág. 109
Conto: O último enlace antes do ocaso, por Emerson Pagnussat, pág. 122
Conto: O espelho, por Idicampos, pág. 126
Conto: Iniciação, por Iraci J. Marin, pág. 131
Conto: A história de Amina - Continuação, por Sellma Luanny, pág. 134
Conto: Estrelas são como pérolas, por Ney Alencar, pág. 138
Conto: O segredo de Oxford, por Valéria Guerra Reiter, pág. 142
Edições anteriores, pág. 149
Feedback, pág. 150
Passatempo, pág. 153
Mídia Kit, pág. 155
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 156

EDITORIAL

Querido leitor,

Nossa edição de novembro destaca Gisele Paiva, sócia-proprietária do Sebo Pura Poesia, localizado no bairro do Ipiranga, São Paulo. Em entrevista, ela comenta sobre os títulos do sebo, sobre um exemplar especial e sobre os destaques do seu estabelecimento que é um grande diferencial para todos nós que somos apaixonados por livros.

O leitor também poderá conferir excelentes contos e poemas, além de entrevistas com escritores, dicas para leitura e artigos sobre o universo dos livros. Para saber como participar da nossa edição de dezembro/2024, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenha uma ótima leitura!



Ademir Pascale
ESCRITOR E EDITOR

E-mail: ademirpascale@gmail.com

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



a leitura é
uma janela
para infinitos
mundos.

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Entrevista exclusiva com Gisele Paiva

POR ADEMIR PASCALE

Gisele de Oliveira Paiva, 46 anos, é sócia-proprietária do Sebo Pura Poesia que fica em São Paulo, no bairro do Ipiranga. Formada em Administração de Empresas, deixou uma carreira de 20 anos de atuação no mundo corporativo para se dedicar integralmente ao que por 4 anos foi apenas um hobby: uma loja de livros usados que abria apenas aos finais de semana. Empreendendo pela primeira vez em sua carreira, tem comandado com criatividade o negócio que divide com seu marido e sócio, Alexandre Ribeiro, desde novembro de 2022, ocasião em que o Sebo Pura Poesia deixou de ser um hobby e passou a ser um empreendimento aberto ao público 5 dias na semana. Apaixonada por arte e literatura faz questão que o sebo não seja apenas um estabelecimento comercial, mas também um espaço de incentivo e acolhimento da cultura e da diversidade.



Gisele Paiva - Sebo Pura Poesia - Foto by Muriel



Revista Conexão Literatura: De quem foi a ideia e quando foi inaugurado o Sebo Pura Poesia?

Gisele Paiva: Meu marido e eu sempre tivemos o gosto em comum pelos livros e pelas artes. Ele já sonhava desde muito jovem em ter um espaço que reunisse arte e literatura, mas não sabia muito bem como isso seria possível, nem em qual formato. Quando nos conhecemos em 2014 passamos a viver juntos e a colecionar livros, objetos, arte e souvenirs que trazíamos das nossas viagens. Em 2018, já com a casa cheia demais, olhamos um para o outro e dissemos: “temos tantas coisas lindas... deveríamos colocar tudo isso em lugar onde pudéssemos compartilhar como outras pessoas, não é?” E foi aí que encontramos uma pequena garagem no

bairro disponível para locação, compramos algumas tábuas e parafusos para construir as estantes e levamos nosso acervo para lá. Coincidentemente na ocasião um amigo precisou vender toda a biblioteca do pai que havia falecido, e completamos nossas estantes. Tínhamos então ali um sebo... só não podíamos viver dele, afinal tínhamos nossos empregos que garantiam o sustento da família. Foi aí que decidimos: abriremos somente aos domingos, nosso dia de folga, e pra não nos pesar muito apenas meio período... e assim foi por 4 anos. Em 2022 o prédio onde locávamos a garagem passou por um processo de inventário e tivemos que sair. Nesse momento tomamos a decisão: vamos transforma-lo em um negócio. Pedi demissão do cargo de secretária executiva na empresa em que trabalhava, encontramos um novo ponto comercial e assumi o comando do sebo.

Revista Conexão Literatura: O Sebo Pura Poesia hoje é referência no bairro do Ipiranga, em São Paulo. Procurado e disputado pelos moradores da região e até turistas. Poderia comentar sobre o quê as pessoas encontrarão, além dos livros?

Gisele Paiva: Mais que um sebo somos um local para leitura, dos nossos livros ou dos que trouxeram de casa.

Temos poltronas, mesas, sofás, quintal e uma rede para tornar a leitura confortável e possibilitar a permanência do leitor. Costumamos dizer que o Sebo Pura Poesia é um local para se visitar com tempo. Nossa casa é grande, temos uma equipe enxuta e não temos os livros catalogados. Há de se garimpar em nossas estantes, que estão organizadas apenas pela nacionalidade do autor, ou em alguns casos: por temas.

De início as pessoas estranham um pouco essa proposta, mas queremos instiga-las a procurar, observar, e até mesmo encontrar títulos dos quais elas não tinham conhecimento ou curiosidade de ler. Assim como uma estante na casa dos nossos avós os bons livros estão lá, mas você precisa procurá-los.

Para tornar esse garimpo mais especial e confortável proporcionamos aos nossos visitantes a oportunidade de comer por aqui, tomar um drink ou um sorvete, uma taça de vinho ou uma xícara de café, ouvir boa música, usar nosso wi-fi, ler frases espalhadas pelas estantes e paredes, observar os objetos de arte e souvenirs de viagem.... e assim encontrar o livro, cd, dvd ou vinil que encante seus olhos.

Revista Conexão Literatura: Em média, quantos exemplares poderemos encontrar no Sebo Pura Poesia?



Gisele Paiva - Sebo Pura Poesia - Foto by Muriel Munin

Gisele Paiva: Acredito que tenhamos hoje cerca de 5.000 exemplares que vão sendo substituídos à medida que compramos e vendemos. A circulação é grande, e é importante dizer que aqui não temos livros técnicos, didáticos ou paradidáticos.

Revista Conexão Literatura: Já passou por suas mãos uma obra rara que você gostaria de comentar aqui para os nossos leitores?

Gisele Paiva: Temos uma obra aqui, que pela história que a envolve nos é muito especial. Há alguns anos atrás um senhor muito gentil e educado insistia quase que semanalmente para que fossemos a casa dele retirar um livro. Eram tempos de muito trabalho para nós, o sebo ainda era um hobby e

muitas vezes nosso cotidiano não nos possibilitava atender esses chamados. Passados algo em torno de 3 meses cedemos a insistência daquele senhor simpático e fomos até o apartamento dele que ficava numa travessa da Av. Paulista aqui em São Paulo. Chegando lá, ele nos recebeu com todo carinho contando que o livro com o qual ele gostaria de nos presentear, era uma obra comprada por ele quando jovem na cidade de Londres onde ele viveu e trabalhou por muitos anos. Ele nos acompanhava pelas redes sociais, gostava muito do nosso trabalho e considerava que nós seríamos o local perfeito para abrigar o livro dele. Ele contou que já havia feito a partilha dos livros para os filhos, netos e outros familiares, mas que esse livro em específico tinha que



“

ACHO QUE AS COISAS ESTÃO EVOLUINDO. AOS POUCOS, MAS ESTÃO. HOJE TEMOS MUITO MAIS JOVENS LENDO POR VONTADE PRÓPRIA E NÃO SÓ POR EXIGÊNCIA ESCOLAR. TAMBÉM É POSSÍVEL ENCONTRAR MUITAS PESSOAS NAS REDES SOCIAIS FALANDO SOBRE LIVROS. SÃO MUITOS BOOKTUBERS, INFLUENCERS LITERÁRIOS E PRODUTORES DE CONTEÚDO NESSE NICHÔ. ISSO TUDO TRAZ O LIVRO A LUZ E INCENTIVA A LEITURA.

GISELE PAIVA

ficar conosco. O livro realmente era lindo e hoje enfeita nossa estante central. Se chama: International Circus - A Reproduction of the Antique Pop-Up Book, by Lothar Meggendorfer. Um livro publicado em 1979 em Londres, pela editora Kestrel Books, que ao abri-lo revelam-se seis cenas com emocionantes apresentações de circo de todo pelo mundo. Uma joia!

Revista Conexão Literatura: Como uma pessoa que vive em meio aos livros, certamente você tem um autor(a) preferido(a). Poderia comentar?

Gisele Paiva: Meu marido e eu brincamos que Fernando Pessoa é o patrono do sebo, gostamos muito dele. Eu diria que não temos um autor preferido, mas um gênero preferido, que é a poesia. Entre os que mais gostamos, além do Pessoa, temos Hilda Hilst, Manoel de Barros e Florbela Espanca.

Revista Conexão Literatura: É verdade que o sebo ainda conta com eventos especiais, como leituras e apresentações?

Gisele Paiva: Sim. Somos também um espaço cultural com oficinas de aquarela, lápis de cor, encadernação, escrita, clubes de leitura, exposições de arte, lançamentos de livros e temos ao menos uma vez ao mês

música ao vivo na nossa calçada. Na maioria das vezes um chorinho que traz pessoas de todas as idades, de muitos lugares diferentes da cidade. A programação sempre é divulgada no nosso Instagram.

Revista Conexão Literatura: Autores podem fazer lançamento de seus livros no Sebo Pura Poesia? Caso sim, como devem proceder?

Gisele Paiva: Sim, podem e devem. Para saber se temos disponibilidade de agenda é preciso enviar um e-mail para atendimento.sebopurapoesia@gmail.com informando a data pretendida do lançamento, o título do livro, nome do autor e redes sociais, se tiver. Havendo data disponível e só agendar.

Revista Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Gisele Paiva: Acho que as coisas estão evoluindo. Aos poucos, mas estão. Hoje temos muito mais jovens lendo por vontade própria e não só por exigência escolar. Também é possível encontrar muitas pessoas nas redes sociais falando sobre livros. São muitos booktubers, influencers literários e produtores de conteúdo nesse nicho. Isso tudo traz o livro a luz e incentiva a leitura. Um outro aspecto muito bacana de observar é como os brasileiros estão escrevendo mais e

lançando mais livros, aja visto o crescimento de editoras independentes dos últimos anos. Também vejo um movimento crescente de abertura de livrarias de rua. Dentro dessa cadeia livreira infelizmente não nos favorece as multinacionais que vendem online livros a preços muitas vezes até menores dos que as próprias editoras, usando esse livro como “isca” para lavar o consumidor ao site. Essa concorrência desleal é uma ameaça real as pequenas livrarias de rua, que muitas vezes fecham suas portas antes do segundo ano de vida.

Perguntas rápidas:

Um livro: O diário de Bitita, Carolina Maria de Jesus

Um autor(a): Hilda Hilst

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Questão de Tempo

Um hobby: Desenhar e colorir

Um dia especial: O dia do meu casamento com meu marido aqui dentro do sebo.

Revista Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Gisele Paiva: Gostaria de convidar os leitores da Conexão Literatura para conhecer o Sebo Pura Poesia aqui em São Paulo e se aventurarem em nossas estantes. Receberemos a



Foto divulgação

todos com todo acolhimento e carinho que são imprescindíveis em um sebo como o nosso. Agradecemos pela oportunidade de poder contar um pouco sobre nós a todos vocês.

ENDEREÇO DO SEBO PURA POESIA:

Rua Costa Aguiar, nº 112 – Ipiranga, São Paulo - SP - CEP.: 04204-001

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:

De quarta a domingo das 11h às 19h

CURTA:

Instagram: @sebopurapoesia

Por Sellma Luanny

DILEMA



Pediram-me palavras
de conforto...
Por que internamente,
um contínuo conflito?

Pediram-me doces e mel
regados a acalantos...
Frequentemente não consigo
livrar-me da minha norma.

Pediram-me suavidade,
leveza e luz...
Tento... mas está pesado
o meu céu... e o meu dia, baço.

Pediram-me verão e primavera,
flores e borboletas...
E eu esmero-me em outono
e inverno ofertar.

Pediram-me para lhes dar voz
no que sentem precisar...
Mas e eu? O que sinto e preciso
é o dragão que me devora,
libertar.

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias - todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

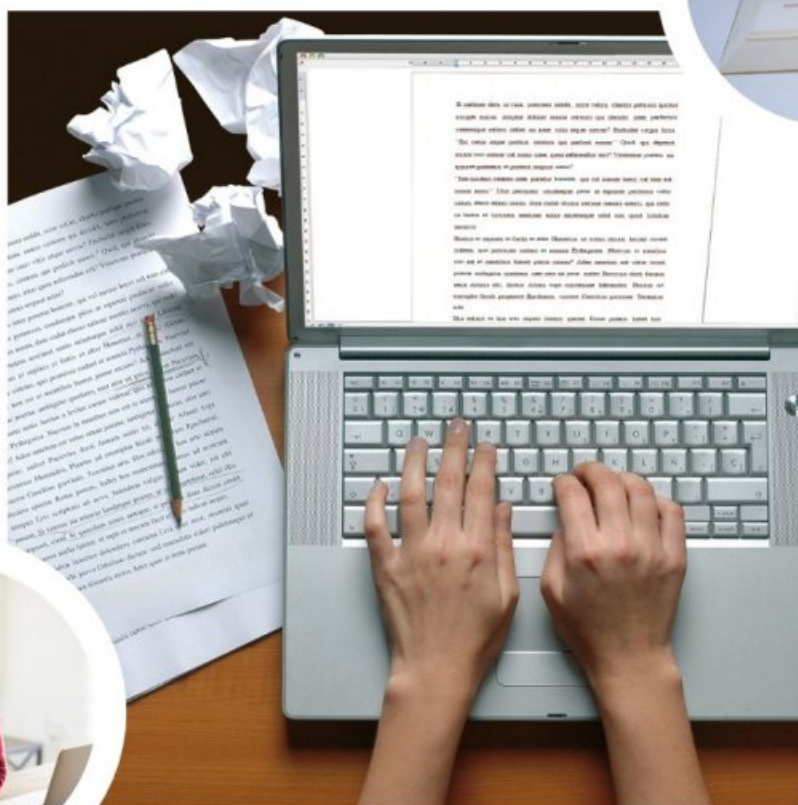
“O segredo, querida Alice, é rodear-se de pessoas que te façam sorrir o coração. É então, e só então, que você estará no País das Maravilhas.”



Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org
www.revistaconexaoliteratura.com.br

anyway, I had
brought back to life anyway, I had

QUEM TEM MEDO DO

ESCRI TOR?



Por Clarissa Machado

m
se
la
ay
wate
ni
at
or
g-pla
f big-
me ye
nich l

SOBRE A AUTORA: Clarissa Xavier Machado, professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. Mediadora de Leitura. Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL).

Conheço muita gente que declara não gostar de escritores e que prefere manter a distância. Alegam que escritores não são confiáveis e que são extremamente perigosos. É curioso pensar que alguém possa temer um ser assim tão, senão visivelmente simpático, no mínimo engraçadinho. Eu, particularmente, nunca senti esse pavor, muito pelo contrário. Mas, então... Quem tem medo do escritor?

Estive pesquisando e descobri que há um grupo de pessoas que têm medo não exatamente do escritor em si, porém do que ele é capaz de fazer e da forma como ele se comporta. Conforme relatos, o maior medo é o de parar num livro, de ser caracterizado como vilão e ainda morrer horrivelmente no final. O que, indiretamente, inclui outro pânico: o de que tudo o que for dito seja usado sem aviso e *ipsis litteris* em um texto, algo semelhante àquela frase que os policiais dizem nos filmes: “tudo o que disser pode e será usado contra você no tribunal”, bem, no caso... na publicação impressa ou digital.

O comportamento extravagante e a mania do escritor de falar sobre coisas, pessoas e até línguas que não existem, para muita gente, é o cúmulo do absurdo (ou do exibicionismo). Essa personalidade atípica e excêntrica acaba por transmitir a ideia de que o escritor é alguém que beira à loucura. Ocorre que, na realidade, o escritor é um estudioso em tempo integral capaz de se misturar facilmente à multidão para dali extrair seus personagens. É que para escrever sobre um ser -mesmo fictício- é preciso ter consistência. E não há nada mais difícil que estruturar personagens, os quais se subdividem em heróis, vilões e *tricksters*. Para cada personagem, além dos nomes, é preciso um perfil completo, uma ficha detalhada que vai desde sua data de nascimento até sua maneira de falar. Seu arquétipo, seu temperamento, seu *modus operandi*, tudo é levado em conta.

Em alguns casos, como é de domínio público, o escritor pode ter o benefício de sua experiência, como é o caso dos pilotos Comte. Antoine de Saint-Exupéry e Alm. Richard Bach; e o da enfermeira voluntária da Cruz Vermelha Britânica, Agatha Christie. E quando não se tem uma vivência assim tão robusta? Ora, busca-se uma. Onde? Adivinhem! Segundo Nicholas Sparks, pode ser incrivelmente útil ouvir conversas alheias...

Esquisito

Ele se recolhe a seu canto

E em um minuto

Compõe um canto.

Como em uma psicografia
De súbito, ele escreve
E deve escrever o mais rápido que puder
Seu pensamento é mais veloz que sua grafia.

Não há hora certa
Nem lugar
Mas é preciso algum silêncio
E muita paz.

Tudo o que ele faz
E tudo o que ele é
É demasiado bizarro
Para quem não é:

Escritor.

Casar com escritor, para muita gente, é algo fora de cogitação. Afinal, o escritor vive sob o estereótipo de ser aquele que te olha imaginando se você ficaria melhor como protagonista ou antagonista, e que vaga pela casa de pijama e pantufa com uma caneca de café na mão ou que come pó de café (tipo Balzac), que passa os dias com uma caderneta e um lápis na orelha pronto para anotar qualquer coisa que ele veja ou ouça, que tem o costume de falar com espelhos e de ficar repetindo em voz alta o seu próprio pensamento. E que vive distraído, ensimesmado em seu tempo não linear, em sua dimensão alternativa e em seu universo paralelo, preocupado em encontrar uma joia do infinito, uma pedra filosofal ou uma tábua de esmeralda. De modo que mesmo que ele esteja do seu lado... pode ser que não esteja (e geralmente não está). Sim... é isso: O **ESCRITOR É UM PARADOXO**.

Fala de tudo
E não fala de nada.

Fala de todos
E não fala de ninguém.

Tudo é observação

Tudo é pura invenção.

Um romance, uma novela
Um rabisco em um pedaço de papel.

Muita prosa
Muita glosa,
Glossemática!

Ninguém imagina como é
A mente de um escritor...

Plot Twist.

O escritor também tem medo. Sério? Muito! E do que o escritor tem medo? Aposto que vocês acabaram de pensar em uma ou duas coisinhas que provavelmente são verdadeiras, como “de que ninguém goste do seu livro” e “de que ninguém compre o seu livro.” Todavia, não é esse o nosso maior medo, digo, os nossos dois maiores medos. O primeiro é ser proibido ou impedido de escrever, por qualquer motivo. O segundo, é ser confundido com o personagem, tanto com o personagem que manifestamos enquanto escritores (demiurgo ou vates de Eros) quanto com um ou com os vários personagens das histórias que criamos.

Identidade complexa a do escritor
Um alguém com ou sem nome
De qualquer origem
E de todas as idades.

Um dia, de repente,
Múltiplas personalidades
Duas caras, dois personagens,
Pseudônimos.

Obra de um caráter ortônimo
Autônomo
Num dia Anônimo
Noutro sinônimo.

Persona
Grata
Ou *non-grata*.

A voz
Que ressoa várias
O narrador
A própria narrativa,
A voz ativa.

E no final da redação
Assina a incrível criação
Com a letra
Que vier ao pensamento.

Literalmente uma letra.
Ou duas:

- Eu, o escritor!

O escritor não pode ser o personagem que criou. Ou não completamente. Ele pode até ser em parte ou uma parte, mas sua essência não é ser singular, é ser plural. Ou seja, ele é, ao mesmo tempo, ele mesmo, todos e nenhum. Quem é Fernando Pessoa, senão Bernardo Soares, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e nenhum deles? E Machado de Assis seria Pipelet, Gil, Dr. Semana, Sileno, Lélío, João das Regras, Victor de Paula, Malvolio, Manassés, Eleazar ou Lara? Seria todos eles ou nenhum deles? Todos ou nenhum? Vamos, digam: quem é o escritor? A resposta é: O **NAVIO DE TESEU!**

Por falar em Machado, me lembrei de Dostoiévski, a quem é atribuída a frase “todos nós saímos do *Capote* de Gógol”. E eu, em paráfrase, diria, “todos nós saímos das *Memórias do Subsolo* de Dostoiévski”, isto porque escritores vivem em verdadeiros subsolos, os submundos da vida para onde ninguém ousa descer. Vivem em livros dentro de livros, em literaturas que existem dentro de outras. É um ser duplo, gêmeo de si mesmo e um “outro” dentro de si próprio, enfim, é uma alma-antítese penada. E essa é a razão pela qual o escritor de nada mais fala a não ser de homens de subsolo, com suas notas de subsolo e seu caráter de subsolo. Tudo porque, aos escritores, não lhes falta solo, o lugar que sustenta as maravilhas e os absurdos do mundo. E o escritor é esse “anjo”, para o bem ou para o mal, que carrega os sonhos e as recordações dos homens...

Se o meu prenome não convier
Tenho outros na manga
E se substantivo próprio não servir
Tenho um comum no bolso.

Não tenho gênero
Porque quem escreve é como anjo
Não tem sexo.

Não tenho unidade
Porque sou como a Hidra de Lerna:
Não tenho uma cabeça só.

Sou uma esponja,
Uma antena
Absorvo e capto tudo.

Hoje eu sou este
Amanhã, quem sabe?

Muito embora um escritor possa escrever pensando em outrem, não há o que temer, meus amigos, uma vez que a verdade é que ele escreve muito mais pensando em si, por isso é tão comum ouvir escritores confessarem que escrevem aquilo que gostariam de ler. E, sob este prisma, se vocês quiserem considerar o escritor um egoísta, bom, vocês não deixarão de ter razão.

O coração bateu
Simples
Primitivo
Definido.

E o sentimento nasceu
Abstrato
Próprio
Superlativo.

É o escritor
Ser mais-que-perfeito

Que ressignifica defeito
Em ode e preto...

POV

O escritor é um egoísta que se infiltra sem pedir permissão, que escaneia o outro dos pés à cabeça e que se diverte às custas do próximo sem dó nem piedade porque, sim, quando um escritor conhece alguém, ele vai -ou sim ou sim- movê-lo para um livro imaginário *en passant* tal qual um enxadrista move uma peça de xadrez... Sim! Ele é, de fato, um grandíssimo egoísta, sempre imerso em sua metafísica, pensando apenas em seus manuscritos e se trancando no quarto para que possa se desdobrar e se transmutar em oráculos, letras, palavras e histórias - um eterno *LIVRO S.* fadado a repetir-se - em *looping*.

E quem tem medo do escritor tem todo direito de pensar que o escritor poderia de repente o colocar nas linhas de um texto como este (praxe). Pois, o escritor pode, a seu bel-prazer, tal qual uma *Feiticeira Escarlata*, misturar à realidade tudo o que ardentemente deseja e escrever em letras garrafais, às gargalhadas, que “qualquer semelhança é mera coincidência”. Então, um dia, sem mais nem menos, você se depara com seu nome nas páginas de um exemplar e aí:

o seu maior pesadelo tornou-se realidade.

(e a saga continua...)



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS SOBRE O TEMPO

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOLUME IV

Ademir Pascale
organizador

E-BOOK

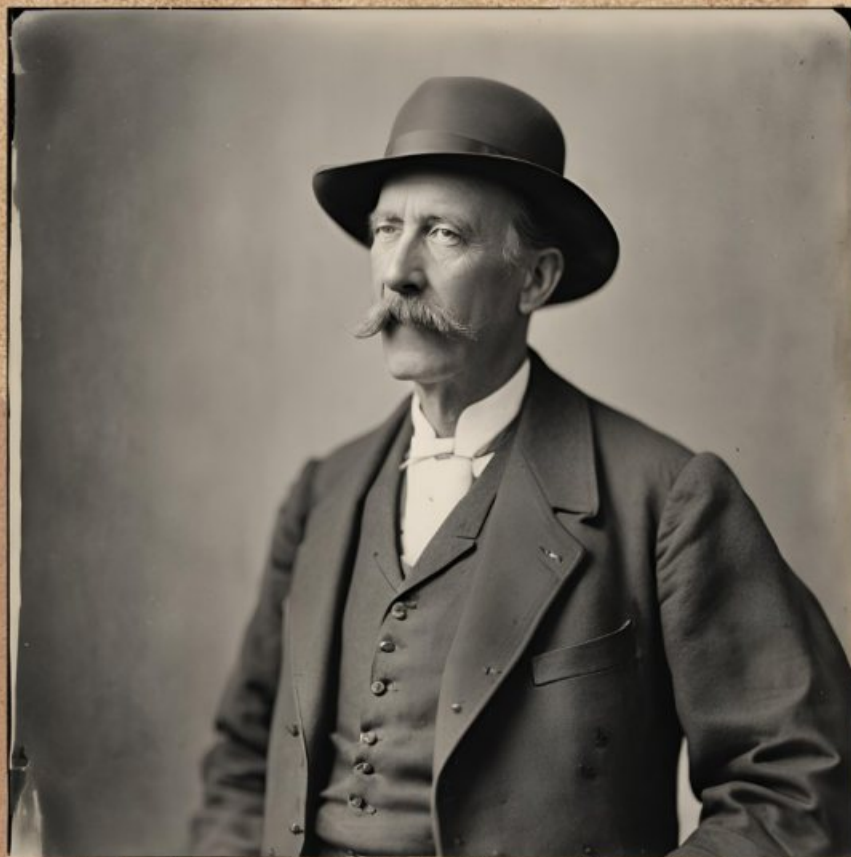
Conexão Literatura

saiba mais: clique aqui

13 14
AIR MAIL

ROBERT LOUIS STEVENSON: VIDA BREVE, OBRA IMORTAL

Por Gilmar
Duarte
Rocha



Há autores que necessitam de anos, décadas de produção literária, para construir a sua marca e sua produção artística e cravar, por conseguinte, o seu nome no panteão dos grandes escritores que contribuíram para enriquecer o patrimônio cultural da humanidade. Outros, aportam na Terra como um passarinho, vivendo pouco tempo e deixando na sua efêmera trilha obras de incontestável qualidade, algumas tangenciando a genialidade. Nesse grupo de literatos encaixam-se Kafka, Rimbaud, Proust, Allan Poe e um certo escocês chamado Robert Louis Stevenson.

Robert Lewis Balfour Stevenson nasceu em Edimburgo, Escócia, em 13 de novembro de 1850. Oriundo de uma família de engenheiros, foi educado desde cedo para trilhar a profissão dos seus antecessores, mas o garoto Robert (assim como 10 entre 10 artistas), decepcionou os genitores e resolveu trilhar outros caminhos. Ingressou na faculdade de Direito de Edimburgo e desde o primeiro ano começou a escrever para o jornal universitário, o *Edinburgh University Magazine* (Revista Universidade Edimburgo), revelando seu gosto e talento para a arte e literatura.

Concluiu o curso de Direito e, não obstante a saúde frágil (tinha problemas pulmonares), tomou a decisão de ir para Londres, onde frequentou os círculos literários e culturais da cidade. Partiu, em seguida, para Paris, onde conheceu a americana Fanny Osbourne, dez anos mais velha do que ele, com quem ele se casaria anos mais tarde.

Antes disso, em busca de lugares mais quentes para atenuar os seus problemas de saúde, começa as suas viagens pelo mundo e encontra inspiração para escrever o seu primeiro romance *An Inland Voyage*, que o publica em 1878.

Após o casamento em 1880, em San Francisco, Estados Unidos, o escritor volta para Londres, mas não fica na Grã-Bretanha por muito tempo. Seu espírito de aventura e a sua busca incessante por lugares que saneie os seus problemas respiratórios, que à essa altura já havia sido diagnosticado como tuberculose, migra de vez para Polinésia, no Pacífico Sul, mais precisamente para as ilhas Samoa, onde se estabelece definitivamente.

No ambiente paradisíaco e propício para a criação dos chamados romances marítimos, ele lança em 1883 o seu primeiro grande clássico, o livro de aventuras *A ilha do Tesouro*, uma obra escrita com simplicidade e excelência, onde ele conta a história de um menino de 12 anos, de nome Jim Hawkins, que encontra acidentalmente numa taberna um mapa de um tesouro e têm-se início a uma interessante história de segredos e pirataria.

Na sequência escreve histórias sobre diversos temas, mas volta a brilhar em outra obra cuja temática é a marinagem, o também considerado livro clássico *Kidnapped* (*Raptado*), que lança em meados da década de 1880.

Nesse meio tempo Stevenson, que mantinha correspondência frequente com o grande escritor anglo-americano Henry James, um homem culto e sofisticado, que teve o seu nome conhecido pelo lançamento da obra psicológica de terror e mistério, conhecida como *A volta do parafuso*, dá um giro de 360° em suas criações e lança ao mundo, em 1886,

aquela que seria de fato uma das maiores obras primas da literatura mundial: *O médico e o monstro* (*Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*).

Stevenson disse que o enredo da história veio de um sonho que tivera, mas o certo é que ele acertou em cheio numa metáfora que aborda o tema da dualidade psicológica de alguns seres humanos. O romance, relativamente curto, cuida de um relato de um advogado londrino Dr. Utterson, que começa a observar e investigar o comportamento cada dia mais esquisito do seu amigo o renomado médico e pesquisador Dr. Henry Jekyll, que começa a apresentar hábitos estranhos durante um dos seus experimentos ao tempo em que a polícia de Londres começa a caça ao psicopata noturno que tem a alcunha de Mr. Hyde. Essa história gótica de mistério e suspense pode não ter o mesmo efeito aterrador nos dias de hoje, mas a trama bem engendrada e bem elaborada por Stevenson tornou-se clássica e esse pequeno livro continua vendendo aos borbotões.

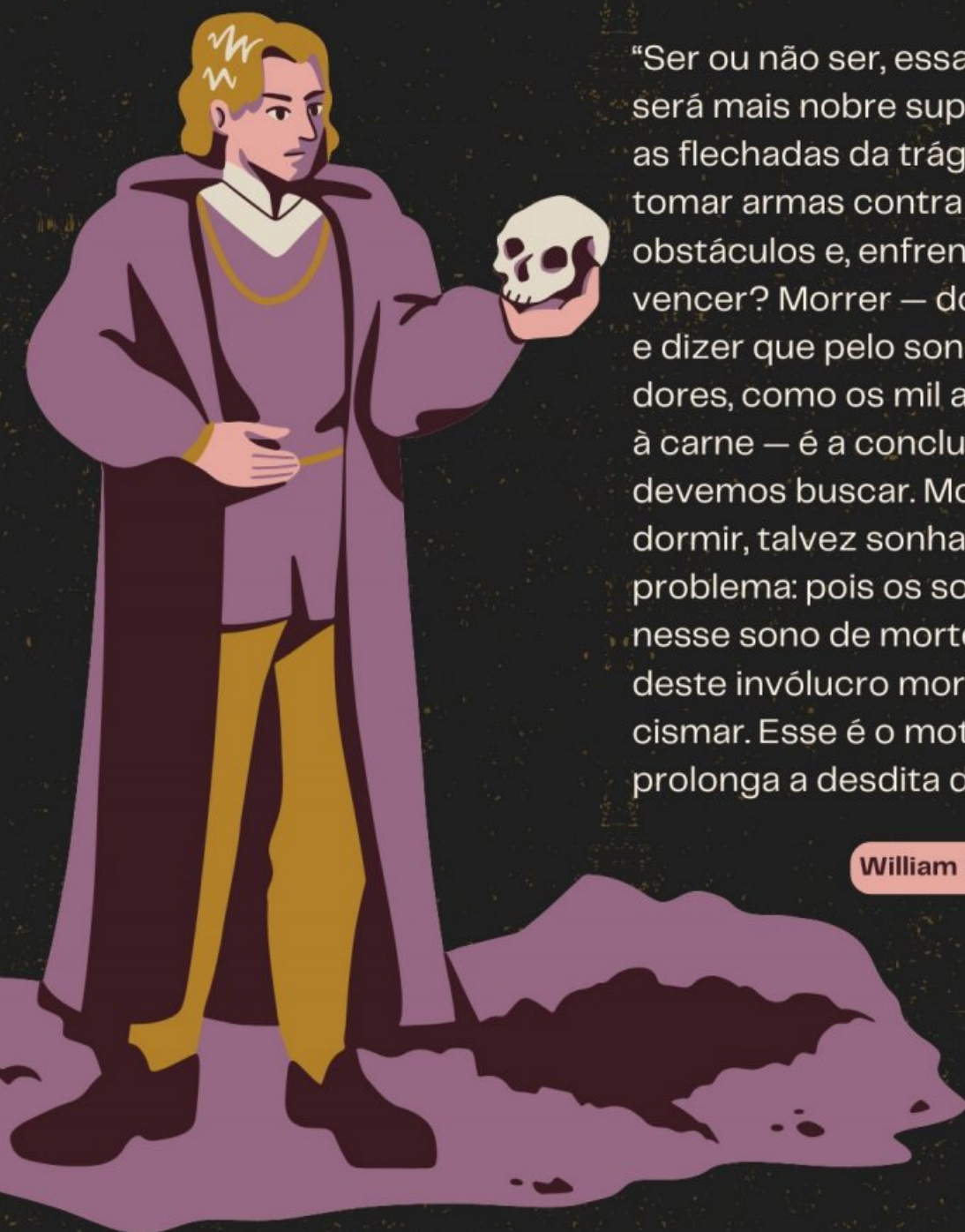
Após o lançamento da sua grande obra, o escritor ainda guarda forças para publicar mais alguns livros, no entanto, a saúde frágil se deteriora e vem a falecer na plenitude da criação artística, aos 44 anos, enquanto escrevia sua obra inacabada, *Weir of Hermiston*, vítima de uma hemorragia cerebral. Encontra-se sepultado em *Stevenson Family Estate Grounds*, Vailima, Tuamasaga, em Samoa



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

Revista Conexão Literatura

Hamlet



“Ser ou não ser, essa é a questão: será mais nobre suportar na mente as flechadas da trágica fortuna, ou tomar armas contra um mar de obstáculos e, enfrentando-os, vencer? Morrer — dormir, nada mais; e dizer que pelo sono se findam as dores, como os mil abalos inerentes à carne — é a conclusão que devemos buscar. Morrer — dormir; dormir, talvez sonhar — eis o problema: pois os sonhos que vierem nesse sono de morte, uma vez livres deste invólucro mortal, fazem cismar. Esse é o motivo que prolonga a desdita desta vida.”

William Shakespeare, Hamlet

*A verdade é dos preguiçosos
ou
O artista tem que ser meio
preguiçoso*

Por Caio Caldas



— É, mas aí a gente vai ter que entender mais teoricamente o que que é *verdade* — eu disse à minha orientadora. Estávamos no meio de uma discussão sobre como interpretar um trecho de um autor do século XVI, e inevitavelmente a conversa escorregou para questões de semântica, que inevitavelmente escorregam para questões filosóficas, às vezes longe do nosso alcance. No texto, o cara afirma ter “reunido os fatos na verdade” ao escrevê-lo.

Ela suspirou, reconhecendo que o quê da questão era fugidio.

— É, porque o que é *verdade* aqui não parece ser o mesmo que naquele outro... — ela respondeu, referindo-se ao outro auto que havíamos analisado, no qual se dizia que a verdade era algo no qual se devia se esforçar. — Às vezes, é algo que se alcança. Outras, é algo que se tem inerente. Outras, é algo com que se veste... Às vezes refere-se ao fato, outras à perspectiva sobre o fato... Às vezes o fato em si pouco importa...

— E deve ter tantas definições — falou meu parceiro de pesquisa. Trabalhávamos num projeto de linguística e filologia que estudava locuções adverbiais, e frequentemente nos deparávamos com conceitos tão abstratos que era difícil depreender sua definição. — Definições que puxam uma a outra... Pra saber o que é verdade, teríamos que entender o que é um fato, e daí o que é uma mentira, daí um a certeza, daí uma realidade...

— Num ciclo infinito de definições imprecisas — eu disse.

— Como pode a verdade ora ser o fato e ora a perspectiva sobre ele?

— Como pode a verdade ora ser uma perspectiva religiosa, e ora o que a refuta?

— Como pode a verdade ser sempre uma questão de autoridade? — contribuiu a nossa orientadora.

— Será que hoje em dia, a autoridade, a que denota o que é verdade, é nada além da nossa filosofia vigente? — contribuí. — Positivista, a verdade é o que traz à tona mais conhecimento? Ou que gera mais catarse?

— A verdade é sempre argumentativa?

Suspiramos, todos juntos dessa vez. Era a enésima vez que tentávamos depreender em palavras aquilo que não queria e talvez nem pudesse ser capturado.

— Acho que temos que deixar isso pra filosofia — nossa orientadora concluiu. — Aqui, já que temos que trabalhar dentro do nosso arcabouço teórico...

— Dentro da nossa verdade... — adicionei.

— ...vamos ficar com uma definição mais precisa... mesmo que tenhamos que deixar de lado concepções riquíssimas... — Ela pausou, e então concluiu: — Então verdade é o que está de acordo com os fatos, seja lá quais forem... — Ela pausou novamente. — A não ser que você queira fazer uma pesquisa bibliográfica em filosofia para somar ao projeto...

— Daria pra fazer outro projeto de pesquisa, né? — respondi, com medo de ser sério. — Da autoridade religiosa à liberdade catártica: definições de verdade. Mas aí dá uma preguiça, né?

Ela riu, concordando com a cabeça.

— Realmente. Pra não se comprometer tanto, dava pra fazer só um ensaio. Ou um capítulo...

— Ou até um texto artístico — sugeriu meu parceiro.

— Verdade — eu disse. — Um poema, uma crônica, quem sabe? — sugeri tirando o meu da reta. — O artista, ele tem que ser meio preguiçoso, né? Já que não dá pra sair sabendo como dar forma a todo conflito interno da gente, a gente reúne tudo, fragmentos de certeza e fluxos de pensamento, num texto, numa tela, numa letra, e chama de arte. E vira verdade; a gente reúne tudo na verdade. Que aí não precisa se comprometer. Nem com a revisão de literatura e nem com a verdade...

Eles concordaram com uma risadinha. Quem dera todos os conflitos teóricos pudessem ser resolvidos assim, sem precisar de páginas e páginas de comprovação científica. Será que a verdade era, no fim, nada além da arte — que por não se comprometer com ela, se torna a verdade?

Eu sei lá. Olhamos para o relógio, e nosso fluxo de pensamentos já estava tão lento quanto o trânsito na Avenida Brasil àquele horário. A verdade era que não dava pra definir a verdade. Talvez, por hoje, um pouco de arte preguiçosa já fosse o suficiente.



Caio Caldas é escritor de Medium, de bloco de notas e de sala de aula. Autor do romance "Syville: paz e obediência", do conto "Norma" e dos poemas "Quando eu era antigo" e "Fantasia". Nascido em São João de Meriti, RJ, ensina, estuda, pesquisa linguagem e toca violão quando não escreve para descobrir se o que faz define o que é.

Instagram: @urlcaio

Medium: caiomcaldas.medium.com

PARTICIPE DA ANTOLOGIA
CONTOS E POEMAS
SOBRE O FUTURO
VOL. IV

ADEMIR PASCALE - ORGANIZADOR

CONTOS E
POEMAS SOBRE
O FUTURO

E-BOOK

VOL. IV

saiba mais: [clique aqui](#)

DICAS
PARA LEITURA

CONTOS E POEMAS FANTÁSTICOS,
REÚNE TEXTOS DE ALGUNS DOS
MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM
ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE.
O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA
LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG



POESIAS AO VENTO, COM
ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E
ESCRITOR ADEMIR PASCALE, É UM
E-BOOK GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE DIVULGA
LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG

Embora Persistente

Joaquim Cândido de Gouvêa

Vejo do meu interior algo escapando
Silenciosamente bem devagarinho
Assim... suavemente
Mas que faz fortemente “doer”

Sinto, até mesmo, o tempo se mudando
Eu, então, por meu lado sozinho
Sem inspiração, naquele “estado” quem puder que agunte
Tal maneira de assim viver

Não consigo esconder “aquele” pela manhã chorando
Com lágrimas escorrendo de mansinho
E, com a face ao espelho bem de frente
Aguardar “qualquer” mudança acontecer

Vejo do meu interior algo escapando
Sinto até mesmo o tempo se mudando
Não consigo esquecer “aquele” pela manhã chorando
Mas lá no horizonte “ainda” imagino alguém encontrar a estar me amando





ASSIM CONFESSO

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

A dor se "esconde" em mim
Em um lugar difícil de se chegar
Por se tratar daquela que não se vê
Mas como dói pelo "tamanho" a se sentir

O profundo "corte" supera tudo enfim
Como "culpa", por muito se amar
Além do mais, por demais crer
Ah! Como dói ver o amor assim partir

Súbito, a esperança surge para o interior socorrer
Procurando dar ao corpo nova sensação
Ao "afirmar" que jamais irá morrer
Mantendo vivo, assim, o já dolorido coração

Lá, nesse interior, tudo se fortalece
Ao crer que daquele amor nada se esquece
Quem sabe, uma dor diferente, agora a sossegar
Que vez por outra, desesperado, se sente pelo tanto se amar



QUE PENA!

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Quanta falta sinto de você
Do seu olhar carinhoso
Par, delicadamente, somente me ver
Sempre com aquele "jeitinho" manhoso

Por não resistir, a lágrima ao lembrar escorre
Mostra que no pensar, o amor está ainda vivendo
Pois da potência infinda não morre
Eu, me coloco a fingir alegria, mas estou sofrendo

Quem dera tudo pudesse depressa passar
Você, novamente, para nossa casa voltar
Fazendo, a cada amanhecer, o retorno da alegria
Em um lugar em que o amor nasceu e morreu ao decorrer dos dias





ENFIM VIVENDO
POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

**Agora
Irei lá fora
Por “nascer”, inesperado, o entardecer
A se despedir do esperançoso amanhecer**

**Envolvida pela alegria deste acordar
Renasceu a “esperança” de, então, voltar
Mas nada aconteceu
E “algo” dentro de mim quase morreu**

**Felizmente esse “algo” não morre
Posto que o bater do coração o socorre
E aquelas adversidades imaginadas
Se tornam o “avesso” para ser, cada uma, mais amada**

**Na “estrada” a viagem caminhando ao Norte... então
Deixando me levar para o sonhado “Horizonte”
O “algo” lá está escondido bem ao “sopé” dos montes
Que alcançado, de quanta alegria encharcará este “pobre” coração**



COMO NÃO CONFESSAR

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Deixo você
Mas jamais poderei esquecer
O tanto de alegria
Proporcionada, carinhosamente, a cada dia

Festas... sorrisos... brincadeiras...
Concretam, ainda, em mim, o belo olhar com aquele
“jeitinho”
Bem gostoso à sua maneira
Adicionando o “sussurrar” à minha face tão baixinho

Deixo você
Mas jamais poderei esquecer
O tanto de alegria
Proporcionada, carinhosamente, a cada dia



FALAR... FALAR... FALAR...

Por Joaquim Cândido de Gouvêa



Escuto músicas! Como esquecer?
Das danças que fazíamos no anoitecer
Às vezes sem ninguém a nos acompanhar
Ah! Imaginava que importância havia pelo tanto a se aconchegar

Corpos bem apertados
Inúmeros momentos, então, sonhados
Era o que mais valia
Na dança... no anoitecer do dia

Manhã, nos “casos”, cada uma era esperada
Com acertada “tristeza”
Posto que, da noite vivida, totalmente amada
Do terminar, tínhamos “dela” a certeza

E o tempo a “chegar” se vai chegando
Ao avesso do outro que estivemos passando
Agora, a esperança vigora, para novo amanhecer
De voltar a alegria que se passou no delicioso anoitecer



SOBRE O AUTOR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo Poemas publicados mensalmente, no Brasil, na – REVISTA CONEXÃO LITERATURA – em que fui a Capa da Revista 103, de janeiro de 2024 e bimestralmente no Jornal JCP em Cruz Alta-RS. No exterior, destacada participação no Projeto da Editora Colibri em Lisboa – Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Tive meu início na Edição 06 e, agora, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação, participação com oito Poemas nos Livros ESCREVER CAMÕES e ESCREVER ANTERO DE QUENTAL.

Tenho editado Livros pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros de Poemas, com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE...

No mesmo passo, dois outros Livros de Poemas com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa – Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a Editora ASTROLÁBIO, do mesmo GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, também em Lisboa – Portugal, dois Romances com os Títulos: ARDENTE ENCONTRO e SEIS MESES.

Possuo Menção Honrosa concedida ao meu Poema publicado no Livro VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura.

Particpei da MESA DE DEBATES em Lisboa – Portugal com o Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, concedido em maio de 2022, pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA na ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou ACADÊMICO, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco Letras contando com a Parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: joaquimgouvea_

Email: mjgouvea@hotmail.





**SEU ANÚNCIO
AQUI**

*CLIQUE AQUI
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3*

Tempos que se abraçam

Por Mirian Menezes de Oliveira

O tempo passa e sempre tão veloz,
que as rugas, logo, se fazem presentes.
Não acredito que o tempo é sempre algo;
um "desalmado" ser onipotente.

Ao coração, ele sempre dá voz,
restaurando o universo dos ausentes...
Pois a saudade é este sentir feroz,
que resgata as boas lembranças da gente.

Chronos inveja a essência feminina,
capaz de refazer o aqui e agora!
O amanhã é aquela senda divina...

A concretude do plano de outrora...
É o processo! (Não o chame de sina!)
O amanhã vem bem cedo, com a aurora!

Mirian Menezes de Oliveira é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras dedica-se, atualmente, aos estudos de Fotografia e História da Arte, visando crescimento pessoal. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições, possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Recentemente, concluiu Curso de Extensão Universitária, em História da Arte.



Conheça as realizações da
CASA BRASILEIRA DE LIVROS

Maiores concursos literários do Brasil:



MicroConto de Ouro



PENA DE OURO

Edições de novos livros para o mercado brasileiro:



Patrocinadora de iniciativas literárias:

— revista —
conexão
LITERATURA

Concursos Literários



Saiba mais em:

www.casabrasileiradelivros.com

Quando teu corpo fala

Por Cheila de Oliveira

Quando tu mordes os lábios
despropositalmente Tu és reflexão

Quando teu olhar lateraliza-se sem fixar-se
Tu és lembranças

Quando teus lábios se abrem em um sorriso
Tu és uma dança harmoniosa entre a alegria, paz e diversão

Quando teus olhos buscam verticalmente outros olhos num encontro
deliberado
Tu és convite para conexão

Quando as lágrimas transbordam pela tua face
Tu és limpeza da alma

Quando tua mão torna-se um encosto para teu rosto
Tu és ausência

Quando frases escapam da tua boca fora de contexto
Tu és fuga

Quando teus lábios curvam-se em biquinho
Tu és busca por concentração

Quando teus dedos escondem tua boca
Tu és a negação do teu pensar

Quando tua face se fecha
Tu és discordância

Quando tuas sobrancelhas se erguem inesperadamente
Tu és devaneio interrompido

Quando teus olhos encontram o chão
Tu és esconderijo do que não dirás

✦ Cheila de Oliveira, 37 anos, natural de Rodeio Bonito (RS) e residente em Novo Hamburgo (RS), é mãe, servidora pública, graduanda em História e pós-graduada em História e Cultura Afro-brasileira. Apaixonada por educação e diversidade cultural.





Os quintos do ambientalismo

por Flavio Joppert



ÍNDICE

I - Dos Crimes Sobrenaturais

II - Espelho Mágico

III - Entre 2 Séculos

IV - Capitalismo para “Velhacos”

V - Vibrando com a Ecologia na 5ª. Dimensão

VI - Questionamentos

I - Dos Crimes Sobrenaturais

Dura lex, sede lex – compreende-se como direito o conjunto de leis aplicáveis dentro de um território, ou soberania. Não podendo aplicar a lei de um mundo no outro.

Todo a alma da lei consiste em punir o roubo, porque para proteger sua família e seus bens é que o homem mata. Não julgamos a bebedeira como fonte do crime, porque um bebe é faz arte, outro bebe e faz crime, sendo impossível distinguir o bem e o mal no ato de se embriagar.

Sitado por Cyrano Le Blanc, o ladrão rouba porque deseja viver a realidade do outra. Segundo o Conde Eduardo, ninguém pode ser mais realista do que o Rei.

Uma vez que se julga o Rei ou o Conde, por serem melhores que os outros; se comete o mesmo crime, porque para julgar há de ser de qualidade melhor.

Tomado de consulta, é dito: aquele homem pretende tomar decisões que competem ao parlamento, e não a ele, e isso é roubo. Se o ladrão busca viver a realidade das outras pessoas assumindo a posse que ela possuiu sobre seus bens, isso é uma ilusão. Sendo a ilusão loucura, a loucura pode ser uma degeneração das faculdades visuais em que ele vê a realidade distorcida e as cores de outras formas. Conforme “Psicanálise e Contra Psicanálise”.

O diagnóstico da loucura é ou metafísico no plano das ideias, ou um processo visual, a realidade do ladrão é a que ele vê no outro, por isso ele cobiça pegar com suas mãos o que vê nas mãos do outro, desprezando o trabalho que poderia fazer com as mesmas para adquirir os bens comprando, conseqüentemente não valoriza suas mãos, não se importando que as cortem, como punição pelos roubos, mesmo com todos os avisos. A conclusão é a de que ele não precisa delas para trabalhar e adquirir os bens, se ele pode se apoderar das coisas dos outros, inclusive matando a vítima.

Visto a qualidade, e quantidade de delitos, a origem do mal, a explicação dos crimes sobrenaturais, conforme o presente ensaio de “*Juris Doutoralia Probanda*”, iniciam o sistema consultivo quando da existência ou suspeita de existência de uma Alma Penada.

Se há a Alma Penada, é porque houve o morto, e o ladrão além de seus bens, quis sua vida, buscando além da posse material a autoridade a coisa vida, posse do outro. Concordando com os “Compêndios de Psiquiatria Forense”, o ladrão matou porque as coisas e a vida eram dele, se a dádiva esses bens competem a Deus, ele usurpa o poder de Deus, de dar e tirar. Amparado no comum acordo aceito de que sua percepção da realidade é alterada tanto em pensamentos, como na visão.

Nisso a “Ata da Assembleia” é de comum acordo: Julgando o Rei por responsabilidade, se faz mais responsável que o Rei, cabe a análise se o Rei cometeu crime, ou se uns e outros apenas usurpam o poder do rei, ou seja: roubo.

Do parágrafo anterior se depreende a noção de limite, da mesma forma que o limite da Alma Penada é a outra dimensão, o limite do ladrão não é suas próprias posses. Não cabe a ele julgar quem pode ser Rei, ou Conde, da mesma forma que não compete a ele o julgamento do indivíduo como um todo. Consultado, Coronel Justino diz: ele é capitão, não cabe a ele, no quartel, julgar ou punir, embora exista o carrasco.

Paulo Fernando é breve: o que não compete a ele, não é dele. Seu ponto de vista, é dele, como o terceiro também tem o próprio. Por isso é ladrão porque não enxerga o limite de próprio e o de suas vontades. Dai a existência de Almas Penadas.

A Câmara pronuncia a sentença: o que não é proibido é permitido, não cabe ao ladrão ir além de seus limites, que ele não percebe por questões mentais, ou de percepção. A Alma Penada, pode ser vista ou não por ele, indiferente de sua existência. Ele vê o que quer vê, e faz o que quer fazer. Se o parlamento não proibiu isto, ou aquilo, ele quer proibir porque deseja a realidade dos outros.

Sua noção de posse e bens, e julgamento dos outros demonstra sua percepção alterada sobre noção de igualdade. Ele quer todos iguais para ter posse dos bens alheios, sem ter que trabalhar para adquirir. O Partido Comunista já se manifestou sobre o tema: o que é garantia é a igualdade de oportunidades. O Ladrão pensa em Direito, porque sua noção de direito é inexistente frente a realidade.

A discrepância entre um crime cometido por uma fera, como um urso, ou o cometido pelo ladrão, encaminha para discussão se o morto, ou a Alma Penada, foi vítima de um possesso sem razão, ou de uma fera, desprovida de responsabilidade.

A “Fera de Gévaudan”, no final do Século XVIII, leva à intervenção pelo Rei, ao enviar seu Jardineiro, para conduzir as investigações, exatamente para que seja o Conde Jardineiro a solucionar o caso.

O ladrão desprovido da crítica frente a realidade, culpa muito mais o sistema, pela política, do que numa busca por justiça. Ele não rouba para fazer justiça literalmente, da mesma forma que se a Alma Penada existe, ela foi vítima da injustiça, não da justiça.

Paulo Fernando claro, a Alma não foi condenada, por isso está aqui. Não cabe o mérito. O ladrão deve ser julgado pelo que fazia com suas mãos. Se ele tinha acesso a emprego, salário, e comida ele usurpava um poder régio sobre os outros, e isso é loucura.

Aquela pessoa exposta à carência não se compara com a loucura daquele ser que julga o direito dos outros, baseado nas suas próprias ideias, exatamente por serem loucas. Agora a Alma Penada quer o que era dela, e a quem cabe o direito de posse? A herança será julgada em que discriminação de igualdade? Da mesma forma que as “Leis do Outro Mundo”, o ladrão criou suas próprias leis.

Por isso ele é “louco”, e seus atos submissos ao julgamento competente por quem constituído pela comunidade. Não se pode fazer justiça a Alma Penada, o ladrão vai fugir da justiça, nunca se considerará um réu ou criminoso, ele acredita em seu próprio direito de decidir extra parlamentarmente, o que a comunidade decide no Parlamento. Ele é o próprio desacato. Suas mãos servem para “tomar”, sem distinguir trabalhar, e comprar. Não se pretende discutir a justiça no Capitalismo, muito embora o ladrão esteja distante da socialização. Seu egocentrismo é o posto do Eco socialismo, por isso mesmo uma vítima doentia do capitalismo. Até que ponto ele não é uma vítima, como o sem teto, o sem trabalho, o sem terra, o sem comida. A justiça, para não ser injustiça, precisa analisar a causa primeira da adesão voluntária ao crime. Seus crimes podem ter sido cometidos porque não via a verdadeira causa da injustiça. Descontou num inocente, que se transformou numa Alma Penada, buscando a justiça com as “Leis do Outro Mundo”. Não seria diferente.

FIM!

II - Espelho Mágico

Eles eram uma seita, como todos os grupos, tinham membros do bem e do mal. Suas práticas eram esotéricas e de muita alegria. Distante dos problemas humanos, sem querer acusar ninguém de neurose ou esquizofrenia, trabalhavam com processos energéticos que podiam ser mentais, diagnosticados pela parapsicologia; ou não.

Deles o dogma, ou a cláusula pétrea era: “quem não bebe e não samba, bom sujeito não é”. Muita gente vinha de lá. Especialmente para participar de seus ritos. Um vinham de casaca, outros de smoking. Ao som da cantoria, saiam da catarse aliviados, como quem relaxa com um processo de hipnose.

As técnicas do grupo eram tiro e queda. O samba começa, os tambores, atabaques. A dança, o bailar. A seita sabia que “a criatura” era incapacitada de interagir com aquela vibração. A explicação era energética.

Neutros, eles sabiam que a criatura era do mal. Como a luz e o vampiro, aquela alegria do rito era como um espelho mágico em que se podia ver a própria monstruosidade.

Loucura? Não. Mais que isso. O louco pularia muito mais que uma pulga elétrica, amanheceria de calças arriadas, todo sujo, numa praça. Aquela criatura estava identificada. Neurose? Não. Campo vibracional! Ele, falava outra língua, possuía outro nível quântico. Não era aquela sua dança de acasalamento.

Estado em harmonia sinfônica com outra região universal, que “não” era compreendida aqui no grupo terrestre. O rito começava: um samba, outro, ao fim da cerimônia, todos se levantavam, e vibravam seus corpos como se fosse um cimbalo. Ele se via no espelho, criatura que era, e a não pertença ao grupo.

Muito embora gostasse da música, dos pontos, como um baile num salão de espelhos, em que só o “amigo” não aparece lá. Coisa conhecida. A seita continuava, era uma forma de espiritualizar a energia, e diagnosticar os casos como Carma. Problemas mediúnicos.

Não adiantaria a terapia. Era mais do que não soltar a franga e ser um enrustido. O mundo de sombras, precisa de luz para existir. Da mesma forma que sem a música não se identificava a criatura. Uns diziam loucura, outros pensavam encosto. Longe da cachaça se vivia.

Mais um grupo de turistas chegava na cidade, o Teatro já estava no programa, seria a quarta de samba. O povo da cidade sabia, aquela esquisitona ia dançar desconjuntado, na frente de todos. O segredo de um campo vibracional interno, seria revelado.

Aimberê, do grupo da cidade, já conhecia aquele transe que levava a dança. Não queria estar presente: sabia que teria que siar correndo, para não verem vez por vez a vibração de seu nível quântico. Era como um espelho mágico.

Penso se aquele filme Tcheco, quando ainda era Tchecoslováquia: Um dia um gato, ou pelos olhos de um gato, em que o bichano: tinha poderes de, com seus olhos, fazer das pessoas camaleões em que a cor representava mais que o caráter: mas o instinto. Por isso alguns tinham medo dele.

Quanto tocava o samba no Teatro, não podia ficar sentado. Era um romper com a vibração energético. Aimberê, fugia disso. Pena que aquela pessoa ia se ver no espelho, também.

FIM!

III - Entre 2 Séculos

Quem viveu 27 anos no século passado, e 24 no atual, pode ter ideia ao que este texto vai se referir. A década de 80 passada viveu o fim do socialismo. O capitalismo não tinha

mais rival, algumas décadas depois não haveria opção para substituí-lo porque suas crises demonstravam a inoperância do sistema.

Entrando para a faculdade, última década, o sistema vista a falência do outro, não se impunha, nem combatia. A vida era tocada de forma apolítica. Ser político era feio.

Mas dos anos de doutrinação, em que era bonito falar na Revolução Francesa, e de como o povo cortou a cabeça do rei, como se ele não tivesse direito a vida, com todos os outros, abordava a luta burguesa capitalista e seus paradigmas do ninguém é melhor do que ninguém.

Não se pode dizer que ninguém não é igual a ninguém; porque sendo ninguém, só se pode ser igual a outro ninguém. O que se abordava diante do espelho, aceito em unanimidade era que: eu não sou melhor do que ninguém.

O conceito comportamental, de comparação, conhecido desde os greco-romanos, alma da democracia é de que sendo igual a deus, obrigatoriamente, deveria também ser deus, por serem iguais e semelhantes. Não havendo a distinção, que possibilitasse a existência de 2 deuses diferentes.

Dos gregos, definiu-se que a democracia era constituída primeiramente pela harmonia e retórica dos poetas, posteriormente pela razão dos filósofos. Por fim o mundo romano teria sua estrutura assente sobre a teocracia, em que o sistema político seria teocrático. Isso perdurou até a Revolução Francesa, quando o sistema político, por já não saber a idade, se desestrutura no antropocentrismo.

Sendo ninguém igual a ninguém, conclusão lógica da filosofia natural, o mundo vivia a crise da desigualdade. De um certo ponto de vista a igualdade começaria com todos acordando na mesma hora para ir trabalhar na mesma função. Mas o sistema antigo, já tinha desenvolvido as manufaturas, que eram diferentes para atenderem demandas diferentes.

Assim na sociedade as funções foram ficando diferentes, o que se combatia é que elas não fossem hereditárias. Mas como soluções para crises, soluções ideológicas criavam ideologias baseadas em dados científicos. A primeira delas foi a seleção natural, não seriam iguais, mas diferentes e o melhor adaptado deveria deixar descendência de qualidade superior. Os que o sistema não considerava produtos de qualidade, passariam a creditar que esterilizados cooperariam com o grupo não contribuindo com a perpetuação de um arcabouço que se considerava defeituoso.

O sistema aceito por eles e fortemente criticado pelo socialismo, a raça superior diferente da seleção natural se moldava em seleção artificial. O que ultrapassava os limites da natureza do que se chama vontade de Deus.

Quando da falência do socialismo o que acusavam eles era: sua agricultura faliu, porque não utilizavam a ideologia de selecionar o melhor adaptado. O que se pergunta melhor adaptado em que mundo;

Das andanças pelo mundo, porque muitas vezes se ultrapassou o limite do horizonte da cidade, pode-se conhecer o Vizir Levy Heitor, ele tendo sofrido um acidente num jogo de bolas na praia, teve os testículos esmagados, por isso foram amputados; ele Vizir, foi aconselhado a se casar com Aurora Savilovski, que sofreu a esterilização pelo sistema tantas vezes criticado, pela monstruosidade. A convergência de caracteres eram o sistema ideológico.

Levy Heitor apresentava uma outra realidade social do mundo. Seus critérios de igualdade abordavam o ponto histórico de que numa sociedade onde ninguém é melhor do que ninguém, alguns garotos iam para a faculdade e outros teriam que trabalhar como bem entendessem para não serem rotulados de vadiagem.

A faculdade eram o modelo de desenvolvimento social, havendo uma desigualdade de trabalho. Mas de certa forma aqueles meninos tantos os da faculdade, como os do trabalho, um dia poderiam se necessários no serviço militar ou seja: guerra, onde se aplicaria a seleção natural, ou a degola do rei, como na Revolução Francesa.

A compreensão da sociedade que se fragmentava no fim do século, como tantas crises que depuseram os sistemas políticos preexistentes, trazia encubada em seu miasma maligno, o germe da ecologia, que se desenvolvia mais e mais tendendo ao eco socialismo.

Essa nova abordagem do mundo, não combatia diretamente o capitalismo, mas sua relação com a natureza, e necessidade em acesso a recursos para todos os seres vivos, inclusive a humanidade.

Uma vez preservada a natureza era seria de utilidade para todos. Ou seja o mundo começava a entrar numa rota de altruísmo e solidariedade. Milênios se passaram desde o desenvolvimento da democracia greco-romana, que compreendiam uma democracia com escravos, para uma necessidade e compreensão de coexistência dos seres humanos com a natureza.

A noção do sacrifício humano, desenvolvido décadas atrás, seguia 2 caminhos, um: o do frear o consumo para o bem de todos, o outro: o de se aniquilar para sobrar para os outros. A Terra que seria a herança dos netos dos netos, precisava comportar todos, alimentas todos, e sanar a sede de todos. A crise igualitária, compreendia muito mais do que o “eu não sou melhor do que ninguém”. A percepção intelectual de compreender regras básicas naturais como a lei que regeria a humanidade rumo ao bem estar se chocava com o sofrimento e morte.

Se a lei natural for a seleção natural, e não a artificial, estando o homem no mundo e não numa fazenda administrada por um ser superior, que faz sadicamente o aprimoramento de espécies, a desigualdade natural é um acinte ao modelo ninguém é melhor do que ninguém, porque ninguém só pode ser igual a ninguém.

Do fim de uma era política de guerra fria, em que o lado mais humano foi vencido na luta contra a aceitação cruel da desigualdade, ao histórico geológico da Terra, pode ser

considerado que uma vez o destino aborrecido de que seus dinossauros não existiam mais, decide criar o homem a sua imagem e semelhança.

FIM!

IV - Capitalismo para “Velhacos”

Na adolescência, havia um livro que circulava em São Paulo, cidade que era outro mundo. Ainda se guarda o livro, “Capitalismo para Principiantes”. O livro uma crítica autorizada ao que seria o sistema político e econômico rival do socialismo ou do comunismo. Trazendo a abordagem do certo e errado sob o ponto de vista da moral.

A crítica abordava como se iniciou o sistema, o mercantilismo, o metalismo, o surgimento do proletariado, as desigualdades sociais, o problema das manufaturas, e industrialização. A crise humanitária, a saúde pública e do trabalhador. O governo ditatorial de posto era acusado de defender esses interesses. Todas as iniciativas de governos anteriores em “resolver” a problemática sócio-econômica da comunidade proletária eram acusadas de ser um truque das classes dominantes para engambelar o povo, e evitar a calculada revolução nos moldes da Revolução Russa e Chinesa. Sempre comparadas com a Revolução Francesa.

Esse modelo previa um constante crescer da economia e como diria o Ministro Delfin Neto, mais a frente o bolo seria dividido igualmente entre todos. Isso era uma luz no fim do túnel para todos que não tinham o instinto sádico de ver o povo sofrer com fome, doenças, desemprego, etc.

Essas promessas podiam muitas vezes ser profecias “Sebastianistas” para as constantes crises, e deteriorações do modelo econômico. Paulatinamente as grandes obras tinham deixado de serem necessárias, porque já existiam, a força de trabalho “pau de arara” ficava à mercê do desemprego, aguardando a construção de nova obra faraônica. Como uma bola de neve ia engambelando a população como que se chama hoje em dia de emprego temporário.

Essa fábula da Cigarra e da Formiga, em sua justificativa na desigualdade, ia alimentando a sabedoria vinda dos estudos das ciências naturais. A ecologia começava mais e mais a explicar aspectos da economia. O do porque não ter carros, bebidas, e comida de luxo para todos, porque a carne filé mignon existia para uns e para outros, junto com o marketing começava a observar comportamentos de consumo, que eram comportamentos biologicamente humanos. A antropologia entrava nessa discussão, e com ela vinha a história com sua análise marxista da história.

Grupos de cientistas políticos mais e mais começavam a integrar as ciências para mais que a solução o senso crítico. O capitalismo já estaria destinado a falência total, muito antes

da queda do Muro de Berlin. Isso se dava pelos recursos escassos da natureza. Da capacidade de saturação do consumo humano. Da não recuperação das áreas naturais degradadas para a exploração de seus recursos. Assim não tinha de onde se tirar, para dividir igualmente há muito tempo.

Toda vez que havia a falência de um tigre asiático, se dizia: o capitalismo está em crise. Mas pode ser outro diagnóstico. Sabendo da capacidade do planeta em atender a demanda de consumo, e da necessidade do dobro de recursos para cumprir a meta de sustentabilidade humana no período de um ano. A explicação encontrada é de que o capitalismo já morreu há muito tempo. Trabalha-se dentro do limite de crédito em que se espera conseguir consumir menos para poder pagar as dívidas.

Tendo esse ponto como pedra filosofal, o ouro existente no planeta é incapaz de estabilizar a economia para todos. Um ou outro, conseguirão acumular ouro, de tal forma, mesmo honesta, que conseguiram acesso à “comida” o ano inteiro, independente se haverá “comida” para os outros ou não.

Essa engrenagem do Capitalismo se mantém funcionando, da mesma forma que uma fábrica em que a família do patrão toda morreu, mas os funcionários, sem a menor condição administrativa, continuam cumprindo seus horários e obrigações e mantendo a produção daqueles objetos, ou bens. Mas não há uma tomada de decisão diferente daquelas últimas em que o patrão ainda tinha vida.

Do “penso logo existo”, a inércia econômica iniciada quando o capitalismo se implanta numa sociedade de bens de consumo, mantém um sistema econômico “fantasma” que não tem de onde tirar recursos para atender a demanda de compra e venda e subsistência da população ano a ano. A primeira conclusão é essa: o capitalismo não existe mais porque não tem de onde tirar matéria prima para atender a demanda de produção de um ano inteiro.

Aqueles trabalhadores da fábrica em que o patrão morreu, junto com todos os seus herdeiros, conseguem matéria prima para trabalhar aproximadamente 6 meses por ano. Os outros 6 meses, como eles não têm um patrão para negociar a compra dos recursos que não existem para todos, ficam sem matéria prima para seus trabalhos.

A fábrica por aproximados 6 meses, vive da venda dos produtos que por algum motivo foram sendo estocados. Nesses 6 anos há uma presença de uma entidade fantasmagórica do ponto de vista ecológico.

Seria uma primeira confirmação da morte do capitalismo. Sua existência inerte, porque se continua produzindo, e vendendo. Mas não há a estabilidade da economia como se o sistema econômico estivesse saudável. Quando czarismo vive sua última crise, não tinha pão, leite, comida para todos; quando o comunismo vive sua última crise, também não havia disponibilidade desses produtos para todos. Muito mais do que um sistema condenável e inoperante por considerar a igualdade como base social; o comunismo de certa forma completa o ciclo do capitalismo de aproximados mil anos em menos de um século.

A manutenção da economia com as engrenagens do capitalismo, é de certa forma um mitigar das crises econômicas. Elas vão ocorrer e serão disfarçadas com recursos que sobram de certa forma em algum outro lugar.

Como uma segunda conclusão, de certa forma frente ao perigo da manutenção do sistema econômico arruinado, o sistema econômico deve ser substituído por um sistema ecológico-econômico. Seria a esperança para evitar as crises de decomposição do capitalismo. Mais do que o sistema ecológico, o que, muitas vezes, se deseja com o eco socialismo é: a manutenção daquela fábrica que todos os patrões morreram.

Quando se mistura: política, economia, ideologia, ecologia, comportamento, moral, igualdade, propriedade, acesso, escassez a ética conduz a abordagem multidisciplinar.

FIM!

V - Vibrando com a Ecologia na 5ª. Dimensão

O movimento psico-social que o mundo viveu após as décadas de guerras que assolaram o Século XX desde seu início até além de seus meados encontravam na guerra a culpa para todo aquele lixo de sentimento que a humanidade trazia consigo do passado. O tiranicídio, justificava a não existência daquele ser vivo; mas não possuía ferramentas para corrigir a índole, o caráter do tirano. Muitas vezes ele o bode expiatório. Não vem à baila discutir se ele seria o certo ou errado. Mas como culpado, eximia os outros da responsabilidade. Toda essa ideologia, por décadas constituiu o sentimento que o esoterismo tentaria transformar com a perspectiva da "Era de Aquarius". Por questões limítrofes, ou de "Zona de Ecótono", a Era já estaria atuando no plano antropológico, muito embora a tomada de consciência seja o princípio de um período que imita os dinossauros. Como Moisés, não se toma a posse da Era de Aquarius, a constante expectativa de um período previsto séculos atrás que inicia politicamente baseado numa ciência moderna. A ecologia seria a principal ferramenta que começa a dar forma a essa harmonia cósmica.

Toda previsão de um período diferente do drama apocalíptico que um meteoro capaz de abrir uma cratera aniquiladora dos grandes répteis começa com a responsabilidade social, cuidado da natureza, uma inserção do homem num ambiente integrável. A Terra passaria a ser o planeta transformado, não um mundo hostil de répteis: morada do sofrimento. Lembrando daquela serpente enganadora.

Grupos esotéricos iniciam a perspectiva de considerar 5 dimensões explicáveis para a equalizar o comportamento humano. Aquelas pessoas - o mal - desapareceriam. Toda a vibração de uma quântica harmônica, seria bem-vinda. Isso porque o bom é tudo que causa prazer, ou não causa sofrimento. Uma fuga da dor.

É claro que a ideologia do momento, simetricamente sincrônica com relógios universais e astrológicos prepara o caminho de uma adesão maior de humanos em mais do que ter consciência. O grupo modifica seus comportamentos numa tentativa de manter a existência o máximo possível e sem sofrimento.

A morte ainda é um deligar-se desta realidade. A dança cósmica define essa vibração. Onde parcelas maiores da população se preocupam com a ecologia e começam a transformar a sociedade. A nova vibração, considerada boa percebe, a permanência de um grupo que se mantém físico-quimicamente no planeta, não considerando a existência daqueles que deixaram este mundo, e não estão mais aqui. Essa vibração encara o tiranicídio como ultrapassado pela não mais necessidade de tiranos, e pela completa adesão a democracia. A questão é que o homem é fruto do meio: por isso o bom selvagem se transforma no tirano ou no tiranizado.

Com a integração da humanidade com o planeta, pelas 5 dimensões, se espera um novo processo de leitura cósmica, quando muitas vezes inversamente o meio formará seres humanos em sua integridade não corrompida.

A culpa do passado hora remete o problema como fruto do meio, hora prevê o futuro de uma relação saudável no desenvolver-se e se formar do ser humano. O novo ambiente estaria saudável e somente homens bons seriam o fruto do meio, da sociedade.

O bom senso da ecologia a relaciona com a democracia. Não existindo no conceito "mundo" uma ditadura verde, por mais que não fosse um escárnio. A pertença a uma nova realidade começa a considerar a amalgama de ecologia, democracia, e espiritualidade. Aquele mal de sofrimento vivido no último século principalmente, de onde se tem a nítida lembrança de privação, cobiça e sua devastação mascara o processo evolutivo na esperança de que tudo iria melhorar.

Mas não seria assim. Muito precisa ser feito. A base de toda a harmonia futura precisa ser revista, o ser humano precisa de um processo educativo que o livre do destino de tirania, para que não haja a necessidade da justificativa do tiranicídio. Muitas vezes só aquela pessoa eleita na farsa democrática é considerada o tirano. Mas não se percebe o quão distante o grupo, como um todo, está de se considerar evoluído a ponto de uma 5ª. dimensão ou Nova Era.

A sociedade criticada continuamente é uma corruptela de uma colmeia, cupinzeiro, ou formigueiro. A abordagem da liberdade certamente choca com uma estrutura social de insetos primitivos. O sistema de castas, daquelas sociedades, enquanto exigir do grupo a diferença privilegiada repete o problema causa da decepção dos séculos passados.

Sociedades tidas como evoluídas entre os humanos, hora ou outra são tomadas por escândalos de um passado próximo de algumas violações da percepção do senso crítico.

A Nova Era esperada é mais do que o IDH, e o PIB altos. A consciência envolvida na política, em seu principal papel de formular leis, é o fator que pode decidir uma maior fraternidade mundial. A consciência individual do certo e errado, ou o agir em "cardume" pelo conjunto de leis.

Quando o homem dá nome aos bichos, ele distingue e as plantas das comestíveis das da que seria proibido de comer. Uma abordagem linguística coloca os bichos com a importância de ter nome. Mais do que o conceito de veganismo é a chave que abre a porta da natureza para a compreensão da coexistência nesse planeta. A importância de cada ser vivo, em sua vida.

Sem a educação preparatória, sem a integração harmônica com a existência da tríade ecologia, democracia, espiritualidade; todo esse processo evolutivo do antropoceno apenas distingue a comunidade humanamente transformada daquela que poderia vir a se chamar de Atlântida do passado. A Era de Aquários vai além do horizonte. O erro pode ser considerar o Antropoceno não a tomada de consciência, mas a total ideologia do antropocentrismo.

FIM!

VI - QUESTIONAMENTOS

- 1 – A humanidade toda está preparada para começar um novo período de influência ecológica;
- 2 – O certo e errado é definido pela consciência de cada um, ou pelo que se define em forma de lei;
- 3 – O antropoceno é identificado pela integração da humanidade com o planeta, ou pelo total vislumbre antropocêntrico na ilusão de poder e capacidade;



SOBRE O AUTOR: Flávio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

Foto: Flávio na Niteroiense de Letras

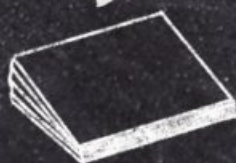
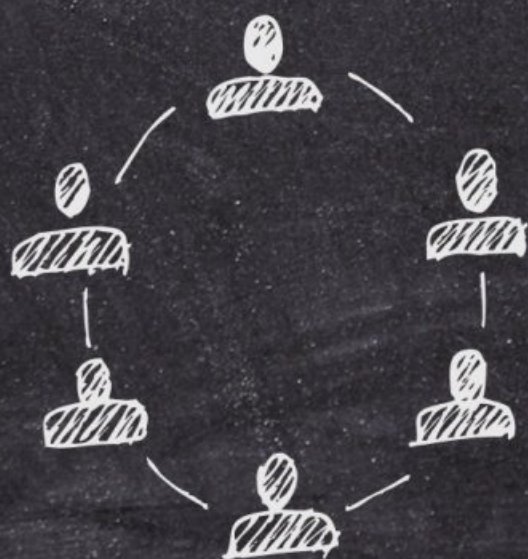


MAIS UMA PÁGINA DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



APRENDA COM

CONEXÃO
GRAMÁTICA



SIGA-NOS:



www.facebook.com/conexaogramatica



www.instagram.com/conexaogramatica

Flores de crepom

Por Carmo Bráz de Oliveira

Teu ser
Em mim indelével
Te entrego
As flores de crepom
De minha afeição
Bela e sem valor
O céu continua azul
Na sua íris gelatinosa
Sobre lindos olhos negros
Como sua roupa
De ti uma distância segura
Protegida por forte escudo
Podre vício
Desejo ter amnésia
Dos dias que percebi sua presença
Que invadistes meus sonhos
Te procuro nas redes sociais
Não há coisa mais inútil
As pétalas caem no outono
O frio castiga meu rosto
Respostas inexistentes
Muro intransponível
Encontro inexequível
Deslizo de tuas mãos
E me perco
Escoado
Ralo do tempo.



Oliveira

Por Carmo Bráz de Oliveira

Se eu corresse
até o fim do mundo
Será que cairia
Em um buraco muito fundo?

Se eu subisse
Até o céu azul
Será que eu encontraria
o pólo sul?
Se eu voasse
Até a linha do horizonte
Será que bateria de frente
de repente
Com algum monte?
Se eu nadasse
até o fundo do mar
será que chegaria
a algum tesouro
Encontrar?

Não sei, mas tenho certeza
de que deste mundo
toda a beleza posso encontrar
basta pegar um livro
Ler com todo o carinho
E sua história imaginar
Com um amigo ou até sozinho,
Voar, sonhar e realizar.



euismod lacinia at quis risus sed vulputate odi
euismod lacinia at quis. Ut tellus eleme
icies lacus sed turpis tincidunt id a
rissa ultricies mi quis. Magna fe
us. Eget sit amet tellus
vitae et leo duis ut
aculis eu non diam p
Cursus sit amet d

llamcorper sit
semper feugia
ing elit du
mauris
la fam
h nu

lis. L.
etiam. Eu
diam in. Mi ipsum
sodales neque sodale
vitae semper quis. In du.
lorem sed risus ultricies t
unt nunc pulvinar sapien et.
lorem dolor. Vel fringilla est ullam.

Pecado

Por Carmo Bráz de Oliveira

Céu e escuridão
asas e larvas
insetos no porão
inconsciência
imanência?
transcendência?
ser em jogo
fogo, ciência
experiência
fé e razão
ação de graça
condenação
deslize,
intenção, tentação
dolo, flagelo
descuido, zelo
espírito alado
sem lado
assim, o fim
salvação
redenção
verão ou inverno
sonho velado
céu ou inferno
eterno pecado.



Carmo Bráz de Oliveira, nascido em Ubiratã-PR, dia 20/03/1977. Morador de Foz do Iguaçu-PR. Autor dos livros "Por Amor (Recanto das Letras)", "Mosaicos de Gelo (Becalete)" e "Poesias para se ler na escola (Becalete)"; Em fase de escrita do Livro Poemas para Jesus (título provisório).

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

PETS - CONTOS E POEMAS SOBRE ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO

VOL. III

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

PETS

**CONTOS E POEMAS
SOBRE ANIMAIS DE
ESTIMAÇÃO**

VOL. III

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

POEMAS

Por Rosa Luizari

ANGÚSTIAS DE ANTERO

A falta de bom-senso
A andar pela rua
Descansa no poema
Que a vida desfigura
É o poeta de bom-gosto
Renuncia à palavra
Da verdade quase nua

Era a boca de Antero,
Verdadeiro socialista,
Despejava no escuro
Uma vida idealista
Fingiu-se de cachorro
E desceu com precisão
A escada da Ilusão

Na mão direita de Deus
Repousou a alma triste
Secaram-se os órgãos,
Mares e as bocas todas

Dormiu Antero
O sonho dos Eternos.



UM POETA DE BOM-GOSTO

O bom-gosto do poeta
Redesenha a sua prece
Apresenta com bom-senso
A palavra que enaltece
O prazer da humana carne
Que o pecado desconhece

O bom-gosto do poeta
É lançado à própria sorte
Engrandece o oposto
Redesenha a quase Morte
Traz à tona a liberdade
De fazer um novo corte

O bom-gosto do poeta
É o monstro que escuta
As palavras do enredo
Que traduzem a disputa
O bom-senso é o espaço
Dessa boca resoluta

Uma voz em poesia
Reescreve o oposto
Desta vida apregoada
Do poeta de bom-gosto
E o bom-senso redesenha
O cenário do desgosto.

POEMAS

Por Rosa Luizari

HORA MARCADA

Raios de angústia
Tocam o homem
De bom-gosto
E o sétimo sentido
Retira-lhe o bom-senso
No silêncio
Quase oposto.



MULHERES DE ANTERO

Escreve a figura de um anjo,
pura suavidade,
impalpável,
negação do tato,
do ópio.

Experimenta o bálsamo
para os olhos,
cuidadosamente
desenhados
para ver
o invisível
e o indizível.

Revolucionário,
recusa-se ao
óbvio das curvas
desenhadas pelo pecado
vespertino,
cheio de más intenções.

A escrita
empalidece
o que o espelho evidencia:
a cintura calorosa e fina
daquela mulher pequenina.

POEMAS

Por Rosa Luizari

ALMA LIVRE

Cada carta endereçada
À Razão
É um hino
Ao paradoxo

Saio do quarto
E vejo o barulho
Lá fora

São estranhos orvalhos
Que secam a noite
E buscam dormitório
Na mente distorcida,
Mente purgatório.

A Razão mora
Em meu peito
Sem entranhas

A Razão não tem sentido
se sozinho choro
Chorarás comigo
Ou depois que te imploro?

DESOCUPAÇÃO

Carrego no peito
A fumaça,
A tensão
Da sobrecarga
De um Amor
Sem Razão.

Um Amor sem Razão
É a peste que contamina
Todo ato de Amor.

Arranco de meu peito
A má sorte de um amor
Desse jeito.



POEMAS

Por Rosa Luizari

COM O TEMPO

Os vulcões fumam
A imensidão
De minh'alma.

Os vulcões
Levam meus
Pensamentos.

Modorrenta
Onda de vento
Que, sem vulcões,
Tira-me o firmamento
E cá estou, sem barco,
Nem vela,

Nem lamento.

COLEÇÃO

Guardo em cornucópia
A palavra portuguesa
Que tem sabor de fruta
Suculenta
E sintonia com meu peito.

Guardo um tesouro
Em meu peito
Submisso e animalesco
Cujas matéria fria
É inerte
e tempo.

O tempo mostra-se
Ferrugem em contato
Com as lágrimas de um anjo.

Sou um catalisador de reações.

Rosa Luizari nasceu em São Paulo. É pedagoga formada pela UNESP e graduanda em Letras-Português pelo Centro Universitário Claretiano. Autora dos livros Sinopse do Corpo (Helvétia Éditions, 2020), Poemas para ler às oito da manhã (2022) e Escolhas inteligentes: um e-book pra te ensinar como ganhar mais a partir de seus investimentos (2024). Membro Fondatore do Nucleo Accademico Italiano de Scienze, Lettere e Arti. Membro do Núcleo de Letras e Artes de Portugal. Membro do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Buenos Aires. Membro da Academia Luso-Brasileira de Letras do Rio Grande do Sul – ALBL. Membro da Academia de Letras Rioclarense-ALERC-SP. Participa de antologias poéticas no Brasil, Portugal e Argentina. Destaque Social, Cultural e Educacional 2020 pela Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos. Embaixadora da Paz e Comendadora da Justiça de Paz.

Entrevista exclusiva com Danielle Bassi

POR ADEMIR PASCALE



Danielle Bassi - Foto divulgação

Danielle Bassi nasceu e passou metade da sua vida no Brasil antes de embarcar em uma jornada que a levou à Itália. Depois de se formar em Ciências Políticas e Relações Internacionais, ela se mudou para o Reino Unido, onde iniciou sua breve carreira como jornalista freelance.

Danielle teve artigos publicados em veículos de destaque como The Guardian, The Global Post e The Geographical Magazine. Há cerca de nove anos, ela decidiu se dedicar ao seu primeiro romance, 'O Bebê da Fotografia'. Hoje, ela mora na Itália com o marido e a filha.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Danielle Bassi: Em 2012, após escrever um artigo sobre minha experiência como voluntária com uma minoria árabe no norte de Israel, decidi que queria me tornar jornalista. Era um período difícil; eu estava muito infeliz profissionalmente e à procura de uma profissão que me realizasse. De repente, descobri que escrever me dava muito prazer e decidi investir nisso. Fiz um curso de jornalismo e comecei a enviar propostas de artigos para vários jornais. Na época, eu morava na Inglaterra e meu

primeiro artigo foi publicado no The Guardian. Consegui publicar mais alguns artigos, mas nada que me permitisse ganhar o suficiente para sobreviver. Fui obrigada a conseguir um emprego na área de Atendimento ao Cliente, dada minha vasta experiência, e decidi que, já que não conseguiria sobreviver como jornalista freelance, escreveria um livro.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "O bebê da fotografia". Poderia comentar?

Danielle Bassi: No final dos anos 90, fazíamos parte de um grupo de famílias que recebia e hospedava estudantes que participavam de um programa de intercâmbio no Brasil. Foi então que conheci uma estudante americana que havia nascido no Brasil e sido adotada ainda recém-nascida. Além de conhecer a cultura do país onde tinha nascido, ela queria muito encontrar sua família biológica. O único indício que ela tinha à disposição era uma foto. Eventualmente, ela encontrou a família.

Sinceramente, o contato que tive com essa garota foi muito esporádico. Nem mesmo me lembro de como ela se chamava. Anos mais tarde, quando decidi escrever um livro que realmente explorasse a realidade brasileira, a história de uma mulher que voltava ao Brasil em busca de suas raízes me pareceu perfeita.

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Quando comecei a pesquisar a questão da adoção internacional no Brasil para dar um contexto à personagem, tive a certeza de que estava no caminho certo. Descobri um pedaço da nossa história recente, esquecido e ignorado: durante a ditadura brasileira, crianças carentes eram uma das 'mercadorias' que nosso país exportava. Esse 'mercado' alimentava uma rede de profissionais que lucrava com a desgraça alheia. Essa história precisava ser contada.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Danielle Bassi: Estou constantemente à procura de assuntos pouco conhecidos ou pouco discutidos. Foi o breve período em que trabalhei como jornalista freelance que me deixou essa marca. Uma vez que encontro esse nicho, tento criar personagens e situações que, da melhor maneira possível, transmitam a mensagem e quebrem tabus. A pesquisa também é um fator crucial quando se lida com temas delicados. De fato, enquanto escrevia 'O Bebê da Fotografia', li vários livros e assisti a horas de documentários sobre adoção internacional e fundamentalismo religioso, que são o cerne do meu livro. Também entrevistei juízes e pessoas que foram traficadas ilegalmente. Para mim, credibilidade e respeito pelo leitor são fundamentais.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

“Ao olhar para cima, meu coração começou a bater forte instantaneamente. Por um bom momento, não dissemos nada um ao outro. Procurei os recursos que denunciaram meu amigo de infância: o tamanho de suas mãos e seu sorriso. Sim, era ele.

— Achei que você nunca voltaria.

Tentei esconder meus sentimentos, enxugando as lágrimas do rosto. Fiquei com vergonha de reagir dessa forma.

Eusébio me ofereceu a mão. Ele estava tremendo. Apesar de todos esses anos separados, parecia estranho agir formalmente, pelo menos para mim. A situação fez com que o longo abraço que trocamos há mais de trinta anos parecesse algo saído de um sonho.

— Nunca pensei que você ainda estaria aqui, no mesmo bar, fazendo a mesma coisa. — Eusébio parou por um segundo enquanto observava o último lugar que esteve antes de deixar a cidade. — Eu... eu me sinto mal, porque sempre prometemos um ao outro que sairíamos da cidade juntos. Eu sinto muito.

— Onde você esteve todos esses anos? — Não consegui esconder minha felicidade. Na minha frente, não vi nenhum tele-evangelista famoso que construiu templos evangélicos por todo o país. Ele era meu amigo mais velho, que durante todos esses anos eu acreditava estar morto. Apesar da mudança drástica nele, não pude negar que o momento em que o vi de perto novamente foi um dos mais felizes da minha vida.

— É uma longa história, irmão. Eu nem sei por onde começar.”

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Danielle Bassi: A questão da leitura no Brasil foi essencial para que eu decidisse escrever minha primeira obra em inglês. Comecei a escrever 'O

Bebê da Fotografia' ainda em 2015 e, na época, fui completamente desencorajada a escrever um livro em português. As editoras tradicionais eram praticamente inalcançáveis, e publicar um livro de forma independente também era muito árduo. Além disso, não pude ignorar o fato de que o livro ainda é um artigo de luxo para muitos em nosso país. Tampouco se cultiva o hábito da leitura, que acredito ser hereditário. O impacto de ter um adulto leitor em casa é muito encorajador para uma criança. Infelizmente, a leitura não é uma realidade na maioria das famílias brasileiras.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Danielle Bassi: 'O Bebê da Fotografia' está disponível na versão ebook na Amazon e, por enquanto, na versão física somente na Uiclap. Para saber mais sobre meu trabalho, acesse meu site daniellebassi.com. Lá, o leitor também terá acesso a todos os perfis sociais que mantenho.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Danielle Bassi: Absolutamente sim, embora eu ainda esteja muito engajada na promoção e divulgação de

'O Bebê da Fotografia' neste momento. Nos próximos meses, espero publicá-lo aqui na Itália, então o trabalho de divulgação continua. Porém, não vejo a hora de encontrar tempo para sentar e escrever meu próximo romance. Aliás, já tenho em mente pelo menos outros cinco livros.

Perguntas rápidas:

Um livro: Só um? O Evangelho Secondo Jesus Cristo, José Saramago

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

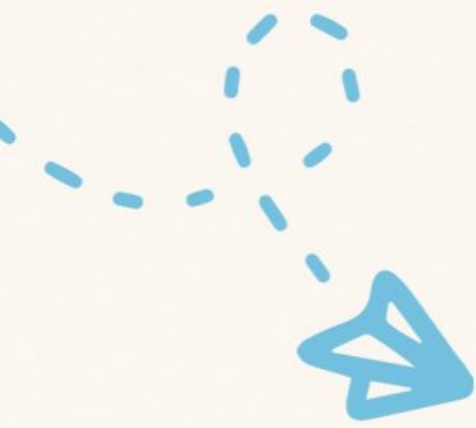
Um filme: Central do Brasil

Um hobby: Ler

Um dia especial: O dia do nascimento da minha filha

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Danielle Bassi: Meus livros preferidos deixaram uma marca que permanece dentro de mim mesmo anos depois de tê-los lido. Quero que meus livros não sejam apenas um passatempo agradável. Meu objetivo principal é questionar a interpretação que o leitor tem do mundo. Minha tarefa não é nada fácil, e foi por isso que demorei quase nove anos para publicar 'O Bebê da Fotografia'. Felizmente, a maioria das avaliações que recebi desde a publicação do romance em inglês comprova que consegui atingir meu objetivo. Espero tocar o coração dos leitores brasileiros da mesma maneira. A opinião de vocês é muito importante para mim.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A NOSSA REVISTA VIAJA NUM SEGUNDO ATÉ VOCÊ



Entrevista exclusiva com Marcelo Rocha

POR ADEMIR PASCALE



Marcelo Rocha - Foto divulgação

Marcelo Rocha é doutor em Teoria da Literatura e professor universitário na Universidade Federal do Pampa, Unipampa, em São Borja, no interior do Rio Grande do Sul. Já publicou inúmeros livros, acadêmicos e de ficção, em diversos gêneros, com destaque para “Ocupa Porto Alegre” (Prêmio Açorianos, 2023), além do romance “Enquanto Caio” (2016) e do conjunto de narrativas curtas “Lucidez” (2019), ambos finalistas do Prêmio da Associação Gaúcha de Escritores. Em 2020, recebeu o Prêmio Cultural Pindorama promovido pela UFSM, UFPEL e Unipampa, pelo poema “Panelaço”. Em 2022, escreveu o livro de poemas “Toda a chuva” e recebeu o Prêmio Lila Ripoll da Assembleia Legislativa do RS.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Marcelo Rocha: Iniciei com a escrita de ficção, em 2013, com o livro de contos “Ocupa Porto Alegre”. Eu já tinha uma carreira na docência em Universidades Públicas e Privadas, mas minha escrita era voltada, em especial, para artigos científicos. Tive muita sorte, pois meu livro acabou recebendo prêmios importantes aqui no Rio Grande do Sul, o que me motivou a seguir escrevendo ficção.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Tudo faz tanto tempo". Poderia comentar?

Marcelo Rocha: "Tudo faz tanto tempo" tem como temas a memória, a busca por identidade e a finitude. Penso que o resultado final do texto é interessante, pois traz a poesia em um sentido que me agrada muito, ou seja, o da palavra em falta, composto por silêncios, lacunas e indícios. "Tudo faz tanto tempo" se completa no leitor.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Marcelo Rocha: Quando escrevo um livro, meu processo é rigoroso. Estabeleço para mim uma rotina de escrita diária, com inspiração ou não. Aliás, não acredito muito no "escritor possesso". Creio no trabalho e na elaboração cotidiana. A inspiração ou a epifania costumam vir na carona. Minhas inspirações na poesia são muitas e distintas. Gosto de três poetas alegretenses – da fronteira do RS – que são minhas referências constantes: Mario Quintana, Rui Neves e André Mitidieri. Também aprecio a poesia da Ana Cristina César, do Leminski e Cacaso. Além dos textos da Sophia de Mello Andresen e da Ana Martins Marques. Posso citar, também, Manoel de Barros e Lila Ripoll, escritora gaúcha que produziu



nos anos 40.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Marcelo Rocha: Sim. Vou escolher um texto que tematiza a questão da passagem do tempo que considero uma tônica do livro. O nome do poema é "Memórias Inventadas"

"Já faz algum tempo que ando envelhecendo, comecei colecionando incontáveis manhãs.

E se ainda busco minha imagem antiga ao espelho.

Percebo que esta é a busca mais vã.

Já faz algum tempo que ando envelhecendo,
sobrevivendo a inúmeras ressacas.
Deixei-me exposto ao sol e ao vento
que desenharam em meu rosto cada
qual sua marca.

Já faz algum tempo que ando envelhecendo,
e já nem me importam ódios e raivas.
Algumas memórias já sei que invento
e outras histórias deixei bem guardadas.

Já faz algum tempo que ando envelhecendo;
minha vida é um livro que se enche de pó.
Há coisas que digo e só eu entendo
e a cada dia me sinto mais só.”

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Marcelo Rocha: O Brasil tem um histórico de leitura rarefeita, infelizmente, e, em especial, com relação à ficção. Há algumas pesquisas interessantes que examinavam esse contexto sob uma perspectiva do comportamento do leitor, hábitos e índices de leitura. Refiro-me ao “Retratos da Leitura no Brasil”. Não há como separar esses pontos da questão da escolaridade e

do alfabetismo tardio no país. Soma-se a isso, ainda, o descaso com políticas públicas e projetos de cultura que começam a ser retomados apenas agora, em 2024. Mas é preciso entender, também, que temos outros tipos de perfis de leitores, atualmente. Teóricos da comunicação falam em um leitor imersivo que trabalha com uma lógica da simultaneidade de mensagens e textos e que difere do leitor contemplativo de décadas atrás. São inúmeros pontos que devem ser analisados em rede para entendermos um panorama- de produção, escrita e leitura – que é bastante complexo na contemporaneidade.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Marcelo Rocha: O leitor me encontra nas minhas redes sociais, facebook e instagram (@marcelorochaunipampa), e o meu livro está no site da editora Besourobox. Meu email para contato é: marcelorocha@unipampa.edu.br.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Marcelo Rocha: Tenho um projeto de outro livro de poesias e um livro de contos para o próximo ano. Vou ver se consigo dar conta em meio ao

turbilhão de aulas e orientações na universidade.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Quase memória”, Carlos Heitor Cony

Um ator ou atriz: Penélope Cruz.

Um filme: “O segredo dos seus olhos”, Juan José Campanella.

Um hobby: Tocar violão

Um dia especial: O nascimento da minha filha

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Marcelo Rocha: Obrigado pelo espaço e parabéns pela iniciativa de divulgar a literatura brasileira contemporânea.



DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE
DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE

DIVULGUE

O SEU LIVRO,
LIVRARIA, EDITORA,
SITE, LOJA...



CLIQUE AQUI E
CONFIRA

DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE • DIVULGUE

Entrevista exclusiva com R.T. Coutinho

POR ADEMIR PASCALE



R.T. Coutinho - Foto divulgação

CARTA AO CELEBRANTE POR DORIAN GRAY



• R.T. COUTINHO •

í

RT Coutinho estreou na literatura em 1998 com o romance Quando os jovens viram deuses que conta a história de um jovem homeopata de Belo Horizonte que em 1986 foi o quarto caso de AIDS em Minas Gerais. Numa época em que se infectar com HIV era uma sentença de morte, ele parte em um veleiro com uma amiga de infância, numa viagem sem volta. Dois anos depois o barco é encontrado à deriva no mar do Japão e até hoje ninguém sabe de fato o que aconteceu. Depois disso escreveu o romance Garimpeiro de Almas, Ressurreição, Arrudinha e Pampulinha, o livro de contos Aguarrás, o removedor dos amores desmazelados, um livro de aforismos intitulado, Noventa e cinco teses da nova reforma e agora o romance Carta ao Celebrante por Dorian Gray.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

R.T. Coutinho: Desde 1986, ao saber da história de Quando os jovens viram deuses, tive vontade de escrever um livro contando tudo que se passou. Em 1998 lancei este primeiro livro, e foi um sucesso absurdo. Ele foi adotado em diversas escolas pelo Brasil, chegando a terceira edição no primeiro ano. Viajei o Brasil dando palestras nas escolas, porque o tema interessava aos professores e alunos. Depois disso lancei mais 5 livros e agora lanço Carta ao Celebrante, um romance de memórias

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Carta ao Celebrante por Dorian Gray". Poderia comentar?

R.T. Coutinho: Carta ao Celebrante narra as lembranças de um jovem até a fase adulta. Este livro nasceu de forma espontânea, quando Rainha Terceira me disse que eu teria que escrever uma carta para o celebrante do nosso casamento. Na mesma hora eu pensei que isso daria um bom livro. Nove anos depois de trabalhar a história em meus pensamentos, encontrei com Viúva Negra de Íris Amarela e trinta dias depois o livro estava pronto.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as

suas inspirações?

R.T. Coutinho: Eu não tenho métodos. Simplesmente sento e escrevo quando tenho vontade. Por ser um escritor amador, que não vive da escrita, não preciso escrever nada por obrigação. Isso faz com que eu escreva apenas quando estou afim. O amadorismo é minha principal característica. Ainda que estude muito sobre técnicas literárias. Em Carta ao Celebrante, por exemplo, apliquei a técnica de roteiro de Syd Field para contar a história. Por isso, as cenas principais estão no lugar certo, na hora certa. Acho que esse é um dos motivos para as pessoas se prenderem tanto à obra.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

R.T. Coutinho: “Viúva Negra de Íris Amarela veio até nós. Ouvi meu pai dizer que, quando voltou da Suíça, ligou para Prima Esfinge, que lhe informou onde ela estava. Chegando lá, antes de abrir o portão do asilo, o porteiro perguntou se ele ia se juntar aos velhos. Ele riu e disse que não, que ia retirar uma delas. Andou pelos jardins do lugar e a encontrou em um banco, solitária. Ela olhou para ele e disse: “Filho da Puta! Por que demorou tanto?”. Ele a colocou no carro e, meia hora depois, abriu as portas da casa onde moravam juntos agora.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

R.T. Coutinho: Pode acessar pelo site da editora.

<https://www.insigniaeditorial.com.br>

Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

R.T. Coutinho: Sou otimista. Penso que as redes sociais ajudam muito novos escritores a se tornarem conhecidos. Bookstans são influenciadores poderosos. Se você fizer a coisa certa, em pouco tempo você alcança seu público. Antes da internet, era uma

www.revistaconexaoliteratura.com.br

tarefa complicada ser lido. Por isso visitei milhares de escolas para divulgar meu primeiro romance. Hoje a vida do escritor melhorou muito. Se você tiver um bom material, rapidamente chega a quem interessa. O sucesso da Bienal de São Paulo deste ano mostra isso.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

R.T. Coutinho: Sim. Meu próximo romance vai contar uma história centenária de um lugarejo de Minas Gerais chamado Noiva do Cordeiro. Uma história forte, linda, de mulheres guerreiras e emponderadas, que não se curvaram às tradições religiosas para serem o que são. Uma história digna de filme. Sensível e envolvente.

Perguntas rápidas:

Um livro: A filha do diretor do circo

Um ator ou atriz: Rômulo Braga

Um filme: Brilho eterno de uma mente sem lembrança

Um hobby: azul

Um dia especial: 26 de setembro

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

R.T. Coutinho: Só desejar que a literatura nacional seja mais lida. Desejar que novos autores transformem nossa arte para quem sabe um dia, possamos ganhar um Nobel de literatura e fortalecer as histórias brasileiras.

**DIVULGUE O SEU
LIVRO OU TEXTO NA**



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

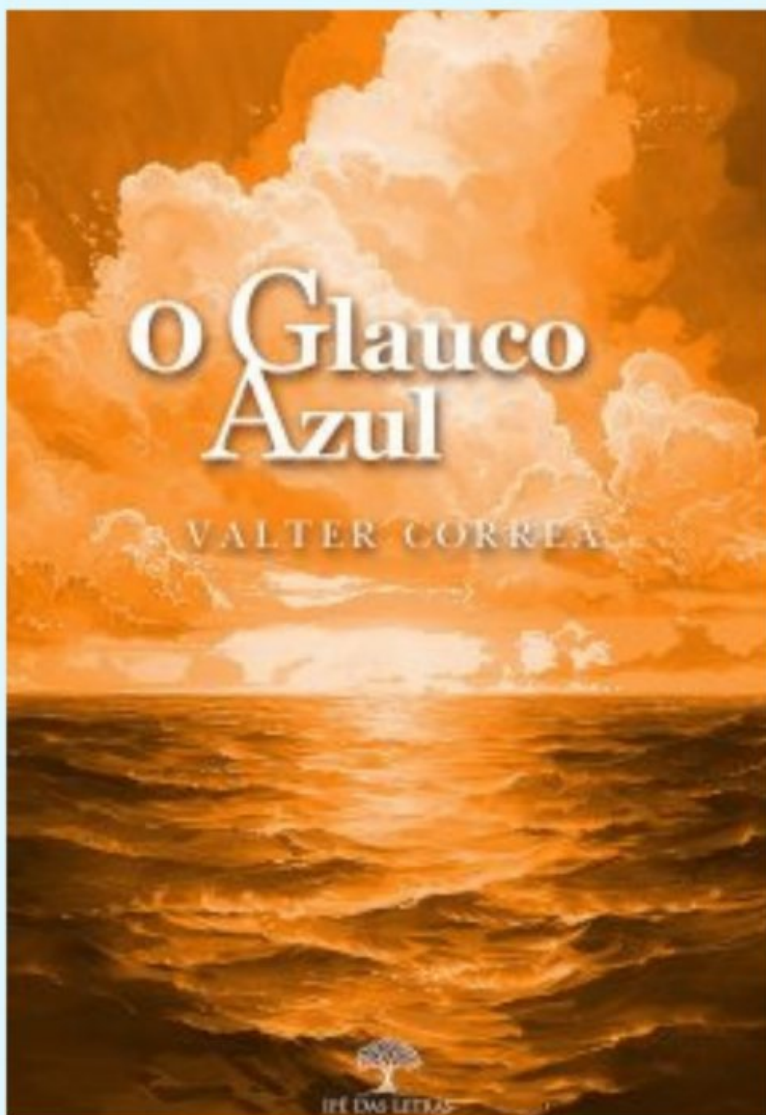
Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES

Entrevista exclusiva com Valter Correa

POR ADEMIR PASCALE



Valter Correa - Foto divulgação



Formado em arquitetura, urbanismo e design.

Por outro lado, teve uma vivência longa na indústria aeronáutica, desde a adolescência. Apaixonado pelo mar, agora enveredo no universo da literatura, trazendo essas expertises.

Criou e fez todo o conteúdo do site "Playboat".

E fez a redação do site: "Nauticupom", com reportagens e artigos sobre, embarcações, práticas navais, curiosidades e outros.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Valter Correa: Pois não, sempre admirei escritores, mas não me achava capaz de escrever. Até que apareceu a pandemia e mais disponibilidade de tempo, foi quando resolvi encarar esse desafio.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "O Glauco Azul". Poderia comentar?

Valter Correa: Na verdade, comecei um outro livro. Entretanto, tive que parar de escrever em face da doença de um dos personagens, aquilo mexeu muito comigo. E então, no início do ano passado, comecei a pensar no "O Glauco Azul", devido aos acontecimentos prosaicos dos balões espões chineses.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Valter Correa: No caso de "O Glauco Azul" as minhas inspirações foram as manchetes da imprensa acerca dos episódios relatados acima. O processo de criação é bastante simples: primeiro organizo uma estrutura narrativa, com começo, meio e fim. Depois vou colocando

"alguns recheios" aqui e ali, mas ressalto que uma vez construída a

estrutura, a arquitetura está pronta!

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Valter Correa: Pois não: "Era mais um dia de treino de patrulha do grupamento da Royal Air Force - RAF, baseado, naquele momento, na longínqua ilha Santa Helena. Ainda faltavam umas duas horas para o amanhecer, mas os nove tripulantes do Boeing P-8A Poseidon se preparavam para as longas horas de exercícios do dia sobre as águas do Atlântico.



Conexão Literatura: Como analisa a questão da leitura no Brasil?

Valter Correa: Vejo com otimismo em face do interesse público na 27ª Bienal do Livro em São Paulo.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Valter Correa: A obra “O Glauco Azul” está no catálogo das maiores livrarias do Brasil ou em Portugal. Tanto no modo físico ou ebook.

Para falar comigo, será sempre um prazer, através do e-mail: correavalter22@gmail.com

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Valter Correa: Sim, o processo da escrita é escrever. Portanto, estou terminando o segundo (que seria o primeiro) e projetando um terceiro.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Capitães da Areia” - Jorge Amado.

Um ator ou atriz: Lilian Cabral

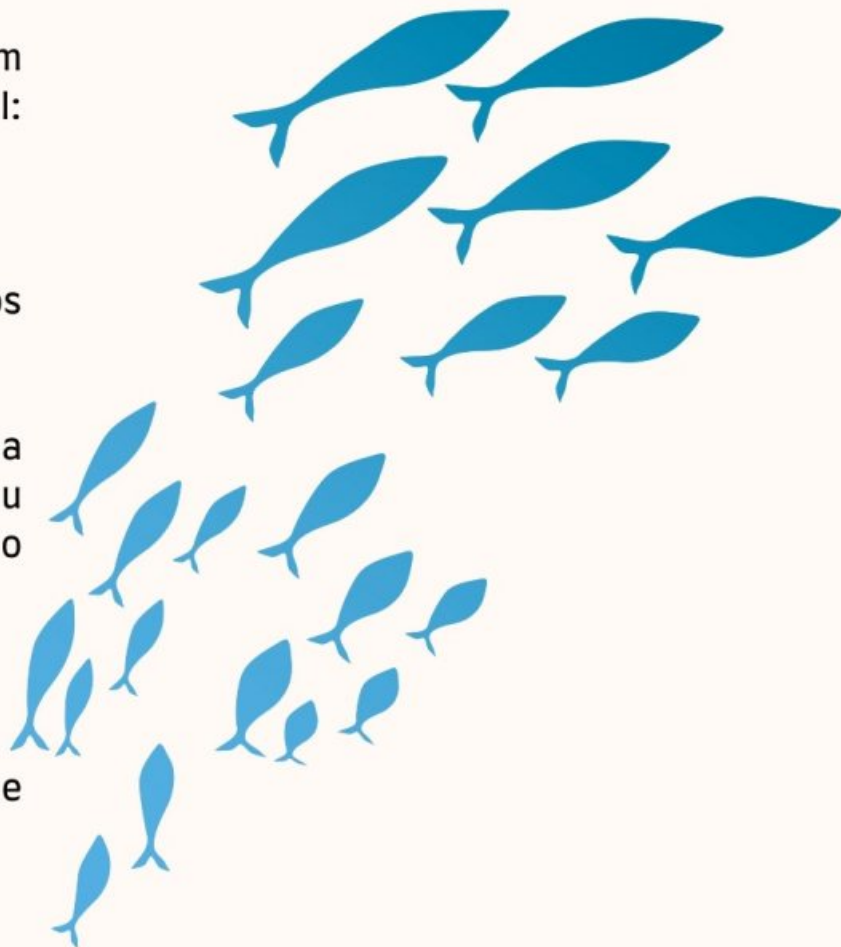
Um filme: “Alien o 8º Passageiro”

Um hobby: Navegar

Um dia especial: Todos os dias são especiais!

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Valter Correa: Ler é o melhor remédio!



Novos vídeos no canal
CONEXÃO NERD



INSCREVA-SE

www.youtube.com/conexaonerd

**APRESENTADO POR
ADEMIR PASCALE**



Entrevista exclusiva com Henrique Medeiros Sérgio

POR ADEMIR PASCALE



Foto divulgação

Programa Exame Minucioso, Henrique Medeiros Sérgio e André Luiz estiveram presentes na 22ª Flip - Festa Literária Internacional de Paraty, realizada de 9 a 13 de outubro em Paraty, Rio de Janeiro. Durante o evento, foram agraciados com os prêmios “100 Melhores Poetas da Língua Portuguesa” e “Prêmio Carioca de Excelência Artística 2024,” promovidos pela Editora Mágico de Oz (Brasil-Portugal).

Henrique Medeiros Sérgio é Escritor, Designer, Ilustrador. Palestrante: Relações Intrapessoais, Interpessoais e Pessoais. Autor/Pesquisador de Violências: Mulher e LGBTQIAPN+

Conexão Literatura: Primeiramente queremos agradecer a oportunidade de nos conceder essa entrevista. Você apresenta o "Programa Exame Minucioso" - que traz um olhar humanizado sobre questões sociais relevantes. Poderia comentar?

Henrique Medeiros Sérgio: A proposta é informar e provocar reflexões profundas, humanizando dados e oferecendo narrativas envolventes. Eu traduzi toda a proposta

do Programa, na trilha de abertura do Programa: “No Exame Minucioso eu vou mergulhar. Oferecer visão humana é o nosso traço. Mais que números eu vou te entregar. Histórias por trás das frias linhas. Cada tema aqui ganha nova vida. Na minúcia que a análise ensina.”. Nosso objetivo é que cada episódio continue servindo como um instrumento para novos debates e pesquisas.

Conexão Literatura: Há quanto tempo existe o programa e quantas entrevistas você já realizou?

Henrique Medeiros Sérgio: Desde sua criação em janeiro de 2017, o programa de Henrique Medeiros Sérgio realizou mais de 150 entrevistas, abrangendo especialistas em diversas áreas, pessoas afetadas por violência e participantes do Concurso de Miss Estado do Rio de Janeiro. Entre os destaques dessa fase inicial (2017/2024), estão as entrevistas com mulheres vítimas de violência doméstica, que deram origem ao livro "Relações Conflituosas e suas Narrativas da Violência Doméstica" (2019), um relato poderoso que se transformou em uma obra-reportagem. Em 2020, foi lançada outra obra significativa, "Pleníssimas, deixamos a tristeza para lá", que explora a experiência de ser Miss e discute temas como discriminação e autoestima, trazendo à tona questões sensíveis sobre imagem e identidade.

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Conexão Literatura: Quais os temas abordados no programa?

Henrique Medeiros Sérgio: Os temas abordados no programa incluem uma ampla gama de questões sociais e emocionais. Entre eles estão:

- **Violências contra Mulher e LGBTQIAPN+:** Exploração dos diversos tipos de violência enfrentados por mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, abordando questões legais, sociais e de apoio.
- **Bullying e Cyberbullying:** Discussão sobre o impacto psicológico e social das práticas de bullying e cyberbullying, bem como estratégias para prevenção e enfrentamento.

Discriminação: Enfoque nas várias formas de discriminação, seja por etnia, fatores físicos ou



Gravação do Programa em uma cafeteria no Rio de Janeiro

sexualidade, destacando os desafios enfrentados e as possíveis formas de enfrentamento.

- Fobias sociais e Retração social: Análise dos medos relacionados ao convívio social, suas consequências para a vida pessoal e profissional, e abordagens para superá-los.
- Depressão, Tristeza e Solidão: Reflexão sobre as experiências de tristeza e solidão e seus impactos na saúde mental e emocional, além de maneiras de lidar e buscar apoio.
- Doenças estigmatizadas: Questões relacionadas ao preconceito em torno de doenças e condições de saúde que são mal compreendidas ou socialmente marginalizadas.
- Relações Interpessoais e Pessoais: Discussão sobre a importância das relações humanas saudáveis, abordando desafios e formas de melhorar conexões com os outros e consigo mesmo.

Conexão Literatura: Você já passou por um momento inusitado no programa? Como foi?

Henrique Medeiros Sérgio: Nossas entrevistas são sempre bem tranquilas. Todos os programas gravados foram realizados em cafeterias, o que acaba criando um ambiente agradável tanto para o entrevistador quanto para o

entrevistado. Durante o período da pandemia, tivemos que realizar as entrevistas pela internet. Um momento engraçado aconteceu quando o gato de uma entrevistada entrou em cena durante a entrevista. O bichano acabou ficando em destaque por alguns minutos.

Conexão Literatura: Você já entrevistou algumas mulheres vítimas de violência doméstica. Para você qual foi o caso mais assustador que a sua entrevista relatou? Poderia comentar?

Henrique Medeiros Sérgio: Todos, esses relatos são poderosos e mostram a realidade brutal de muitas mulheres que enfrentam diferentes tipos de violência em relacionamentos abusivos. A forma como cada depoimento evidencia um tipo específico de abuso (físico, psicológico, sexual, patrimonial e moral) destaca a complexidade das experiências, e a luta constante dessas mulheres para saírem dessas situações.

Esses relatos são fundamentais para dar voz às mulheres que passaram por essas situações, ressaltando a urgência de promover apoio e segurança, além de educação sobre relacionamentos saudáveis e os recursos disponíveis para vítimas.

- Qualquer relacionamento deve ser muitíssimo analisado. Muitas das vezes deixamos nos envolver, pelo

impulso. E depois nos deparamos com o erro. Ai tarde d+ !! E quando não se tem uma base familiar + difícil a superação. Nada melhor de uma boa amizade para nos ajudar. (Transcrição do depoimento escrito de J.P.)

- Mantinha um caso homoafetivo e ela resolveu me proibir de tudo, me trancou em casa, me deixando sem celular. Depois de dias nesta situação, tive a ideia de pegar o chip do celular, para usar em um outro aparelho velho. Desta maneira, quando ela saiu, consegui ser resgatada pela polícia. Ela não foi presa, apenas cumpre medidas cautelares. (Depoimento de J.M)
- Ele me obrigava a assistir vídeos pornôns todos os dias. Sempre que eu chegava do trabalho estava ele, lá trancado no quarto com sua coleção de revistas com mulheres peladas. Cada dia ele ficava mais violento. (Transcrição do depoimento S.S)
- Ele começou a usar droga e fazer coisas erradas para manter o vício. Manteve-me em cárcere privado com meus dois filhos e nossa subsistência estava completamente comprometida, faltava tudo em casa. Consegui fugir e voltar para minha Cidade M.S. 2017 (Transcrição do depoimento M.S)

Sobre o primeiro relato: O depoimento de J.P. reflete a importância de construir relacionamentos de forma cuidadosa e consciente. A falta de

apoio familiar pode agravar o sentimento de isolamento, tornando essencial a presença de amigos para apoio emocional.

O segundo depoimento de J.M. é um exemplo de abuso em relacionamentos homoafetivos, frequentemente invisibilizados. A situação de cárcere privado e privação de comunicação ilustra a dinâmica de controle e dominação. A intervenção policial foi crucial, mas a narrativa também chama a atenção para a necessidade de medidas mais rigorosas contra os agressores.

No terceiro depoimento, S.S. relata a violência psicológica e sexual ao ser forçada a assistir pornografia repetidamente. O comportamento do parceiro revela uma dinâmica de coação e controle que frequentemente evolui para violência física.

No último relato, M.S. compartilha o desespero de viver em cárcere privado com filhos pequenos, com um parceiro cujo vício agravava a situação de vulnerabilidade financeira e emocional. Sua fuga e retorno à cidade de origem representa um momento de libertação, mas também de luta por recomeço.

A legislação brasileira reconhece diferentes tipos de violência contra a mulher, conforme definido na Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006).

Conexão Literatura: Além de



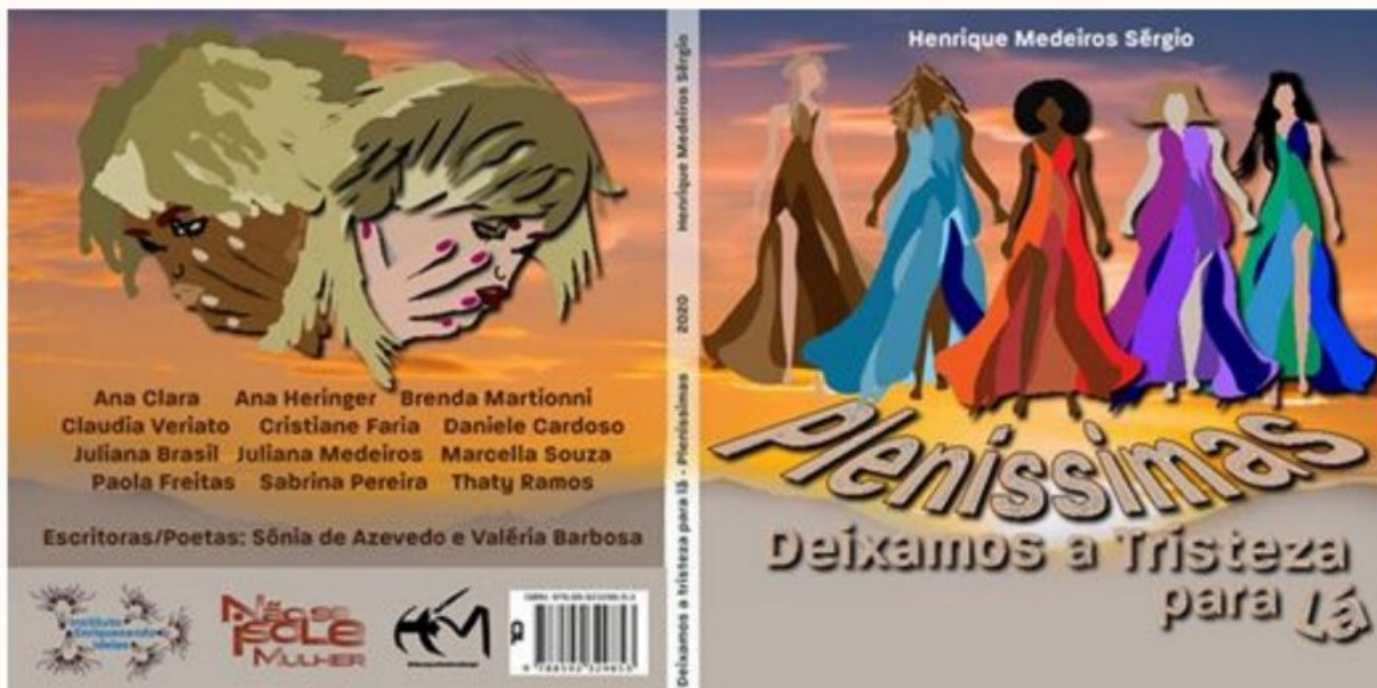
Capa do Livro (2019) com 140 páginas. Ilustração Henrique Medeiros Sérgio

entrevistador você é autor de vários livros, incluindo o livro "Relações Conflituosas e suas Narrativas da Violência Doméstica" (2019), e a obra-reportagem "Pleníssimas, deixamos a tristeza para lá" (2020), que aborda a experiência de ser Miss e discute temas como discriminação e autoestima. Comente.

Henrique Medeiros Sérgio: Os dois livros, trazem depoimentos realizados pelo Programa Exame Minucioso.

A formação biopsicossocial é desenvolvida e estimulada desde os primeiros anos de vida da mulher. Neste período, inicia-se

compulsoriamente pelos responsáveis as obrigações sociais estratificadas com relação as diferenças de gênero. No aspecto deste desenvolvimento é subsumida ao machismo, sexismo, ditame patriarcal e as diversas desigualdades sociais impregnadas na sociedade. Envolvendo diversos atores e esferas sociais, a violência interpessoal entre parceiros íntimos no ambiente doméstico, as violências domésticas causam danos irreparáveis e se apresentam análogas em condutas criminosas perpetradas em inúmeras narrativas desta investigação. Como resultado deste exame minucioso somado a



Capa do Livro (2021) com 390 páginas. Ilustração Henrique Medeiros Sérgio

aplicação dos conceitos e conhecimentos em design gráfico digital, o estudo disponibiliza um material para o fortalecimento da mulher, contribuindo para a conscientização, a ruptura do silêncio e o ciclo vicioso da violência, permitindo uma reflexão crítica e o reconhecimento do ato criminoso através da orientação de como sair viva da relação conflituosa e abusiva e da dinâmica evolutiva da violência doméstica.

As entrevistadas responderam as seguintes perguntas:

- 1) Discriminação – Qual foi o episódio que mais irritou você? Houve reação de sua parte? Como esse fato pode servir de exemplo?
- 2) Diferenças – O que te faz diferente?
- 3) Amando seu Corpo – Como você

contribui para que outras mulheres igualmente “amem seu próprio corpo” e que tenha essa força?

- 4) Julgamento – Como lidar com seu corpo?
- 5) Autoestima Negligenciada – Como você contribui verdadeiramente para que outras pessoas possam aprender e inspira-se em você?
- 6) Isolamento-Depressão – O que é importante para vencer a depressão e manter uma saúde mental mais saudável?
- 7) Violência contra as Mulheres – Qual é o seu papel de mulher na sociedade e como você contribui para a valorização das mulheres?
- 8) Desengula ou Morra! – O que você teve que engolir na vida que hoje está podendo desengolir?
- 9) Varinha Mágica – Se você pudesse voltar no tempo em toda trajetória da sua vida, para quando você voltaria e

o que você alteraria?

10) Desafios e indecisões – Qual foi seu maior desafio ao tomar uma decisão em sua vida? Como ela pode servir de exemplo positivo ou negativo para outras pessoas?

11) Desejo de participar – Como surgiu o desejo de participar de um concurso de beleza, um “Concurso de Miss”?

12) Importância Social – Qual é a sua ação em benefício de uma causa? Onde você deseja chegar?

13) Será que mudei? – O que você acredita que mudou depois de participar do concurso? O que você faria de diferente?

14) Próximo voo? – O que você planeja para sua vida profissional?

15) Narrativas das Entrevistadas – Nossa conversa continua. Agora com as perguntas sugeridas pelas entrevistadas.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro que você acha especial?

Henrique Medeiros Sérgio: Trago essa minha ilustração sobre violência sexual: “Nunca se esqueça dos perigos também do mundo real. Ambientes que muitas vezes parecem seguros podem esconder ameaças. Não adie, não abafe o caso e não proteja qualquer tipo de vilão, seja ele quem for.” (Aquiência – Consentir ou Não Consentir 2024)

Conexão Literatura: É verdade que você pretende transformar o “Programa Exame Minucioso” em um podcast? Por quê? Comente.

Henrique Medeiros Sérgio: Estamos gravando novos episódios com o objetivo de disponibilizá-los em 2025. A proposta é informar e provocar reflexões profundas, humanizando dados e oferecendo narrativas envolventes. A partir de 2025, o programa se transformará em um podcast, ampliando seu alcance e aprofundando as discussões. Acreditamos que esse novo formato é mais dinâmico e permite uma produção mais ágil em comparação aos programas gravados em vídeo. Essa evolução trará maior flexibilidade e, possivelmente, uma interação mais próxima com o público.

Conexão Literatura: É verdade que você pretende transformar o “Programa Exame Minucioso” em um podcast? Por quê? Comente.



Ilustração publicada em diversas obras do autor

Henrique Medeiros Sérgio: Estamos gravando novos episódios com o objetivo de disponibilizá-los em 2025. A proposta é informar e provocar reflexões profundas, humanizando dados e oferecendo narrativas envolventes. A partir de 2025, o programa se transformará em um podcast, ampliando seu alcance e aprofundando as discussões. Acreditamos que esse novo formato é mais dinâmico e permite uma produção mais ágil em comparação aos programas gravados em vídeo. Essa evolução trará maior flexibilidade e, possivelmente, uma interação mais próxima com o público.

Conexão Literatura: Quais são as suas expectativas para o futuro?

Henrique Medeiros Sérgio: Continuar sempre levando boas pesquisas e bons textos para meus leitores.

Conexão Literatura: Como tem sido a receptividade do seu público com o "Programa Exame Minucioso"?

Henrique Medeiros Sérgio: Na primeira fase do programa em formato de vídeo, todos os episódios foram utilizados como material de apoio para livros ou Trabalhos de Conclusão de Curso. Acredito que nossa contribuição tem sido bastante positiva

Conexão Literatura: Como o leitor

interessado deve proceder para saber mais sobre você e o seu trabalho, participar do programa com uma entrevista e adquirir os seus livros?

Henrique Medeiros Sérgio: Instagram @HenriqueMedeirosSergio ou através da www.henriquemedeiros.com.br página

Conexão Literatura: Existem novos projetos para o futuro?

Henrique Medeiros Sérgio: Esses são alguns dos meus projetos que refletem minha diversidade criativa! O lançamento das músicas, o livro sobre consentimento e as relações pessoais, além do livro ilustrado sobre relacionamentos, mostram uma abordagem profunda e multifacetada sobre temas contemporâneos.

Em 2025, lançarei seis músicas que gravei em 2024, nas quais componho e canto. Elas estarão disponíveis nas plataformas de música.

Em dezembro de 2024, lançarei em Portugal e em janeiro no Rio de Janeiro o livro "Aquiescência – Consentir ou não consentir?", pela editora Mágico de Oz. Neste livro, trato das relações pessoais e interpessoais, explorando os limites da capacidade ou possibilidade de ser codelinquente. Até onde podemos ser "codelinquentes" com as coisas que acontecem em nossas vidas?

Além disso, em 2025, publicarei o livro ilustrado "Sexo, chuva e chocolate e

outras coisinhas", pela Editora Conejo, que explorará o universo das relações casuais, abertas, fechadas e dos relacionamentos compartilhados.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Henrique Medeiros Sérgio: Obrigado! É sempre um grande prazer compartilhar um pouco dos meus projetos com seus leitores e ser entrevistado pela revista, que tem sido um importante instrumento de apoio para profissionais que desejam falar sobre suas atividades. Mais uma vez, parabéns pela seriedade do seu trabalho.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

O LADO BOM DA VIDA

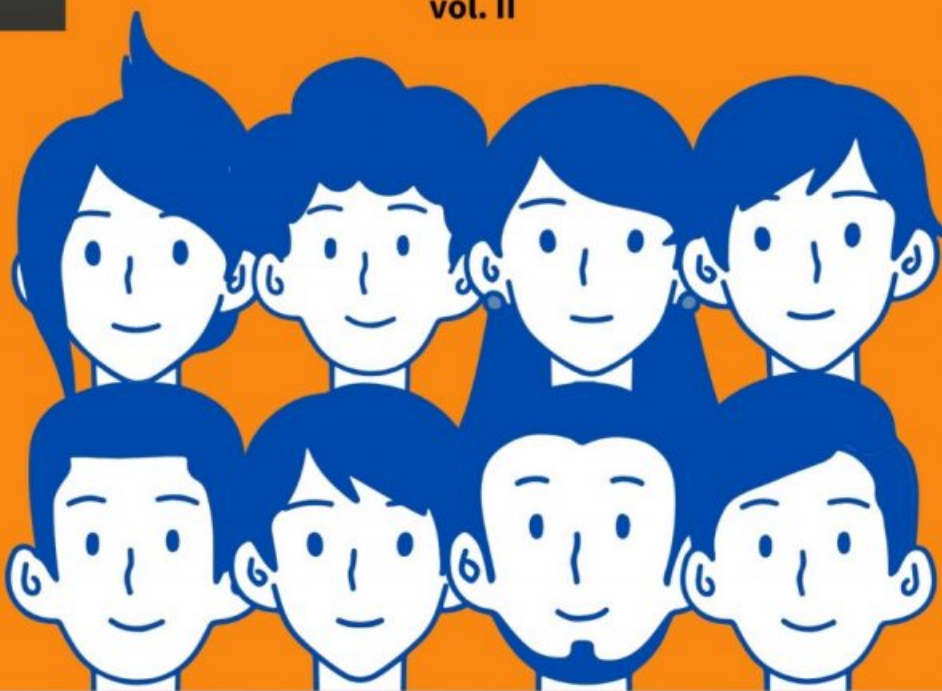
CONTOS E POEMAS
VOL. II

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

*O lado
bom da
vida*

contos e poemas
vol. II

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org

look (6)
Eina Maachini




inspired by
Russian costume sarafan
cc 18



citações
 de grandes
 autores

Revista
Conexão Literatura

An illustration of a woman with voluminous, dark, curly hair, wearing large hoop earrings and a necklace. She is seated at a desk, writing in a notebook with a pen. The background is a warm, orange-toned scene with stylized trees and a window. The overall style is a detailed, painterly illustration.

“(...) quando percebi
que eu sou poetisa
fiquei triste porque o
excesso de
imaginação era
demasiado.”

CAROLINA MARIA DE
JESUS

Ela acreditava em anjo e, porque acreditava, eles existiam.”

CLARICE LISPECTOR





Ademir Pascale - Editor



participe das nossas

Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais
CLIQUE AQUI

www.revistaconexaoliteratura.com.br



POR MÍ SANTIAGO

EDINEI E JOSEFA

Desde que iniciei um curso de fotografia neste ano de 2024, meu senso para registrar imagens diversas se intensificou, e em cada parte e sopro de vida procuro registrar esses momentos, eternizando-os em meu celular ou por meio da lente precisa da máquina fotográfica, que, convenhamos, aparelho não mais visto com tanta frequência nas mãos de “amantes da fotografia” que optaram por Smartphones ou iPhones.

E neste modernismo me incluo também na mescla de utilização de máquina e celular, já que ambos suprem o mesmo propósito. Amadora, mas sempre testando minha sensibilidade às cores e sabores da natureza ou a movimentos de pessoas e pets, buscando em meus cliques toques de sutilezas à vida e a todo o seu redor.

Foi num destes finais de semana em que o sol se empenha em bronzear os terráqueos que peguei os aparelhos e bora fui saracotear pelo lindo jardim da orla de Santos, cidade litorânea de São Paulo. Então comecei a andança, lógico que não percorri os sete quilômetros de praia — não senhor, não vamos exagerar —, e lentamente fui observando o cotidiano dos frequentadores da praia.

Iniciando o passeio pelo canal 1, caminhei passando por monumentos e conjuntos esculturais, obras de arte que desta vez não faziam parte de meu cenário fotográfico, focando em texturas e aromas diferentes de plantas que ornaram toda a extensão da praia.

Quase chegando ao canal 2 reduzi o passo ao me deparar com uma cena inusitada, destas que você não vê nunca por aí, mas que, discretamente, mereceu um clique especial – lógico que depois pedi autorização para baixar – quando um rapaz se levanta, vai ao jardim e escolhe uma bela flor e depois se ajoelha à amada, pedindo-a em casamento, falando alto e em bom tom!

A cena típica de bons romances foi acompanhada por gritaria e palmas dos que passavam pelo local acompanhando a movimentação do casal, que foi realmente muito emocionante!

O rapaz apaixonado era bem jovem, lá pelos vinte e poucos anos, e a futura noiva com mais idade. Pelo o que puder observar e depois a confirmação por meio de vídeo que fizeram no YouTube, ele estava já em um bom emprego fruto de concursos públicos e ela, designer de moda.

Se conheceram quando Giuseppa Greco, que aportuguesava seu nome para Josefa, promovia desfile de sua criação nos jardins da Luz, uma praça ligada à Pinacoteca de São Paulo. Sofrendo tentativa de assalto, Josefa foi salva pelo jovem Edinei, lutador de taekwondo que colocou o assaltante para correr, iniciando assim, um vínculo de amizade com ela. Naquela ocasião, buscava outro emprego, vindo a trabalhar com Josefa...

Ainda no jardim da praia... O casal muito bonito combinava em estatura, cor de pele e de cabelo, assim como em porte físico. Me despedi dos dois, que há esta altura do campeonato já estavam rodeados de admiradores e prossegui com os cliques em plantas e flores do grandioso e famoso jardim santista.

Como são as coisas, no dia anterior o casal se destaca pela linda cena romântica e no dia seguinte, são alvos do jornalismo por causa de um acidente de moto, que levou ao hospital Edinei, em estado grave, colocado a coma induzido. Pela felicidade que me causaram, fui ao hospital prestar apoio à Josefa e lá encontrei uma mulher em sofrimento,

já que no exame de sangue algo estranho foi encontrado e os médicos em estudo iriam apresentar o resultado.

Assim que me viu, Josefa me reconheceu e agradeceu pela ajuda, já que sozinha no momento buscava um “ombro amigo”.

— Ainda resido na capital paulista, Edinei após passar no concurso vive aqui em Santos, cidade que me encantou. Mal trocamos palavras e o médico a chamou em um cômodo para conversarem.

Josefa saiu aos prantos da sala com o resultado dos exames nas mãos, passou por mim como se não visse ninguém em sua frente e se pôs a descer as escadas correndo. O médico a chamou, mas a mulher nem olhou para trás, continuou escadaria abaixo. Consegui alcançá-la no térreo. A chacoalhei para tirá-la de um transe nervoso e olhando-a nos olhos, ofereci ajuda.

Com muita paciência a levei para minha casa, acomodando-a no sofá com uma xícara de chá, Josefa mais calma foi voltando a si. Pálida e com lágrimas ao rosto, a mulher dizia que tudo estava acabado, os sonhos de um futuro com ele não poderiam se realizar. Questionei sobre qual doença Edinei tinha apresentado nos exames, estaria em fase terminal?

Chorando e tremendo ela me deu o resultado, e eu mal conseguia acreditar: Edinei era seu filho, como a tragédia grega, a mitologia de Édipo e Jocasta. Temendo o final da história, precisava ajudar aquela mulher!

Josefa, arrasada, entre choro e soluços foi contando a sua vida; pois a mesma não tinha mais sentido algum para ela.

— Como você deve ter percebido, venho de uma família de grandes posses, meu pai um rico empresário paulistano casou-se com minha mãe de abastada família italiana. Sou o único fruto desse amor, já que meu irmão falecera ainda criança. Minha mãe também designer assim como eu, viajava muito à Milão, na Itália, para acompanhamento de desfiles de moda e meu pai, para negócios em sua filial no Centro-Oeste brasileiro. Alguém fiel que me levasse e acompanhasse na escola e em todos os lugares, me foi destinado um primo de minha mãe, que viera tentar a vida no Brasil.

— Roberto aprendeu praticamente comigo a nossa língua, era inteligente, muito educado, solícito e nunca reclamava de nada. Aos poucos foi conseguindo se acertar e recebeu a nacionalidade. Além de meu motorista, era ainda guarda-costas e amigo, sim, a ele eu confiava minhas palavras. Na verdade, se divertia com minhas histórias infantojuvenis, tinha ele o dobro de minha idade.

— De criança magricela, comprida e desengonçada, minha beleza foi desabrochando na adolescência, começando a chamar a atenção dos rapazes, até mesmo de Roberto. E foi aí que eu também comecei a notá-lo não mais como um amigo, mas como o homem que me acompanhava em tudo, me conhecia nas fraquezas e na alegria, sabia de meus gostos e de meus amigos. Ele era tudo o que eu conhecia de vida!

— No aniversário de meus 16 anos meus pais não puderam ficar comigo, pois o serviço sempre em primeiro plano, os levou às viagens rotineiras. Arrasada, foi nos braços de Roberto que me consolei; surgindo o nosso romance secreto. Meus pais de nada desconfiaram, até que a gravidez foi se anunciando como resultado de um mal-estar para mim.

— E ele, o que fez?

— Entrou em choque assim como eu. Sem saber o que fazer, não tivemos tempo de pensar porque uma das empregadas, a mais antiga, a governanta, foi ter com minha mãe suspeitando de algo errado, já que eu parara de reclamar das costumeiras cólicas menstruais. Imediatamente meus pais me levaram para exames e depois fui encurralada a contar a verdade e Roberto, culpado por não cuidar de mim, pensavam eles.

— Mais alguns dias, o desgosto de minha mãe foi saber ser o primo Roberto o pai da criança. Muito religiosos, fazer um aborto foi descartado de imediato. Para honrar minha vida na sociedade, uma doença a tratamento em Brasília foi a desculpa que me levou à capital do país, local onde ficaria sem receber visita de ninguém. Roberto fora enviado à Itália, fez um acordo com meu pai por causa de minha menor idade. E o bebê seria entregue a uma família logo após seu nascimento.

— Quanto sofrimento, disse-lhe eu com o coração partido.

— Ainda hoje me lembro de quando ele nasceu. Estava cansada, mas vi quando chorou, cabelos claros como os do pai, lindo, com mais de três quilos. Estendendo os braços o médico o entregou para a enfermeira, que rapidamente o tirou da sala de parto. E essa foi a primeira e última vez que o vi. Como poderia saber que Edinei é meu filho? Pelo o que sei dele vem de família do interior, os pais têm uma pequena fazenda, mas Edinei quis tentar sua vida sozinho.

Josefa desesperada não sabia o que fazer. Primeiro dei-lhe um remédio para dormir, algo fraco que eu tomava quando muito necessário e ela caiu no sono. Na manhã seguinte, conseguimos conversar e passando a noite em claro, me veio à mente algo para ajudar aquela pobre mulher, que mais uma vez, deveria deixar seu filho para sempre, mudando-se para bem longe.

Era um plano simples que ela escutou com muitas lágrimas, as mesmas que derrubou no momento em que teve a separação de seu bebê. Edinei jamais poderia saber a verdade de suas vidas e como encontrava-se em coma, contaria com a discrição do médico, que concordou, após saber da verdade trágica, pois era um homem bom. Diria que Josefa foi embora sabendo do coma e nada mais.

E assim aconteceu, após quatro meses internado Edinei foi voltando a si, recobrando a memória e a falta da amada. Josefa se encarregou das despesas do hospital, teve a gratidão da palavra do médico que não contou a verdade do resultado do exame de sangue e assim, o rapaz na tristeza de ser abandonado por ela, deixou o estabelecimento, retornando para acompanhamento de exames.

De Brasília, Josefa mudou-se para Milão. Pretendia residir na Europa até o final de seus dias dedicando-se ao trabalho e ajuda às novas modelos, se ocupava o dia inteiro para não dar chance a si mesma, a um novo romance.

Sem saber o que fazer e desiludido, Edinei retornou junto de seus pais para a pequena fazenda no interior de São Paulo. A memória de Josefa e o ódio que sentia por ela estava o consumindo e levando-o à loucura. Não conseguia entender porque ela o abandonou após beijá-lo com tanto amor em uma noite. O rapaz ainda podia sentir seus lábios em contato com os dele, e isso o motivou a procurá-la, queria ouvir dela a razão do abandono.

Edinei foi em todos os lugares possíveis não obtendo uma resposta sobre Josefa era como tivesse evaporado do planeta. Depois de muita procura desistiu e resolveu dar-se uma chance, a uma antiga namorada de escola que nunca o esqueceu, tentaria ser feliz e seguir com sua nova vida.

Dos amantes nada sobrou, apenas o vídeo no YouTube da troca de amor eterno feito no jardim da praia, que ficara no passado, esquecido e envelhecido gradativamente pelo tempo.

Baseado na mitologia grega: Édipo e Jocasta

Trata-se de uma história antiga que ficou mais conhecida pela tragédia Édipo Rei, escrita pelo dramaturgo grego Sófocles no século V a.C. Édipo é um personagem da mitologia grega, ele foi mencionado por outros escritores gregos, mas a versão de Sófocles foi a que tornou o personagem mais popular. Esse dramaturgo também escreveu outras peças, como Antígona e Édipo em Colona.

A trama do mito de Édipo é encontrada na peça de Édipo Rei e conta da profecia que um oráculo dá sobre o filho de Laio e Jocasta, rei e rainha de Tebas. Essa profecia fala que Édipo matará seu pai e desposará sua mãe, e isso causa seu abandono pela família. Uma vez adulto, a profecia se cumpre, e Édipo realiza o que o oráculo anunciou.

Mí (Míriam) Santiago: jornalista e graduação em Letras. O “Livro Negro dos Vampiros” foi o *start* para a divulgação de várias histórias sobrenaturais, publicando ainda contos em gêneros diversificados em conceituadas editoras. Mensalmente contribui na Revista Conexão Literatura. Além de amar escrever, ainda se dedica à fotografia e leitura.

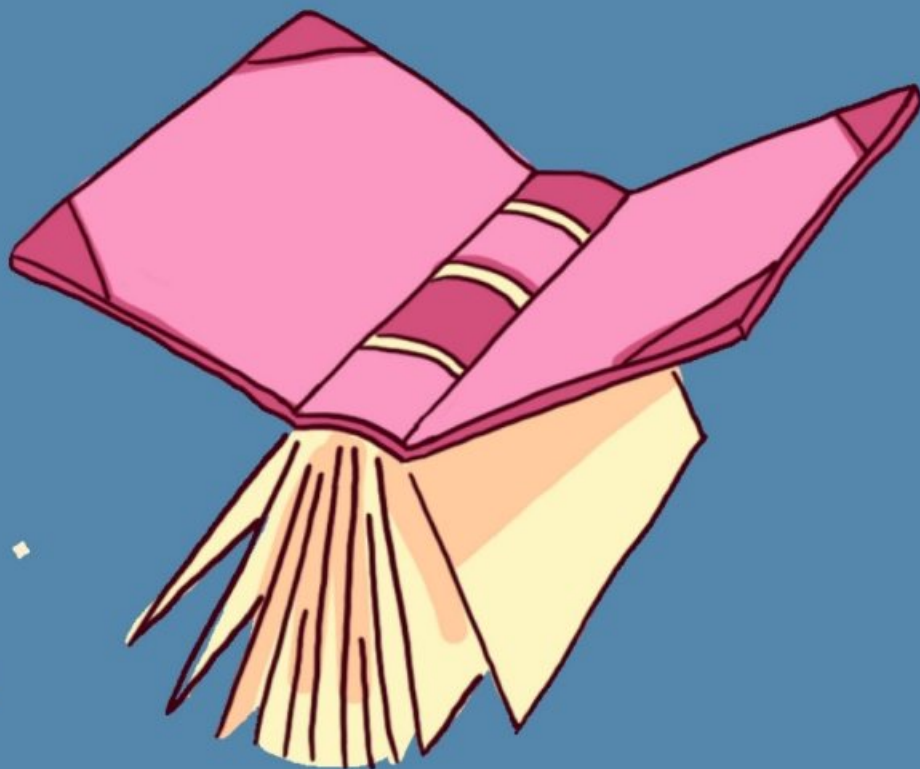
Contato: mirianssantos@gmail.com

<https://www.instagram.com/miriammorganuns/>

<https://www.facebook.com/miriam.santiago.372>

<https://miriammorganuns.blogspot.com/>

Deixe que
os livros
te levem para
lugares nunca
antes vistos



Revista Conexão Literatura



POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

A VERDADEIRA SOLIDAO

Denise afastou a cortina com um único gesto abrupto, concentrando a força nos dedos polegar, indicador e médio. Já eram 07:00 horas e precisava despertar para a correria rotineira.

Quase que num movimento exclusivo, afastou a janela de correr para dar espaço à luz leitosa, autenticamente pálida do dia nublado. Mas ao menos havia frescor, ainda que acompanhado de um desânimo inafastável, borrado o céu que vislumbrou com nuvens acinzentadas.

Como um ser autômato, dirigiu-se ao banheiro. Abriu a torneira, deixou a água fria escorrer por alguns segundos. Aquilo era algo que sempre lhe agradou, o som da água fluindo e se dissipando no vácuo do encanamento.

Secou o rosto com a toalha de mão, macia, cuja cor era em tom de algodão. Uma agradável sensação aquele toque suave.

Olhou com firmeza para o espelho. Tinha trinta e quatro anos e não se achava uma mulher velha. Se não era deslumbrante, tampouco possuía traços desarmônicos. O rosto um pouco encovado, olhos castanhos de grande dimensão, cílios longos. Sobrancelhas grossas, castanho escuras. O nariz um pouco arrebitado, de tamanho médio completava o rosto, emoldurado por cabelos lisos longos, repartidos ao meio, da mesma cor das sobrancelhas.

Enfim, considerava-se “normal”. Não excepcional. Nem em beleza nem no padrão inverso.

Suas amigas gastavam quase tudo o que ganhavam com procedimentos estéticos. Cabelos, pele, harmonização facial. Dietas, exercícios, massagens. Ainda existia a necessidade das unhas estarem sempre bem feitas e pintadas, além de maquiagem, preferencialmente importada. Ah e as roupas e acessórios eram imprescindíveis, repetir vestido em duas festas seguidas consistia em algo inimaginável.

Em verdade, sentia uma legítima preguiça ao ter de ceder a tantas exigências. Fazia exercícios, alimentava-se de modo razoavelmente saudável, considerando a necessidade de comer fora, no refeitório da empresa em que trabalhava, durante toda a semana, o que não era exatamente ideal. Mas estava bem fisicamente, possuía peso equilibrado e se arrumava de modo simples, porém elegante. Sempre achou que a história do “menos é mais” era um princípio bastante inteligente da moda. Evidentemente, para algumas pessoas.

Parou de divagar e apressou-se em se arrumar, já tendo na véspera separado um conjunto de calça e blazer com os respectivos acessórios, assim como uma blusa de malha fria leve, que iria sob o blazer. Tomou café de modo lampejante, engoliu uma torrada e resolveu se maquiagem suavemente no carro.

Chegando na empresa, após cerca de quarenta minutos de um trânsito lento e desagradável, fato corriqueiro em seu dia a dia, após deixar a bolsa sobre sua escrivaninha, percebeu que Elizabeth, Maria Olívia e Neusa estavam conversando em um canto da sala coletiva, ainda não totalmente ocupada pelos funcionários que chegavam, pouco a pouco,

com ares de cansaço e nula empolgação. Elas estavam com as fisionomias bastante sérias. Ficou curiosa e resolveu se aproximar.

— Olá, bom dia meninas, está tudo bem? — disse, abrindo um sorriso simpático.

Foi Maria Olívia, uma mulher de cerca de quarenta anos, cabelos curtos, baixa e com peso em demasia para sua dimensão, que respondeu:

— Ah, oi, Dê, tudo bem? Puxa, você não sabe, aconteceu uma coisa horrível...meu Deus....

Denise ficou assustada.

— Nossa, o que foi? Morreu alguém por acaso?

Evidentemente, Denise não proferiu essa frase em tom jocoso, mas o fez até mesmo sem pensar direito, como quem se refere a possível ocorrência de algo não tão gravoso quanto a morte. Fato definitivo que a última consubstancia.

Elizabeth, uma mulher magra, de média estatura e ascendência oriental, pronunciou-se, com o tom da voz um tanto entristecido:

— Sim, Denise, pior que sim. Sabe a Deoná?

Por alguns segundos Denise ficou tentando conectar o nome a alguma imagem arquivada em sua memória. Quase que ao mesmo tempo em que Elizabeth voltou a se manifestar, veio-lhe à lembrança a figura de uma moça jovem, de não mais que vinte e oito anos, a qual trabalhou cinco anos como secretária do gerente do departamento de compras da empresa e se desligou do trabalho para casar e alterar sua rotina de vida, pois iria se dedicar exclusivamente à família. Parece que havia engravidado do namorado, o que acelerou o matrimônio.

— Deoná, lembra, ex-secretária do José Antonio? O gerente de compras?

— Sim, claro que lembro, uma moça jovem, bonita e bastante alegre. O que aconteceu?!

— Ela teve um bebê e ganhou muito peso na gestação. Resolveu fazer mais de um procedimento cirúrgico para fins estéticos, prótese e lipoaspiração, acho eu. Mas em vários membros. Em decorrência de algo que não transcorreu como deveria, acabou falecendo após alguns dias internada! O filho com um ano e meio, olha que tristeza!

— Gente, que horror, não acredito! Tão nova, gentil, estava tão feliz com o casamento! Mas ela foi operada em hospital, médico habilitado, vocês sabem detalhes?

Neusa, a mais velha dentre elas, uma mulher na casa dos cinquenta anos, morena, alta, encorpada e bastante charmosa, explicou o acontecido.

— Ai, Denise, muito triste mesmo! Ela foi operada por médico com CRM, cirurgião plástico sim, mas na clínica dele. Não sei se pelo excesso de intervenções ou eventual falta de uso de algum equipamento nos procedimentos, aconteceu alguma complicação, ninguém explicou direito...

Denise ficou pesarosa com a notícia. Aquela moça, Deoná, ainda que porventura estivesse com excesso de peso, era sim bonita à sua maneira e bastante alegre, expansiva até. Lembrou-se de conversar com ela na toailete feminina da empresa, pouco antes de se casar. Estava exultando de felicidade com a proximidade do enlace. Deoná tinha muita preocupação em não engravidar, em envelhecer sem ter uma família, um filho. Aquela conversa a impactou. Claro que Denise desejava ter a “sua família”. Mas vinha de uma tão desestruturada, seus pais se separaram quando tinha não mais de seis anos e pouco conviveu com o genitor durante o curso de sua existência. Ele era argentino e voltou para o país de origem alguns anos depois da separação. Não era afetuoso nem tampouco se preocupava em concorrer para as despesas da filha, assim o fazia esporadicamente. Sua mãe havia lutado com muita garra para sustentá-la e custear os seus estudos até o fim de faculdade. E agora, nem possuía mais a possibilidade de encontrá-lo para tentar acertar “as contas” em busca do perdão ideal, já que o pai havia falecido há não mais de três anos e meio...

Olhou para baixo e se afastou em direção à mesa de trabalho. Precisava ficar um pouco em silêncio, absorver aquela notícia tão repentina e violenta.

Denise sempre imaginou que ter um filho deveria ser consequência e não objetivo precípua de uma união. O resultado de se escolher amar alguém e ser igualmente eleita nesse sentido. Mas a cada dia que passava, perdia as esperanças de encontrar um homem decente, amoroso e desejoso de executar esse projeto de vida. Nem estava sozinha nesse estado e sob a mencionada percepção. Observava mulheres de diversas idades, formações, aspectos físicos, situações econômicas, reclamando do mesmo dilema. Múltiplas maneiras de expressar idêntico desalento.

Mas os desafios não eram exclusivamente sociais na cobrança por uma “família”. Seu trabalho consistia em elaborar projetos de marketing para a empresa, que produzia itens variados para público infantojuvenil (de roupas a complementos como algumas linhas de calçados). Já havia escutado de uma ex-chefe de seu departamento, Maria Augusta Almeida, a seguinte frase:

— “Por mais difícil que seja compatibilizar tudo, acho pouco provável você desenvolver estratégias para atrair e fidelizar novos clientes, além de melhor pensar sobre campanhas, sem ser mãe. Nosso público é menor de dezoito anos, não se esqueça, eles precisam pedir para que os pais comprem os produtos”.

Aquilo, vindo de uma mulher, a deixou impactada. Então, se em descompasso com a aceleração contínua de seu relógio biológico, não lograsse êxito em encontrar “o homem certo” e, ainda em outro contexto, caso não fosse fértil em termos reprodutivos, não seria capaz de bem exercer sua profissão de natureza intelectual?

Sim, era isso. Algo reducionista, preconceituoso e talvez não deliberado. Talvez apenas fosse o subconsciente da ex-chefe falando sozinho...

Deoná, tão jovem, bela e intensa, havia ganho peso em consequência da gestação de seu filho. Para se sentir desejada e alcançar padrões inatingíveis de um padrão estético

imposto socialmente, havia se submetido a variadas intervenções cirúrgicas facultativas e, em consequência delas, findou por falecer.

Denise apenas pode concluir consigo mesma que, no universo das intituladas relações humanas baseadas em interesses compartilhados ou trocados, poderia sim se afastar de muitas pessoas. Apenas não poderia se afastar de si mesma. De quem ela era. Com suas nuances, defeitos, sinais do tempo, imperfeições físicas ou não. E o contrário disso tudo. E o que realmente importava? Não se abandonar. Pois essa seria a legítima solidão.



Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado *Para nossas meninas*, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.

Você não sabe como divulgar

O SEU LIVRO?



FIQUE TRANQUILO, NÓS FAZEMOS ISSO PARA VOCÊ!

DIVULGUE PARA MAIS DE 900 MIL
LEITORES POR APENAS R\$ 180,00

SAIBA MAIS: CLIQUE AQUI ←

www.revistaconexaoliteratura.com.br

POR ROBERTO SCHIMA

AO ENCONTRO DO SONHO



Era janeiro de 1.999.

A noite estava fria na pequena cidade, como fria deveria ser toda e qualquer noite de inverno. Passava da meia-noite e poucos automóveis circulavam pelas vias principais, cada qual carregando consigo seus sonhos, pesadelos e fantasias. De um modo geral, o que se tinha eram sombras mudas e escuras deliciando-se com o sereno, com o roçar de papéis amassados, folhas mortas e galhos retorcidos.

Era uma pequena cidade.

Apesar dos séculos, ela pouco fez para crescer, para acompanhar suas irmãs rumo ao progresso, ao futuro onde a energia nuclear andaria passo a passo com inacreditáveis realizações materiais. Não, ela optou por não se desenvolver assim. Manteve suas casas de madeira, suas árvores ornamentando as ruas, as flores sob as janelas. De vez em quando, até mesmo uma carruagem percorria os calçamentos de pedra ao som ritmado dos cascos. Decidiu ser menina para sempre, bucólica por toda a vida. E muitos a amavam por isso.

E, num dos inúmeros cantinhos dela, algo estava por acontecer.

Um movimento sorrateiro e sem ruído. Era um pedaço da noite, um enorme gato preto, feito das sombras mais escuras. Cruzou uma das ruas silenciosas, subindo posteriormente calçada acima até alcançar o portão de uma das casas, aonde entrou. Momentaneamente, seus olhos brilharam como duas chamas ao refletirem a luminosidade de uma lâmpada pendente sobre a varanda. Não se deteve e prosseguiu com sua marcha furtiva, subindo e subindo, até pular sobre a amurada de madeira, equilibrando-se com perfeição.

Repentinamente, uma porta de tela rangeu e o gato soltou um guincho estridente, assustado.

— Salem... é você? — perguntou a voz rouca.

Os pelos do felino se assentaram e ele se esgueirou na direção daquele homem que saiu, movimentando-se na cadeira de rodas. A porta se fechou com outro rangido, encerrando a atmosfera antiga da construção. Num pulo ágil, o animal pousou sobre o colo do seu dono.

— Isso, bichano, é assim que se faz.

A luz artificial iluminou a mão coberta de rugas quando ele se movimentou até quase tocar os pés na amurada. Acariciou a pelagem sedosa lentamente.

— É assim que se faz — repetiu o velho, voz cansada.

O gato ronronou, saboreando o toque em seu dorso e sob o pescoço. Cerrou os olhos de fogo.

Diante do homem, havia uma escadaria de cimento que descia até o portão e há anos não era utilizada; à direita, encontrava-se a rampa por onde ele saía e entrava da casa sempre que precisava. O mato crescia nos jardins mal cuidados. Fungos se desenvolviam na escuridão do cercado. Uma macieira e um pinheiro cobriam a visão do outro lado da rua; na escuridão da noite, não passavam de vultos gigantescos farfalhando um para o outro, murmurando segredos de celulose.

Ele ergueu os olhos das árvores para o céu. O rosto pálido e enrugado, parcialmente iluminado pela lâmpada sobre a varanda, contraiu-se, e ele recuou um pouco, escondendo os cabelos brancos e o olhar cintilante de menino. Na proteção da penumbra, ele fitou a abóbada e suspirou. Sim, elas continuavam lá. Estavam lá sempre e

sempre, e ele as amava, todas elas, desde que era um garoto correndo feito maluco pelos milharais com seus tênis encardidos. Como milhões de outras vezes, esticou a mão direita na direção delas e, como em tantas e tantas vezes, não as alcançou, exceto em seus pensamentos. Relaxou os lábios comprimidos e expirou o ar frio dos pulmões.

As estrelas.

Os dedos e o braço se encolheram, e, melancolicamente, voltaram a alisar o dorso invisível de Salem.

Mas os olhos do velho permaneceram fixos nos grãos de luz. Todas as noites ele saía religiosamente para a varanda a fim de admirá-los. Pequeninos sóis: brancos, azuis, amarelos e vermelhos; nessa noite, em particular, pareciam mais brilhantes, mais vivos. Eram olhos de serpentes, hipnotizando-o, atraindo, chamando. Venha para nós, disseram. Teria ele ouvido aquilo? Venha para nós, repetiram. Meneou a cabeça. Venha para nós.

O pinheiro sussurrou para a macieira.

Vento repentino.

Frio.

Inverno.

Estrelas ansiosas.

Uma dor lancinante atingiu o peito do homem e ele dobrou sobre si próprio como uma folha que queima.

— Ahhh... — gemeu.

Lágrimas brilharam dos olhos fechados e ele inspirou profundamente, repetidas vezes, até o mal estar ir embora. A vida toda percorreu sua mente como um raio. Tornou a olhar para o céu.

Tudo era luz, vento e frio.

Ainda que não fosse poderosa, a luz atingiu-o em cheio. Assustou-se. Cobriu os óculos de aros grossos e pretos com as mãos. Por um instante, pensou que fosse algum incêndio repentino ou o holofote de algum helicóptero silencioso.

Não era um incêndio e nem holofote. De um momento para o outro, a noite se transformara em dia.

— Mas que diacho está... Maggie! — gritou pela esposa.

Paulatinamente, os olhos foram se acostumando à luz.

Deu meia volta com a cadeira de rodas, procurando pela porta de tela, buscando pela mulher, tentando fazê-la despertar.

Houve um ruído de cascalho sendo esmagado.

Maggie havia desaparecido. A varanda e o piso de carvalho haviam sumido. A parede volatizara-se. A porta de tela... Onde estava a casa inteira?

— Maggie... — balbuciou, ciente de que não obteria resposta. Seu olhar estava preso na direção em que deveria estar a tela e, além desta, o interior aconchegante da sala.

Agora, tudo o que o velho via era um horizonte empoeirado e vermelho, um chão cheio de pedras e um céu muito claro e sem nuvens.

As mãos encarquilhadas procuraram por consolo na pelagem escura de Salem, entretanto, o felino também tinha sumido.

Ele estava sozinho na imensidão do deserto. Um homem velho e desamparado, os cabelos ralos totalmente brancos, os óculos antiquados protegendo as vistas de menino.

Não passava de uma criatura indefesa, paralisada por aquelas colinas desconhecidas, onde não deveria haver colinas.

Calma, Raymond, você pode estar idoso, porém ainda não perdeu os parafusos... Não perdi? Então, em nome das estrelas, o que diabo estou fazendo aqui no meio de coisa alguma? Onde é que aqui é aqui?

Ainda podia sentir o odor secular da cidadezinha, ouvir o ranger de cadeiras de vime sob os alpendres, ver meninas de guarda-sóis coloridos caminhando até a praça principal. Entretanto, tudo isso se foi com uma rajada de vento a esbofetear-lhe o rosto. Encolheu-se como um coelho amedrontado. Era um vento frio, glacial, mais gelado do que a corrente de ar que sentira na varanda. Trouxe o casaco para mais junto do corpo, ajeitou o cobertor sobre as pernas e ficou a tiritar. Viu sua respiração esbranquiçada emergir dos lábios feito fumaça da chaminé. Finalmente, enchendo-se de coragem, tornou a movimentar a cadeira, girando-a. O cascalho estalou novamente sob os pneus.

Colinas, colinas, colinas.

Pedras, pedras, pedras.

Pó, pó, pó...

O sol ficou para trás e ele observou a paisagem árida, sentindo-se muito sozinho, ainda que fosse um amante da solidão. Desejou ver alguém, conversar, rir um pouco. Há quantos anos não soltava uma boa risada? Sua sombra alongava-se diante dele, irregular, acompanhando os relevos das rochas.

Então, estalou os dedos.

É isso! Velho estúpido, você dormiu enquanto mirava as estrelas e agora está metido num sonho maluco. E, em breve, irá acordar aliviado e faminto por uma tigela de leite com flocos de milho.

Para aonde ir?

Nada disso... vou ficar bem aqui. Esta pedra esburacada que estou vendo não existe. Aquele vale adiante também é uma miragem, faz parte da ilusão. Não tem um sol batendo na minha nuca e muito menos esse céu cor-de-rosa cobrindo tudo. Boa imaginação, Raymond.

Foi então que ele viu e ouviu aquela outra sombra se aproximar. A cadeira de rodas se movimentou, guiada por mãos firmes no solo pedregoso.

— Ei! Que-que-quem?

— Não precisa ter medo, senhor.

A voz atrás de si tentou tranquilizá-lo inutilmente. Era suave, quase cantarolada, e tinha uma pronúncia diferente... francesa? Fazia lembrar os mordomos dos antigos filmes policiais. Mordomos... não eram sempre os culpados?

Raymond girou a cabeça. Pouco conseguiu ver de seu interlocutor que obstruía o sol. Era um vulto alto e magro, todo envolto por um manto de tecido grosseiro. Os traços de seu rosto encontravam-se ocultos sob um capuz. Era um indivíduo muito estranho e despertou comichões no velho.

— Como não preciso ter medo? O que quer dizer isso?

— Significa ir de encontro a um sonho.

A cadeira de rodas prosseguiu, indo e indo para a frente, deixando rastros no solo poeirento.

— Sonho? Mas eu já estou nele! Quer me fazer o favor de cair fora do meu sonho? Pare de andar; não quero acordar no meio da rua.

O sujeito não respondeu e tampouco parou.

Estava frio, muito frio. O vento assobiava.

— Quem é você? — inquiriu Raymond, sem se virar.

A voz melodiosa tinha um toque matreiro, felino.

— Como o senhor disse, sou parte do seu sonho.

— Pelo menos é um sonho educado — murmurou Raymond para si próprio, balançando a cabeça, insatisfeito. Deu de ombros e acrescentou em voz alta: — Vá lá, eu me entrego. Abandono a modéstia e aceito o título de o maior fantasista do mundo.

O sujeito encapuçado soltou uma risada gostosa que se perdeu nos espaços daquele mundo desconhecido. Apesar do absurdo da situação, o riso contagiou o velho e ele sentiu parte do seu terror íntimo desaparecer. Isso já era alguma coisa. E era tão bom poder rir novamente!

Nos minutos seguintes, as duas figuras prosseguiram em silêncio, contornando uma colina após a outra, mantendo o sol sempre na retaguarda, embora as sombras fossem ficando cada vez mais curtas. Raymond fitava toda aquela paisagem de uma monotonia sem fim, inspirando o ar leve do tempo dos mamutes. Se ele estava verdadeiramente sonhando madrugada adentro na varanda de sua casa, estava começado a ficar um sonho muito chato. Normalmente, as imagens que surgiam eram movimentadas, mudavam bastante e se via constantemente em situações inusitadas. Tinham monstros, cenários cósmicos, bruxas agitando tachos nos caldeirões de ferro, gente que voava e dinossauros rompendo florestas do Cretáceo com músculos de aço. Por outro lado, se não estava tendo um sonho... Ficou gelado, porque, se não estava dormindo, perdera a razão e isso era assustador.

Não se deu conta de quando foi que, aparentemente surgida do nada, a estrada poupou os pneus da cadeira de rodas e esta parou de sacolejar. O velho tinha a sua atenção presa a um desfiladeiro adiante, banhado pela luz fria, exceto nos paredões inferiores; entretanto, até nestes, onde resquícios de luminosidade conseguiam penetrar, reflexos dourados diziam que algo mais se ocultava nas sombras além de rochedos. O desfiladeiro era um talho gigantesco produzido no relevo durante um tempo em que o solo principiou a baixar pelos efeitos da erosão. A estrada descia por uma colina íngreme diretamente para lá, para os reflexos dourados.

— O que tem lá?

O estranho nada respondeu e continuou a caminhar.

Os paredões aumentaram como gigantes nascidos do ventre da terra, até Raymond conseguir decifrar o significado daqueles brilhos.

As ruínas.

— Uma cidade... — murmurou o velho para si, assobiando de espanto e esquecido do frio que congelava seus ossos. — É uma cidade de cristal! Fabulosa! Ainda que coberta pelo tempo, domos rachados e obeliscos partidos, é possível entrever sua grandeza. Ela ainda é grandiosa. De que época que é?

O estranho girou a cabeça. O capuz fez um semicírculo de lá para cá. Suspirou audivelmente. Reflexos iridescentes, prismáticos, mágicos. Ladrilhos esmaltados.

Cilindros transparentes. Mosaicos de pedras preciosas retratando cenas de um outro mundo. Edifícios de obsidianas. Altares de quartzo. Janelas de ametista. Uma povoação de contos de fada há muito escondida de olhares estrangeiros. Suspirou outra vez. Parecia estar vendo outras imagens, lembrando. Enfim, ele falou:

— Uma eternidade, senhor. Ela tem uma eternidade.

Raymond tentou fitá-lo novamente, sem sucesso. Havia alguma coisa na cadência daquela voz, nas palavras, que não soaram como uma figura de linguagem.

E o encapuçado prosseguiu:

— Os fantasmas continuam perambulando pelas alamedas, dormentes, famintos, febris. Seus pensamentos fazem ecos nos rochedos e refratam nas sombras. Aqui eles permanecerão até que a última ruína desfaça-se em pó e seja levada pelos ventos das planícies. São os senhores dos milênios, pois, mesmo na morte, encontraram a imortalidade; mesmo nos destroços, construíram devaneios; mesmo na mudez, fizeram-se ouvir. E eles sussurram. Eles sentem. Eles caminham. Eles estão aqui.

Em resposta a isso, o vento uivou através dos paredões. Era um lamento longo e triste. Vozes de espíritos antigos. Redemoinhos ergueram a poeira vitrificada que cintilou sob os feixes de luz. Uma pedrinha rolou de lá do alto e chocou-se contra uma torre, fazendo-a estalar.

O homem na cadeira de rodas encolheu-se todo, sem saber o quê responder, sem saber se haveria uma resposta. Cerrou os olhos, pensativo, desejando saber o que estava acontecendo, se estava sonhando ou se tinha enlouquecido, e para aonde estaria sendo levado. Num impulso infantil, beliscou o próprio braço. Doeu.

Passaram por pirâmides, esferas, cilindros, fontes secas e janelas quebradas. O desfiladeiro foi se fechando até terminar em outro paredão, porém, a estrada continuava através dele, num túnel às escuras. O estranho não hesitou e ambos sumiram através dele.

Olhando sobre os ombros, Raymond ainda viu a luz emoldurar o corpo do desconhecido, uma luz fraca que foi pouco a pouco sendo absorvida pela densidade das trevas. Desejou retroceder, buscar a segurança da claridade e percorrer as ruínas a fim de desvendar seus mistérios. A escuridão era total e o frio, mais intenso do que nunca. Aparentemente, isso não constituía nenhuma dificuldade para o encapuçado, que andava com segurança como se enxergasse ou fosse dotado de radar. O som arrastado dos pneus e dos pés eram aumentados pelos ecos. Estavam sós. Raymond lembrou sua infância, quando, no velho sótão, encontrara um livro sobre bruxas e demônios. Lera sobre sabás e monstros mágicos, sobre ritos secretos nas profundezas da floresta, sacrifícios humanos e pactos diabólicos. Ficara com muito medo então, contudo, ficara também igualmente fascinado. Havia outros mundos, outros universos além das limitações cotidianas. Fosse nos casarões mal-assombrados ou na amplidão da galáxia, os livros mostraram uma riqueza antes ignorada. Feiticeiras, selenitas, unicórnios, dragões e espaçonaves inundaram sua mente. E estavam lá agora, ocultos nas trevas do túnel sem fim, aguardando por ele.

Finalmente, após percorrerem o que pareceu ao velho uma jornada de quilômetros, uma luzinha surgiu adiante, a semelhança da primeira estrela a surgir no céu ao cair do crepúsculo. Dirigiram-se para ela como insetos de verão ao redor de postes de luz. Deuses e demônios ficaram para trás.

O céu sem nuvens, cor-de-rosa, foi bem-vindo. Emergiram na borda de um penhasco e o estranho caminhou para mais perto dela. Sacrifícios humanos.

— Não vai me jogar, vai?

— Deveria, senhor?

— Não acredito que seja uma boa ideia — disse Raymond, não muito seguro de si.

O estranho tornou a rir. Tocou suavemente num dos ombros do velho, dedos finos e compridos, de tonalidade escura, incomum. Raymond ficou absorto, vendo os contornos daquelas falanges sob a pele. Uma voz gritou dentro de si, tentando fazê-lo se lembrar.

— Senhor... — murmurou o acompanhante.

— Hã?

Um dedo escuro apontou para a frente, para o cenário visto do alto do penhasco.

E Raymond viu também.

Era uma paisagem surgida de seus sonhos de menino, deitado no gramado, o olhar preso às estrelas e planetas.

Soltou um gemido de puro espanto.

Mirou os desfiladeiros, os canais ressequidos, as colinas, as dunas de areia, o solo ferruginoso e avermelhado. Mas, o que chamou mesmo a sua atenção, foram as crateras. Crateras! A voz em seu interior berrou vivas; uma voz infantil.

— Meu Deus... É Marte! Estamos em Marte!

— Hum, hum — concordou o outro. — Bom e velho Marte.

O vento gelado mais uma vez retornou para fustigar os ralos cabelos brancos. O corpo enfraquecido enrijeceu. Sangue novo percorreu veias e artérias.

— Mas como pode ser? — indagou o velho. — Diga-me, por favor, diga-me que eu perdi a razão.

A voz aveludada desafiou os ventos do penhasco, dos desfiladeiros, dos leitos secos de rios e das crateras, e chegou de mansinho:

— Se ir de encontro ao seu sonho é enlouquecer, então o senhor está louco há muito e muito tempo.

— Marte... Não pode ser, não... Mas afinal de contas, quem é você?

Raymond continuava a não poder ver o rosto sob o capuz, porém teve a impressão de que seu interlocutor sorria, um sorriso gentil e paciente.

— Pode me chamar de Mmm.

— Eme-eme-eme?

— Isso.

O homem na cadeira de rodas meneou a cabeça, desconsolado.

— Pirei de verdade.

Mmm prosseguiu, levando o velho através de caminhos tortuosos, deixando seixos rolarem, evitando ribanceiras e passagens mais íngremes. Foi descendo, descendo, acompanhando uma escharpa até que, finalmente, alcançou a planície.

Raymond sentia-se perdido numa floresta tenebrosa, querendo voltar, mas sem saber o caminho. Recordou-se da Mariner 9 e as naves Vikings, que revelaram um deserto glacial e isento de vida. Nada de homens encapuçados ou ruínas reluzentes. Nada de

marcianos ostentando placas com os dizeres: **Bradbury estava certo!**, como ele tanto sonhara.

A cadeira de rodas rodou por mais algum tempo até que Raymond, atrás de seus óculos, avistou vultos saírem por de trás de um rochedo esburacado e caminharem sem pressa em sua direção. Eram duas pessoas e vestiam-se do mesmo modo que Mmm, cobertos dos pés à cabeça.

— Sr. Raymond Bradbury? — perguntou aquele que ia à frente, quando já estava bem próximo. Seu sotaque era tão curioso quanto ao de Mmm, o timbre mais grave.

— Eu mesmo.

— Maravilhoso! Estávamos a sua espera por um longo tempo. Eu me chamo...

— Não, não diga — pediu o velho, erguendo uma mão enrugada. — Seu nome é Ene-ene-ene.

— Não — riu o peregrino do deserto. — Nnn não pôde vir.

Meu nome é Ppp. Este é o meu irmão, Qqq.

O encapuçado ao lado abaixou a cabeça, cumprimentando.

— Ah, claro, naturalmente. Como é que eu pude cometer tamanho engano? E vocês são todos marcianos...

Mmm juntou-se aos outros dois e os três confirmaram num gesto de cabeça.

— ... e eu sou o Pato Donald — completou Raymond.

Os encapuçados trocaram olhares entre si. Zumbidos agudos fizeram cócegas nos ouvidos do idoso. Então, um a um foi abaixando o seu capuz, revelando suas faces ao sol distante.

Raymond Bradbury espremeu os óculos para mais junto dos olhos e observou, incrédulo, aqueles rostos estranhos e, contudo, tão familiares. Sim, ele os reconheceu de seus sonhos, milhares de sonhos, falando de gente de pele castanha e olhos da cor do ouro. Há muito perambulavam no interior de sua mente até ele se atrever a escrever sobre essas criaturas, compor livros sobre elas, dar forma às abstrações. Eles eram seus, pertenciam-no, eram os seus marcianos. Sentiu-se retornar à juventude, quando, na garagem dos fundos de casa ou no porão da universidade, passava horas e horas datilografando em barulhentas máquinas de escrever, perdido numa infinidade de mundos à medida que ia compondo histórias fantásticas, destinadas a deliciarem gerações de leitores pelo planeta inteiro.

O vento soprou no canal mais próximo, formando um redemoinho avermelhado, que percorreu o acidente geográfico até onde a visão permitiu alcançar. Ventava muito em Marte, apesar da atmosfera rarefeita; uma atmosfera de dióxido de carbono letal para qualquer ser humano e, entretanto...

— Sr. Bradbury — disse aquele que se chamava Ppp —, penso que irá apreciar isto.

O velho viu o marciano mexer na sua indumentária, vasculhar um bolso oculto e dele retirar uma coisa retangular de metal que cintilou sob a luz, reflexos prateados. Raymond esticou o braço e o apanhou, sentindo o contato gelado.

— Um livro de metal.

— Sim. Abra-o.

Não havia letras, quaisquer caracteres, porém, ao roçar dos dedos enrugados, uma voz tão melodiosa quanto a de Mmm brotou, inundando a solidão do deserto e cantarolou juntamente com o uivar das correntes de ar em grutas escondidas. Era uma linguagem desconhecida, mais antiga que a humanidade, tão perpétua quanto as estrelas. E, apesar de indecifrável, de alguma forma Raymond soube. Ele a compreendeu. Era o seu livro, **As Crônicas Marcianas**, contado na língua nativa, um dialeto morto mesmo entre os mais velhos marcianos. E seus dedos continuaram a percorrer as páginas de metal. A voz imortalizada prosseguiu, narrando a saga de todo um planeta.

O coração do velho saltava dentro do peito como feijões mexicanos. O medo se fora para o éter; sentia-se confuso demais para ter medo; pensamentos demais; coisas demais cavoucando seu ser, ressuscitando fantasmas peraltas, arrastando correntes. Aquilo tudo era impossível, inconcebível, inacreditável. E, por ser tudo isso, os temores se foram. Estava com os seus. Sentia-se em casa. As pálpebras cobriram o palco, comovidas.

Os dedos acariciaram o rodapé de uma das páginas prateadas. A voz cantou sobre festejos nativos, embarcações velejando pelos canais, crianças correndo pelas dunas de areia, e construindo castelos de rubis. Havia risos e lágrimas naquela voz. Falava com saudade de um tempo que a aridez apagou, de memórias que se foram para sempre. A voz se calou.

Raymond fechou o livro de metal. Cabisbaixo, ergueu as pálpebras lentamente, saboreando o último som, até ele desaparecer.

— Lindo, muito lindo. Tentei imaginar como seria muitas e muitas vezes, no silêncio da noite, sozinho em minha casa. Pensei em pássaros tropicais, em sintetizadores, em diferentes instrumentos de sopro. Jamais fui além de um sentimento de que algo estava faltando. É muito mais lindo do que eu poderia conceber. Uma voz que fala por todas as vozes, e, não obstante, é única e também fala somente por si.

Ppp recusou educadamente o livro que estava sendo devolvido e deliciou-se com a alegria estampada nos olhos do terrestre. Falou:

— Enviamos nossas mensagens para a Terra desde os tempos em que as águas corriam por nossos canais e no fundo dos desfiladeiros, quando o ar era mais pesado; e a vida, abundante. Narramos nosso drama, nossas emoções, nossos medos, nossa sabedoria e nossa imprudência. Por milênios, só recebemos de volta o silêncio, ou, no máximo, um murmúrio... O senhor foi o único que nos entendeu e nos amou. Foi o único que soube levar nossa palavra de paz para os seus semelhantes, fazê-los ouvir. É por isso que está aqui.

O homem idoso ergueu o rosto para o sol a pino.

— Mas como? Como cheguei? A Terra, Maggie...

Aquele que se chamava Qqq se aproximou. Agachou-se até nivelar seu rosto com o de Raymond. Sua pele era muito lisa; traços angulosos davam-lhe uma expressão firme e simultaneamente bela. Os olhos dourados piscaram.

— Há vários anos que Maggie está aqui, a sua espera — disse Qqq mansamente. — Você não se lembra?

— Vários anos?

— Sim... vários anos.

— Maggie... aqui?

— Exatamente, Sr. Bradbury — confirmou o marciano.

As rugas de Raymond se pronunciaram, entrecortaram-se como leitos de rios secos vistos do espaço. E ele recordou-se. Viu novamente o piso de madeira, o alpendre, Salem no seu colo, a porta entreaberta, a sala vazia, as poltronas com uma fina camada de poeira... Pelo Criador do Universo, como poderia ele ter se esquecido? Há uma eternidade que sua amada Maggie se fora, carregando consigo a metade de uma outra vida. E todas as noites, a partir de então, ele voltou os olhos para o céu, procurando encontrar conforto entre as estrelas, sentindo, todavia, aquela imensidão comprimir seu peito e a saudade sufocar seu coração. E o único consolo era aquela estrelinha vermelha, que não era uma estrela, e que parecia chamá-lo como tantas e tantas vezes o chamara durante a infância e a adolescência nos campos verdes do Illinois.

Raymond Bradbury levou uma das mãos à garganta. Estava dolorida e ele soluçou.

— Eu estou morto?

Qqq e os outros marcianos sorriram. Era um sorriso sublime como o de uma criança recém-nascida.

— O que é morrer, Sr. Bradbury — respondeu Ppp —, senão o despertar de um sonho duradouro? E o senhor sempre foi um grande sonhador.

— O maior fantasista do mundo — disse Mmm.

Raymond chorou e não soube dizer porque chorava.

Quando as lágrimas secaram, Qqq, ainda agachado, estendeu a palma de sua mão esquerda e cobriu os olhos do velho.

— Maggie aguarda por você. As ruínas de cristal aguardam por você. Há pterodáctilos planando além de uma cadeia montanhosa ao sul. No leste, uma família de andróides prepara jantares deliciosos todas as noites. Foguetes cortam o céu, acompanhados por bolas de fogo azuis. Fadas invisíveis beliscam a mente de adolescentes em noites de verão. Há a solidão também, vinda das planícies rubras deste mundo, do nosso mundo. E ele é todo seu, sempre foi. Somos parte do seu sonho tanto quanto o senhor faz parte do nosso... É hora de acordar.

A vista foi descoberta e Raymond pôde ver novamente. E ele viu. Num vale a poucos quilômetros, onde nada mais havia além de rochas e areia vermelha, uma belíssima cidade transparente brotara do solo. Não era um punhado de ruínas, mas viva, pulsante, respirando. Conseguiu divisar formas perambulando suas ruas vitrificadas, carros aéreos realizando acrobacias entre os obeliscos de safira. De algum lugar partia uma melodia semelhante a de uma flauta. Uma criatura alada com asas semelhantes às de um morcego sobrevoou um cais e prosseguiu seu caminho até perder-se no horizonte. Havia barcos à vela no cais e uma corrente espumante corria pelos canais. Marte retornara à vida.

Raymond olhou para os lados a fim de agradecer aos seus anfitriões. Eles haviam sumido. Foi novamente tomado pelo vazio, contudo, rapidamente preenchido pela música vinda da cidade, pelos seres que avistava, correndo, conversando, sorrindo e amando. Sentiu-se muito bem, mais vivo do que jamais sentira durante séculos e séculos na velha casa de madeira.

Subitamente, um dos pequeninos vultos destacou-se dos demais e passou a caminhar na direção em que o idoso se encontrava. A princípio, Raymond ficou intrigado, imaginando o que mais estaria por vir. Então, uma campainha soou dentro de seu cérebro e ele apertou o livro de metal em seu colo até os dedos doerem.

— Isso é... impossível!!!

A figura continuou no seu andar sem pressa, a saia comprida arrastando pelo chão, varrendo o pó das eras. Os cabelos iam até a cintura, livres, levados pelo vento. O rosto era uma maçã tenra, recém-colhida, viçosa e perfumada. Era um rosto que as memórias do escritor conheciam de décadas passadas, quando era pouco mais que um adolescente apaixonado.

— Maggie!

— Raymond!

Era a mesma voz que ele se lembrava, o mesmo timbre impossível. Sem se dar conta, pôs-se de pé, abandonando pela primeira vez em muitos anos a sua cadeira de rodas. Os dedos sem rugas, jovens, depositaram o exemplar alienígena de **As Crônicas Marcianas** sobre o cobertor, e ele correu em direção à mulher, inspirando o ar frio daquele princípio de tarde. Ela também correu em sua direção. E, finalmente, abraçados, dirigiram-se para a cidade de cristal até se transformarem em dois pontinhos muito pequeninos para serem distinguidos separadamente.

NOTA DO AUTOR:

A ideia deste trabalho surgiu da leitura de uma pequena matéria sobre Bradbury, publicada no fanzine "*Somnium*", número 50, pág. 30, de março/abril de 1991, editado pelo Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC), a qual se iniciava assim: "*Ray Bradbury nasceu em Waukegan, no estado de Illinois, em 22 de agosto de 1.920. Já tem marcada a data de sua morte: janeiro de 1.999, quando começam os acontecimentos de seu livro As Crônicas Marcianas...*" Foi escrito entre 17.12.1991 e 25.02.1992, revisado em 31.07.1992 e publicado na edição nº 58, pág. 54, de novembro/dezembro de 1992, do referido fanzine. Pretendi dessa forma homenagear este autor por quem nutro profunda admiração, desde que vi uma versão em quadrinhos de seu conto "*O Lago*", quando garoto.

Fui bastante influenciado pelo lirismo de seus escritos, o que, penso, pode ser verificado nos contos "*Despertar no Planeta Vermelho*" e "*A Melodia de Bizzy*", publicados, respectivamente, nas edições nºs 42¹ e 107² da revista digital "*Conexão Literatura*".

Bradbury faleceu em 05 de junho de 2012, aos 91 anos.

Espero não ser demais fantasiar que ao menos parte de seu espírito possa estar vagando pelas dunas vermelhas de Marte, junto às criaturas que imaginou.

Sobre Ray Bradbury: https://en.wikipedia.org/wiki/Ray_Bradbury

SOBRE O AUTOR: Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros

¹ http://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura42.pdf

² https://www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura107.pdf

monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com as revistas digitais *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot, e *Obook*, de Fernando Lima. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras* etc. Participei até o momento de trezentas e quarenta e duas antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

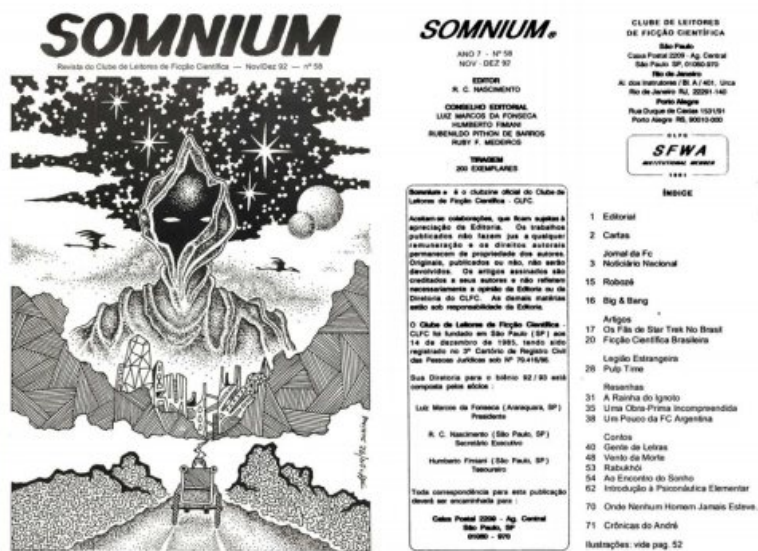
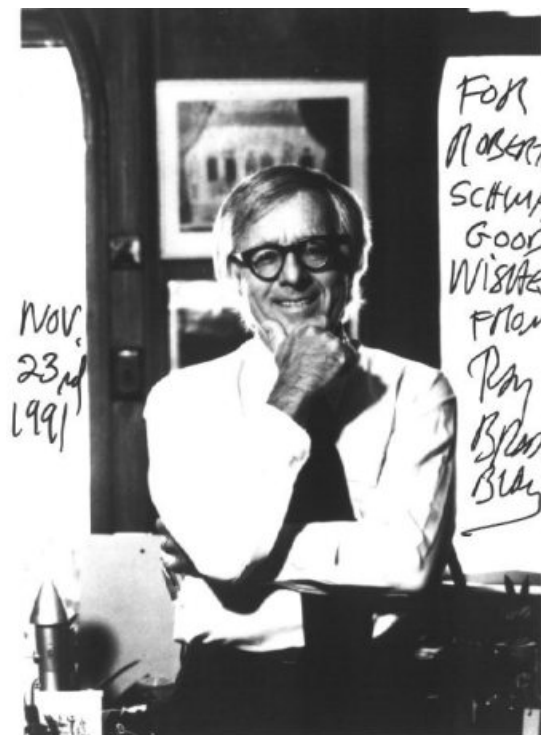
<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



Capa da edição 58 do fanzine "Somnium", com a primeira publicação do conto *Ao encontro do Sonho*, de Roberto Schima.

Foto autografada de Ray Bradbury, para Roberto Schima.

ROMEU E JULIETA

“E Julieta disse a Romeu: De que vale um nome, se o que chamamos rosa, sob outra designação teria igual perfume?”

William Shakespeare



Romeu e Julieta (no original em inglês: Romeo and Juliet) é uma tragédia escrita entre 1591 e 1595, nos primórdios da carreira literária de William Shakespeare

POR EMERSON PAGNUSSAT

O ÚLTIMO ENLACE ANTES DO OCASO



Certo dia, algo excessivamente estranho aconteceu com Oto e Ana. O casal não compreendia qual fora a circunstância que teria os levado até o lugar no qual eles se encontravam. Uma perda de memória repentina fizera com que os eventos mais recentes fossem esquecidos. Eles se entreolhavam, confusos e repletos de indagações, mas sem emitir palavra.

O cenário com o qual eles se deparavam era totalmente desconhecido. Um vale solitário se estendia ao redor, com árvores de variedades distintas, belas e frondosas, as quais nem a mente mais engenhosa poderia ter sido capaz de conjecturar. Havia um rio cujas águas diáfanas se espalhavam por uma enorme superfície, deslocando-se rumo ao Leste.

Apesar do ambiente ignoto e até então inexplorado por eles, a disposição das coisas terrenas, em princípio, estava em sua perfeita ordem natural. Porém, no céu, espessas nuvens escuras circundavam sobre suas cabeças. Nuvens de um aspecto pesado e ameaçador, que oprimiam, causando a impressão de que a qualquer momento eles seriam esmagados e sufocados por elas.

A certa distância, no Oriente, o casal avistou um clarão estrondoso. E lá parecia estar as respostas para seus questionamentos, lá na frente, naquela linha onde o céu e a terra se encontram. Uma força insondável impelia-os para lá. Então os dois caminharam. E se tinha a impressão de que quanto mais eles andavam, na direção do horizonte, mais o mistério se revelava. Eles sentiam como se estivessem em uma outra dimensão da existência, na qual o tempo não podia mais ser medido cronologicamente. Aquilo que era imanente, parecia ter se metamorfoseado num estado transcendental, para além da lógica e da razão.

Subitamente, um vento calmo soprou, trazido por uma viração fresca, vinda do Sul, e isso fez com que as densas nuvens que cobriam o firmamento se afastassem para bem longe, para o Norte, lúgubre e hostil. Então um céu poético se enunciou no decurso daquele fim de tarde invernal. As cores do firmamento cintilavam e dançavam de uma maneira como nunca se vira antes. Descortinava-se uma luz bruxuleante do sol, alguns ínfimos raios fátuos que ainda pairavam no ar.

Já neste ponto do percurso, nem a fome, nem a sede podia perturbar Oto e Ana, pois essas necessidades se tornavam cada vez menos importantes à medida que os dois seguiam. O que importunava o casal enamorado era sim o frio, um frio confuso que os acometia a ponto de fazê-los tiritar. Mesmo assim, eles avançavam sobre o val em direção ao horizonte.

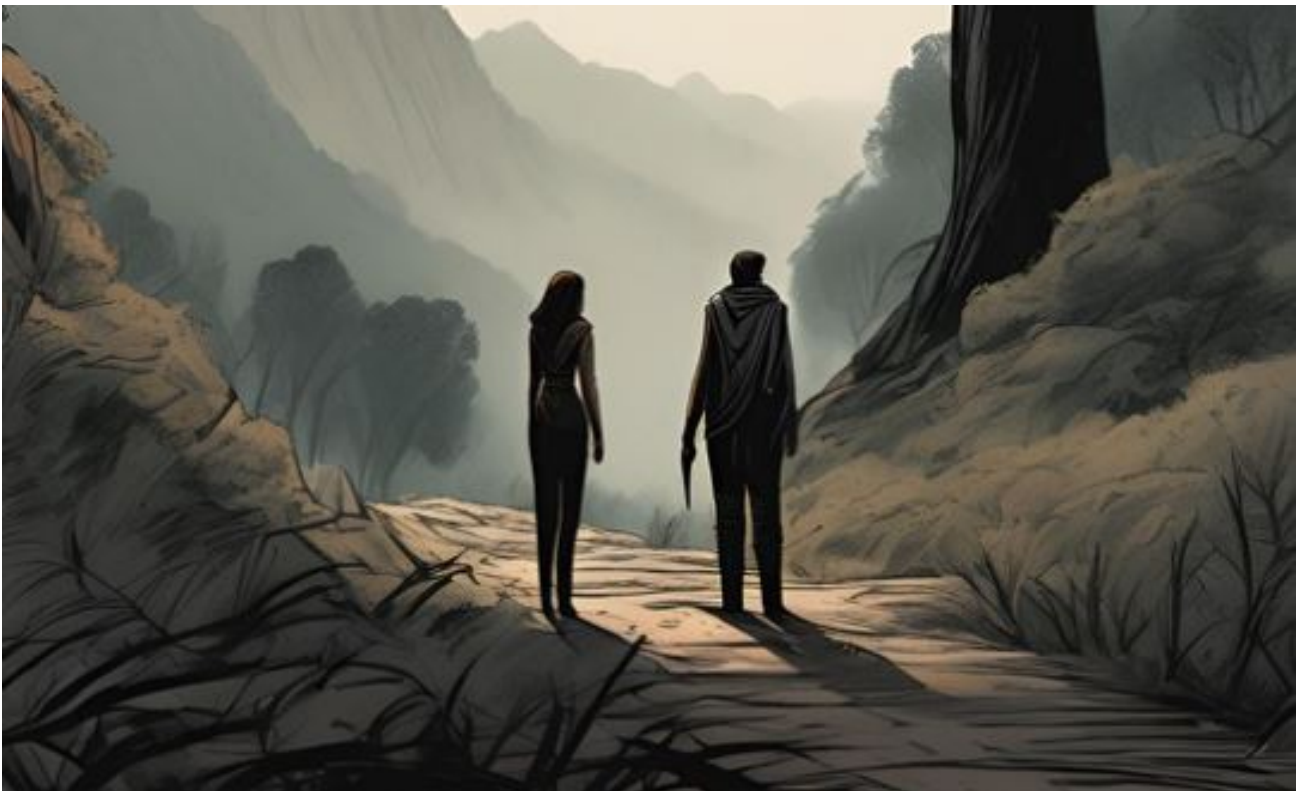
Enquanto os dois caminhavam, Oto olhava para a face de Ana, fixando seu olhar no brilho etéreo que provinha daqueles grandes olhos negros. A brancura nívea da pele dela ia causando no rosto dele um fulgor. E, contemplando-a, ele teve a certeza de que havia encontrado nela a própria ventura, pois conhecê-la era amá-la.

Ana sorriu quando o olhar de ambos se alcançou. — Ah, essa doce inocência — pensou ele — com este belo sorriso pode se passar cem anos enchendo a vida de felicidade.

Todo um emaranhado de sensações se intensificou quando eles se aproximaram. Oto sentia o calor do corpo de Ana ao abraçá-la. Sentia os prazeres que efluíam devido ao encontro da boca dele com os doces lábios da amada. Ele imaginava o quanto era bom

eternizar essas sensações, no momento em que se encontravam livres da imanência por meio da qual o tempo até então os aprisionava.

E os dois seguiram, mão na mão, pés confiantes e certos do caminho, em direção ao horizonte, para além do ocaso, para além das angústias e de toda a miséria humana que os aprisionavam. Partiram de encontro a felicidade eterna.



Emerson Pagnussat nasceu em Blumenau, Santa Catarina. Tem 34 anos. Se formou no curso de Letras (Português/Inglês) pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Atualmente, é graduando no curso de psicologia pela mesma universidade. Tem paixão pela literatura, principalmente por escritores russos como Nabokov, Dostoievsky e Tolstoy. Participou da ontologia "O Jogo do Amor - Contos e Poemas" com a narrativa "Anáfora" publicada pela Revista Conexão Literatura. Foi semifinalista na 4ª edição do concurso "MicroConto de Ouro" (2024), promovido pela Casa Brasileira de Livros, com o texto "Sinestesia".

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



Agradecimentos aos nossos apoiadores:

Casa Brasileira de Livros - Roberto Schima - Mayanna Velame

você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



POR IDICAMPOS

O ESPELHO

A história começa, no reflexo do que se espelha, no início; onde antes nada existia, além dos limites da folha de papel. O texto forja um espelho de cristal, propositalmente, no meio da sala, no centro do palco, um local próprio para ensaiar a existência...

Acropildo vivia entre dois mundos: o quê os olhos das pessoas veem e as elucubrações daquela cabeça doida. Tinha uma vida dúbia, por instantes sorria, trocava de parágrafo, vinha com tristeza. Instalara-se uma confusão no universo da mente do sacripanta.

A imagem, sempre preservada, atenta à observação dos pares, estampava coerência, coesão, respeito às leis, sobriedade, justiça social. Um blá, blá, blá... encrustado no discurso da tradição, família e propriedade.

Na sombra da sociedade, no espelho da sala, encarnava uma fogueira — era o sétimo filho de uma família de monstros — destinado à maldade, ocultava da poça d'água a verdadeira face refletida, escondia dentro da cachola uma alma lúgubre.

Carregado do DNA da monstruosidade, transfigurava a figura formal à meia noite, pontualmente, numa lua minguante, coisa de dragão tarado de raiva. O jeitinho almofadinha de CDF ganhava chifres, estendia o rabo por dois metros; cobria a superfície da pele, de pelos alaranjados, espumava saliva vermelha no canto da boca, pronunciava dentes enormes; exagerava no figurino assustador.

De posse da aparência macabra, esticava as asas num voo rasante, intimidava, aterrorizava, investia no lado tenebroso do ser, incendiava tudo. Sentia-se predestinado às profundezas do próprio inferno interior, capaz de qualquer coisa para ver o pânico nos olhos das vítimas.

A primeira metamorfose ocorreu aos sete anos — ficou encabulado com tanta feiura — desta feita a manifestação contentou-se em incinerar o galinheiro, mastigou as aves assadas, roeu os ossinhos das galinhas com crueldade.

Ano a ano aumentavam as atrocidades, o espelho de cristal, na parede, observava a imagem desconstruída do dragão contemporâneo. Ali a sina bipolar aparecia, desmascarava Acropildo; mesmo com a falsa cobertura de bonzinho, deixava vaziar o íntimo diabólico.

O antagonista vilipendiava os animais domésticos, dava pena ver o gato da tia esturricado, colocado vivo no forno; o cachorro do vizinho envenenado; a calopsita da mãe com a língua amputada.

Os pais, regenerados do carma dos antepassados — afinal eram descendentes das lendas dos dragões medievais — solicitaram ajuda ao sobrenatural, chamaram o vigário

para exorcizar o esquisito, o padre deu com os burros n'água, saiu desconjurando; o pastor assumiu, emponderado, com reza forte, o espírito de porco tirou de letra, expulsou o presbita.

Os crédulos de raiz europeia esgotaram a retórica, tentaram as ceitas nativas, veio o xamã, munido da força natural entrou pelo cano, deu linha na pipa... O troço ruim ria dos cavaleiros de Deus.

Acropildo, o monstro atual, permanecia imutável, bastante troglodita. A cada lua minguante, o carvão jorrava nas matas, as florestas padeciam em cinzas; secava a agricultura, o gado morria de sede.

O Dragão Acropildo sobrevoava o agronegócio, pulverizava combustível, riscava o fósforo. As árvores tremiam feito vara verde, mediante a presença do maçarico nos céus da plantação.

O resultado da ação do bicho babão, nas notícias digitais, apavoravam as telas dos celulares. As redes sócias revelavam, com requinte de matéria jornalística sensacionalista, a constatação de que nada valia pena para resgatar o ser humano.

As perversidades do cospe fogo, desembocavam na periferia, no interior do país. O destruidor aproveitava da ignorância do homem do campo, da ausência do estado nas comunidades rurais. Ele, por si só, residia na metrópole, mas agia na roça, nos bolsões da cultura caipira.

Chegava nas fazendas, destonando da maioria, vestido à moda carola, todo engomadinho; alargava o nó da gravata, enchia a cara na primeira barraquinha. Ademais o bicho pegava, mudava de aparência: customizava o dragão. Retirava do porta-malas do carro um galão de querosene, ávido de perversidade. Estasiava de prazer com o genocídio dos animais na vegetação

Acropildo, então adulto — convivendo com dois personagens na cabeça — recorreu à psicologia, deitou no sofá do doutor da mente; abriu as profundezas da caverna mental ao especialista. O psicólogo, homem estudado, estressou as pestanas para concluir a análise da patologia. Acrescentou, em tese, constituir fenômeno raro, consequência de obscuridade no subconsciente.

Quanto à transfiguração do indivíduo em monstro, os consultados mudaram de capítulo, sugeriram uma conclusão apurada por parte da ciência. Enquanto isso, as loucuras de Acropildo rolaram ladeira abaixo, deram fantasia à imaginação... Aconteciam as crises, nas luas minguantes, mês a mês, justificando o calendário lunar.

Os crimes ambientais ganhavam a atenção da mídia, eram milhares de hectares cremados nas madrugadas de lua minguante. Aproveitava da mudança climática, da terra

desidratada, para passar fogo no campo. O criminoso tinha um perfil incendiário, um delinquente necrótico, desses que odeiam as criaturas da natureza.

Acropildo sabia da enfermidade, o espelho denunciava — copiosamente — a retórica das duas caras, todavia o carcará prevaricava; colapsava durante o surto psicótico, encorporava os limites do absurdo, esculachava a fauna e a flora. Agia na compulsão do ódio, largava mão da direção, desembestava o freio humano, acelerava a obscuridade...

Passado o ataque esquizofrênico, esquecia o acontecido, completamente. Mudava de embalagem, renascia o politicamente correto, o religioso aplicado, o cidadão cumpridor dos deveres sociais. Entrava na fita barbeado, enfeitado num penteado vip, terno bem cortado, sapato engraxado, gravata acertada no colarinho; um exímio modelo da classe média brasileira.

Os crimes, mencionados na TV aberta, traziam um ar de selvageria. Os bichinhos haviam sido encontrados torrados, largados ao léu, em brasa; babados em gosma vermelha, a vida agonizava.

A polícia procurava resolver a delinquência, a perícia levantava os detalhes, a papiloscopia estudava o DNA dos defuntos. O boletim policial enfatizava o extermínio do bioma.

Acropildo, introspectivo, continuava solteiro, temia aquilo que desconhecia, precisava dominar o monstro exilado no inconsciente, antes de dividir a trajetória com alguém. Queria ser comum, voltar à condição de gente, expurgar as emoções maquiavélicas do coração, ter um pouco de paz.

Aflito, vislumbrou o ocultismo, mergulhou nas nuances da magia: enveredou no jogo de búzios, no tarô, na quiromancia, etc. Detectou uma luz na saída da caverna, conheceu a meditação, descobriu, vagando entre as orelhas, a causa da maluquice. A doença crescera na infância, quando presenciava os socos do pai na mainha; o trauma desembocara na adolescência e trazia, ao nosso tempo, um adulto doente.

Segundo os místicos, o sujeito estava carente de amor. Aconselharam namoro, caridade, pertencimento; uma sequência de sentimentos, os quais seriam capazes de vencer os males da falta de gratidão com o milagre da vida.

Assumiu a luta contra a outra face, trancafiava-se no quarto, no apartamento, número: 13, na Rua dos Aflitos, nas noites de quarto minguante. No decorrer daqueles sete dias, saía junto com o sol, trabalhava de dia na livraria da família, voltava à noite; fechava a porta, sumia com a chave, driblava a maldição.

Terminava a performance de dragão medieval ao amanhecer. O piso ficava repleto de pelos, as portas riscadas por unhas; 30 metros quadrados encharcados de gosma, um caos. A família apoiava a batalha psicológica, confiava na reconstrução do caráter, pois o pai mudara da água para o vinho. Aquela linhagem defendia que o homem nasce bom, é a sociedade que o corrompe.

A roda do tempo girou, Acropildo enfrentou com o peito aberto a esquisitice, lotado de amor, com a unicidade natural do filho de Deus; venceu a própria criação mental, armou-se pra guerra entre o bem e o mal.

Embriagado de si, já no fundo do cristal, na curva do espelho da sala, revisitou o monstro ainda desenhado. Encarou a assombração no abismo do subconsciente, agarrou o dragão pelo pescoço, degolou o seu imaginário infernal. Sacudiu a poeira, retornou à realidade com a força de um super-homem. Prestou concurso para o corpo de bombeiros, passou, agora, apaga fogo.



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



POR IRACI J. MARIN

INICIAÇÃO

Muitos na vila desgostavam de mim porque eu era vesgo e molengão, mas me usavam quando precisavam de alguma força na roça ou pra carregar lenha no fim de tarde da roça pras casas dles. Ou levar recados escritos. Quem mais me usava pra isto era o Juventino. Me pedia pra levar recados pra Jurema. Bonita e difícil de lidar, a tal Jurema. Eu tinha que chegar com jeito na casa dela e falar nada. Nas primeiras vezes, o cachorro dela me atacava. Com o tempo, foi se acostumando comigo, com meu cheiro, então vinha ao meu encontro e se enrolava nas minhas pernas, brincalhão.

Juventino me pagava pra fazer este serviço e eu tinha que ficar bem caladinho. Com aquele dinheiro eu comprava balas e sorvete seco na bodega do pai dele.

Tinha outros na vila que me usavam pra levar recados. Cada um com seu esquema de visitação. Tinha um que saía no domingo de manhã. Outro, no meio da tarde de um dia qualquer da semana. Outro, nos sábados de tarde. Juventino ia de noite mesmo, silencioso.

Minha vida só não era mais triste naquela vila perdida na terra porque eu me divertia com aquilo. Mantinha segredo completo. Se abrisse a boca, ia ter muita mulher correndo atrás dos maridos com a vassoura. Ou a faca de pão. Bonito era ver todo mundo na igreja, nos domingos de tarde, rezando o terço, cabeça baixa, contritos, confiantes no perdão divino.

De todas as mulheres, era Jurema que eu mais admirava. Com o tempo, aprendi como chegar na casa dela e como conversar um pouco sem que reclamasse ou dissesse grosserias. Jurema era uma perdição, ah, era mesmo! Por isto é que Juventino tinha ciúmes dela. Um dia, do nada, ele me passou uma advertência: que eu não me engraçasse nela. Decerto imaginava que eu ia levar os recados dele e aproveitava pra ficar de gracinhas com ela... Ora, vejam!

Ruim era quando me pediam pra ajudar na roça, capinar, colher feijão, dobrar o milho. Era de manhã cedo até escurecer. De noite, a dor no corpo era medonha. Mas estava sendo bem feito pra mim, que não quis estudar. Achava que ficando dentro de uma sala de aula a manhã toda era perder a liberdade, desengraçar da vida. Mal sabendo ler e escrever, o jeito era trabalhar no duro, suar a camisa, os dias repetidos. Não que estivesse inteiramente insatisfeito. Tinha lá suas compensações viver como vivia. O trabalho de levar recados pras mulheres era uma delas. Via como elas eram, a beleza de cada uma, o cheiro delas, e como era bonito o sorriso quando liam os bilhetes. Só uma vez uma disse que não podia. Não podia. Ele tem que esperar mais uns dias, falou, com a cara amarrada. Eu não sei o que era, nem por que ela disse aquilo, só sei que levei o recado de volta e foi igual um desarranjo. Ele amoleceu todo e quase ia se esquecendo de me fazer o pagamento. Depois, se retirou cabisbaixo, contrariado.

Eu percebia a felicidade deles quando dava certo o encontro. Um sim delas, mesmo mole, que eu repetia pra eles – ela disse que sim -, provocava-lhes uma avalanche de alegria contida. Pra fazer o acerto do meu trabalho, os casados me levavam pra um canto escondido, às vezes no pomar, ou perto do galinheiro – e aí eu já sabia. O pagamento era uma galinha velha. Minha mãe é que ficava satisfeita.

Quando de novo fui levar um recado de Juventino pra Jurema, numa tarde de sol quente, senti um estranho calor no corpo, diferente do calor causado pelo sol, e que eu nunca sentira antes. Fiquei olhando pra Jurema, pra aquele corpo metido numa blusa meio transparente, com o short apertado que deixava saltar algumas saliências do corpo dela, e um súbito desejo se avolumou no meu corpo adolescente. Eu tive que virar o rosto e olhar o cachorro se rolando na grama. Distraído, mal ouvi que ela dizia alguma coisa. Acho que ouvi só o final da fala– me convidava pra tomar um copo de água. Então entendi – estava calor, eu suava, ela me oferecia um copo de água. Aceitei. Entramos na casa, ela me deu a água numa caneca de alumínio, tomei, devolvi a caneca. Jeitosa e sorridente, me puxou pelo braço, foi passando as mãos na minha cabeleira, com elogios, depois nos ombros... De repente, me puxou com força e grudou a sua boca na minha. Me arrepiei todo. Agarrada em mim desse jeito, me levou até o quarto e me deitou na cama dela. O calor que eu sentia ficou maior. O coração acelerou, fulminado por um tremor geral que dominou minhas entranhas. Deitado, fechei os olhos e pensei: seja o que Deus quiser.

Já estava escurecendo quando encontrei o Juventino. Reclamou de minha demora e eu não disse nada. Peguei o dinheiro e fui embora, assobiando o prazer de viver. Daquele dia em diante, levar os recados de Juventino pra Jurema era a melhor coisa que eu podia fazer naquele fim de mundo.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul – RS. É professor estadual aposentado e advogado. Publicou romances e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa, como também artigos na mesma linha. Publica contos regularmente em diversas revistas e participou de várias Antologias e Coletâneas de contos.

POR SELMA LUANNY

A HISTÓRIA DE AMINA CONTINUAÇÃO



De Tadmor*, também nas costas de um camelo, chegaram a Rekeme/Rekem/Raqmu **, capital dos Nabateus. Tadmor e Rekeme eram importantíssimos entrepostos na Rota da Seda, que por sua vez, era uma, se não a mais conhecida rota para se adentrar à região ao redor do Mediterrâneo a partir do oriente próximo e longínquo.

É de salientar que devido à exaustão dos camelos, eles eram constantemente trocados por outros mais descansados e os homens das caravanas também passavam vários dias se recuperando e arrumando novos volumes de mercadorias e desfazendo-se de outros – mercadorias necessárias e solicitadas em cada paragem do seu trajeto. Consistia na troca, compra e venda de tudo que pudessem transportar, em cada lugar.

E as trocas eram enormes, pois no mundo daquela época, as caravanas eram praticamente o único meio de aquisição de bens de outras origens e de venda para os diversos povos. Era o comércio do mundo "desenvolvido", de então.

Quando esta caravana fizesse o percurso de volta – do Mediterrâneo para o Oriente longínquo – os bens seriam outros. E assim sucessivamente, de acordo com as necessidades regionais.

O chefe dessa caravana de que Amina fazia parte, Cedrus, provavelmente permaneceria no seu posto. A não ser que lhe acontecesse algum acidente incapacitante ou morte. Mas os outros membros de seu grupo nem sempre eram os mesmos, variando de trecho a trecho, como os animais.

Amina, ou melhor, Zal, em cada paragem diária, à noite, como os outros membros da caravana, aliviava-se atrás ou ao lado dos seus camelos. Com praticamente ausência de luz, a não ser as tochas que acendiam para se proteger e se comunicar, ninguém via muito bem o que se passava com os outros e só faziam uma roda ao redor de uma fogueira para comerem e conversarem um pouco, pois o cansaço era imenso e deveriam descansar para a continuação da jornada.

Nas paragens mais demoradas e com maior tempo para descanso, Amina procurava fontes naturais e distantes de água, onde pudesse se banhar – o que era um luxo raro para qualquer um naquelas andanças, pois passavam-se dias sem se encontrar fontes de água e a água que a caravana carregava nos percursos, era suficiente só para beber. Os camelos eram uma exceção, pois estes aguentavam algumas semanas sem água devido às reservas contidas no seu próprio organismo. Por isso, as caravanas mantinham um apertado calendário de chegadas e partidas. Eram longas somente o suficiente para as trocas comerciais e restabelecimento das condições físicas de todos, principalmente dos referidos animais, os quais carregavam uma carga monumental, nas suas costas.

A reserva e distanciamento de Amina, sempre que podia, dava motivos aos homens da sua caravana para desconfiarem de que alguma coisa estava errada com ela.

Era um comportamento único e os seus colegas não estavam acostumados a isso. Mesmo o chefe da caravana via aquelas atitudes com um levantar de sobrancelhas.

Nas diversas paragens, Zal aproveitava para conhecer os povos e a cultura dos lugares e andar muito, pois as longas viagens nas costas dos camelos tiravam-lhe parte do treino que fora a sua rotina, em casa.

Estava ansiosa para chegar ao centro do conhecimento no mundo da sua época. E segundo as informações que recebera, seriam principalmente a Grécia e o Egito. Naquela época, a maioria dos mais importantes filósofos e estudiosos gregos já estavam em Alexandria, Egito, onde a grande Biblioteca e Museu, eram o "ápice do conhecimento literário e científico do mundo".

Era o reinado dos Ptolomeus no Egito.

E Alexandria havia drenado para si, todo o conhecimento conhecido até aquela época. Eram realizadas compras de todo e qualquer livro de valor que pudesse ser adquirido. Ou empréstimos para cópias manuscritas (também bem pagos) de livros que fossem únicos e de venda fora de questão.

Ao chegar à Grécia, e com o passar do tempo, se permitido e necessário, Amina mudaria o seu nome para um de origem grega - nome grego para um novo recomeço.

Após extenuantes meses de jornada, enfim a caravana chegou à Atenas, na Grécia.

De início, Amina – como Zal - procurou se hospedar em um lugar muito simples, indicado por Cedrus. E após estar devidamente instalada, começou a andar pela cidade para se inteirar do ambiente, cultura, hospitalidade e ofertas de trabalho – não havia oferta de emprego para a população grega em geral. O trabalho, então considerado atividade inferior, era realizado pelos escravos ou pelos estrangeiros.

Logo Amina se inteirou de que trabalho era "privilégio" para quem tivesse sido "trazido" ou indicado para tal. E estudos também. Estes eram reservados aos gregos de certa fama ou suportados pelas classes privilegiadas – os patronos. Mesmo as escolas filosóficas tinham as suas regras, conceitos e prerrogativas.

Nas suas reuniões não entravam estranhos – só os apadrinhados.

Após duas semanas de procura e averiguações com resultados desestimulantes, Amina viu-se obrigada a seguir o seu caminho. Agora com destino a Alexandria, no Egito.

Num porto, procurou por barcos de mercadores, que fossem naquela direção. Mais algumas semanas até conseguir lá chegar, mas também com o oferecimento do seu trabalho, o que lhe diminuía as despesas pessoais. Estes barcos naquela época também

por causa do comércio que era a sua atividade, nem sempre iam direto ao Egito, com várias paradas ao longo da costa leste do Mediterrâneo.

Amina teve que aguentar muitos momentos de tensão devido às frequentes tempestades e mar turbulento, naquela época.

Houve também tensão relacionada ao fato de ser mulher, pois para se aliviar, Amina tinha que esperar por raros momentos de privacidade, quase impossíveis naqueles barcos e pela escuridão noturna.

Nas paragens, quando não tinha que correr com embarque e desembarque das mercadorias, isso era mais tranquilo. Ela procurava por lugares mais reservados ao redor do porto, onde pudesse se virar, longe dos olhares dos companheiros.

Era a meta de Amina chegar ao destino que melhor a acolhesse e assim foi. Algumas semanas a mais não iriam fazê-la desistir de uma vida sonhada e preparada por longos anos.

* mais conhecida como cidade de Palmira (Síria)

** atual cidade de Petra (Jordânia)



Nota de rodapé: terceira parte do conto A HISTÓRIA DE AMINA - partes a serem publicadas mensalmente nesta revista.

Biografia sumária:

Sellma Luanny são prenomes e pseudônimo da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria e participou em duas antologias – todos em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de antologias em e-books e em edições mensais da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



POR NEY ALENCAR

ESTRELAS SÃO COMO PEROLAS

“Sortilégios de Amor Verdadeiro
São perversos e egoístas,
Por vezes acertam seu alvo!”

— Adágio de Guay

A Velha Cinzenta abriu bem os olhos, o azul depois o verde, observando com cuidado a cocção que efervesceu lentamente dentro do pequeno caldeirão de ferro preto à sua frente sobre o forno de pedra esmaltada.

Cozinhou em fogo lento!

Retirou três fios de cabelo preto de uma dobradura entre duas folhas de papel pardo, conseguidos à custa de muita esperteza e sorte, da cabeça jovem e bela de um príncipe do outro lado das terras que já não conhecemos, muito além dos caminhos à Leste do Sol e à Oeste da Lua!

Com cuidado desusado deixou-as cair dentro do caldeirão, uma de cada vez.

Um chiado curto, como o silvo de uma cobra venenosa e não peçonhenta, cortou a atmosfera de sua cozinha.

A velha afastou-se alguns passos até uma prateleira de canto abarrotada de vidros de tamanhos e cores tão diversificados quanto a quantidade de temperos conhecida pelos cozinheiros e bruxos ao longo da história da humanidade.

Revolveu os olhos, todos os dois, pelos nomes dos rótulos, alguns escritos em línguas já mortas e outros em línguas desconhecidas e parou sobre um pequeno frasco translúcido no fundo da terceira prateleira à contar de baixo para cima, e não de cima para baixo, pois isso a faria pegar outro frasco de cor azul em cujo interior coisas sinistras aguardavam adormecidas, e o pegou.

Algo turvo se moveu dentro do vidro!

Talvez algo que já não estivesse vivo, ou mesmo alguma coisa que já não servisse ao provir do Tempo, quem sabe?

Pois naquela prateleira bem torneada estavam guardados, e até mesmo ocultos, temperos de segredos e mistérios que já não eram vistos sobre a face deste mundo desde que o dilúvio havia lavado as terras!

Desarrolhou o frasco com cuidado e o virou devagar, como se medisse, pela borda do pequeno caldeirão.

Que escorreu pela boca diminuta e afunilada foi apenas como uma sombra espantada pelo brilho de algum sol elusivo de verão muito antigo, quase uma recordação de um sentimento, quase uma lembrança de um amor perdido!

Quando aquilo tocou o líquido que ebulia em silêncio houve um lampejo!

Quase um arrebol, que tangeu o tempo para longe por alguns momentos e uma melodia estranha surgiu, como se alguma ave morta pousasse no peitoril daquela janela cujas cortinas de seda verde bordejadas de bilros estavam levantadas e da qual se podiam ver por vezes as urzes e os fogos-fátuos que grassavam pela fantástica charneca cujo nome não irei mencionar aqui.

Naquele instante a silhueta que estava sentada no sofá de veludo verde na outra sala ao lado levantou o belo rosto e pareceu ouvir aquela melodia fantasmal, pois por

vezes os amantes podem reconhecer aquele chamado antigo, primordial talvez, que tange as cordas de seus corações e mesmeriza suas almas, e foi isso que a bela princesa sentiu, ali sentada.

Do outro lado do mundo aquele à quem ela amava levantou o rosto sisudo e sorriu, pois chegara até ele aquela música sobrenatural e seu coração solitário, enternecido pelo som mavioso exultou na esperança de ver aquelas que cantara com a voz de um anjo!

A velha sorriu, fechando novamente a rolha do frasco e guardando-o no fundo da terceira prateleira de baixo para cima.

Aquilo dentro dele moveu-se desconfortavelmente, mas não tentou escapar.

A velha abanou o fogo fazendo voar fagulhas e durante a madrugada toda cuidou para que não arrefecesse, pois sortilégios de amor são como estrelas que brotam dentro da carne negra do vácuo do espaço, como pérolas dentro de uma ostra, e por vezes se estragam se não forem devidamente cozinhados em fogo brando durante as horas mortas.

Perto do nascer da aurora soprou com cuidado sobre as brasas e cantou uma canção tão antiga quando o mundo, fazendo entranhar nas próprias moléculas do líquido sinistro as letras mágicas de um poderoso sortilégio, tão antigo quanto a canção do primeiro fauno!

Quando os primeiros raios do sol pularam pelo horizonte arroxeados e o arrebol clareou aquela parte que já não estava nas terras do mundo que conhecemos, a velha piscou o olho verde e abriu o azul de forma que os raios do sol refletiram-se neles e caíram sobre o líquido que cozinhava, o que fez evoluir uma nuvem carmesim.

Um cheiro pungente de mel silvestre e menta recém colhia irrompeu do caldeirão e inundou o ambiente acordando a bela princesa que havia adormecido no sofá de veludo verde e que naquele momento sonhava com os braços rijos de seu amado que a abraçavam impetuosamente e com sua pele ebúrnea como azeviche, quente como o próprio sol que a queimava com um calor que não podia ser aplacado senão pelos beijos de seus lábios!

Ela levantou-se, um medo súbito a possuía, de que não conseguiria realizar seu sonho de amor, e aguardou aflita uma resposta da Velha Cinzenta.

Momento depois esta surgiu no umbral da porta, em suas mãos encarquilhadas, preso por entre os dedos de longas unhas com um aperto nem tão delicado nem tão bruto, estava um vidro minúsculo e translúcido cujo interior parecia conter algo como uma constelação de estrelas vivas que procurava à todo custo escapar de sua prisão!

A velha entregou o vidro nas mãos brancas e trêmulas daquela princesa e apenas em seus ouvidos sussurrou com palavras que não conseguimos ouvir o mistério contido dentro daquele cabalístico filtro de amor!

A princesa sorriu, um sorriso advindo de lembranças oníricas e tomando o frasco guardou-o dentro do decote generoso de seu vestido de seda branco entretecido de fios de ouro e prata, logo acima do coração.

Então saiu pela porta da casinha de tijolos vermelhos e montando em um unicórnio que a esperava pastando na urze turva cheia do orvalho da manhã, correu pela charneca na direção de seu amor verdadeiro!

A Velha Cinzenta, parada na varanda, observou-a sumir pelo horizonte já cheio de nuvens que se acastelavam para fazer brotar uma tempestade, acendeu seu cachimbo, sentou-se na cadeira de balanço de madeira preta e sorriu!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 357 contos publicados em 66 e-books e em 124 antologias. Possui 06 livros publicados.

POR VALÉRIA GUERRA REITER

O SEGREDO DE OXFORD



INGLATERRA 1899

As alamedas estavam repletas de morangos silvestres, era primavera. A Inglaterra com seus cerrados e aspidistras sempre agradou os olhos de George.

— Como a vida é relativa, pensava Oxford, conforme caminhava dentro de sua casa. Viver próximo ao Lago Ness, já não era tão mágico.

George Oxford já havia esgotado quase todas as possibilidades de visualizar o lendário ser, apelidado de “monstro do lago Ness”. Sua curiosidade a respeito de tal figura misteriosa e icônica o fascinava, mas cansou de aguardar a aparição.

O ano de 1899 na Escócia, no Reino Unido estava em seu meado, e as notícias até aquele momento, publicadas — no *The Times* — já haviam saturado um pouco a mente do professor George Oxford.

As notícias pareciam sempre as mesmas, com exceção da última que leu sobre a morte do grande pintor alemão Adolf Schreber. George, além de admirar suas pinturas, era seu amigo, ele sentiu bastante tal perda. A notícia publicada no *The Times*, de certa forma soou como uma justa homenagem ao pintor preferido do mestre exigente.

Londres não é muito longe dos arredores do Lago Ness, e o professor Oxford, mantinha residências tanto em Londres, como nas terras altas da Escócia, onde se situa o provável habitat do monstro.

Sua irmã Elizabeth o incentivou muito a tirar um tempo longe da rotina.

Três dias após a decisão do professor, de realmente viajar, o levou a caminhar até o lago. Levou uma lona pesada, e disse ao seu criado Arnold, que iria aproveitar a noite quase de verão para acampar. Queria se despedir daquela magnífica paisagem, e quem sabe ver o monstro.

A Oceania é um continente *sui generis*, com seu clima diversificado e natureza exuberante, e foi justamente: a terra dos cangurus, o lugar escolhido por Oxford para mudar de ares, inclusive por questões históricas, já que o historiador natural Charles Darwin, em meados do século XIX. De lá ele seguiria em um roteiro pela América do Sul, como fez Darwin. Sua irmã sempre falava sobre um lugarzinho mágico na Austrália chamado *Zeitloser Wald*, local onde uma casta diletta ao visitar: encontrou paz e rejuvenescimento.

Na realidade, Oxford tinha a intenção de realizar algum feito marcante no planeta, antes de partir, e perfazer o trajeto "darwiniano" de cinquenta anos atrás seria o ideal para começar a viver novamente.

O navio *Beagle*, emblemático na vida do cientista pai da evolução, saiu da Inglaterra, e após ele visitar a Oceania, ainda viajou por oito meses depois de deixar o continente. Durante o trajeto. Darwin coletou e despachou ossos, carcaças, pedras e plantas para especialistas ingleses.

Na verdade, o tour de Charles Darwin, a bordo do Beagle começou como missão de mapeamento da costa da América do Sul para atualizar as cartas náuticas britânicas e de quebra: deixar na Patagônia três indígenas argentinos que haviam sido catequizados.

O senhor G. Oxford aportou na Oceania em 14 de novembro de 1899, e logo foi recebido por um homem de estatura baixa, com cabeleira áspera, nariz largo, que usava luvas negras. Ele disse ao professor que sua irmã o havia recomendado como guia.

Dijugun havia estudado na Inglaterra, e se tornou amigo de Elizabeth. Depois ele voltou à sua terra natal para continuar em sua condição aparentemente submissa aos imperialistas, porém se tornou um espeleólogo de primeira. E nas horas vagas auxiliava “Homens ilustres” advindos do mundo desenvolvido em suas explorações no campo da ciência.

Oxford seguiu Dijugun, e só a partir do momento que ele entregou uma carta de Elizabeth expondo a surpresa que fez para o irmão, George confiou que realmente se tratava da letra e conteúdo produzidos por Elizabeth. Ambos entraram em uma carruagem que os levaria a um domicílio na cidade de Sidney, que seria habitado por George, ao longo de sua estadia naquele continente distante.

Durante a trajetória, o espeleólogo nada dizia, enquanto Oxford, parecia entediado. Foi somente quando chegaram ao local de destino. que Oxford transparecendo susto proferiu — O que você está pensando que eu sou para me oferecer um lugar medíocre como este para eu passar sessenta longos dias? Minha bagagem vasta e recheada de ferramentas raras, não podem ficar dentro dessa pocilga.

O local aparentava bucolismo, e o anfitrião afirmou — Aqui é um lugar muito tranquilo para o senhor estudar e descansar durante sua estadia. Eu costumava utilizar este espaço quando estava cursando minha graduação em Oxford, foi um tempo ótimo, excelente, com Carlos I no trono. A casa onde os naturalistas ficariam era de madeira pintada de azul, e de belíssima fachada antiga.

O doutor Oxford nada respondeu, porém ficou pensativo. O cansaço da viagem, o levava a desejar um banho, mesmo que fosse precário. E um pouco de comida também cairia muito bem. Então, ele questionou “Índio” sobre um possível jantar. A alcunha em questão era a forma a qual Oxford resolveu dispensar no tratamento ao professor Dijugun; mas o tranquilo guia e intelectual australiano não se aborrecia com tal denominação. Por dentro, ele sorria. E por fora, ficava impávido mantendo sua educação e ética no trato ao irmão de sua grande amiga Elizabeth.

Dijugun informou ao pesquisador que ele teria que se conformar com um gostoso pão australiano com queijo, amoras e ovos, e afirmou — Pelo menos neste início de noite teremos esta maravilha to have lunch meu nobre Oxford.

A edificação era perfeita, tinha até dois banheiros, e dentro de ambos havia duas grandes tinas, bem asseadas, e prontas para receber corpos cansados e empoeirados de viagem. A água poderia ser fervida, e havia um escovão para o esfrega-esfrega.

Quando raiou o novo dia, o professor inglês acordou bem mais ativo, ele estava curioso para conhecer Zeitloser Wald. Ele tinha sonhado com o Lago Ness a noite toda; e em seu sonho o “monstro” havia sido morto por aborígenes, que transportaram seu cadáver para a Austrália. Então ele lembrou de seu amigo Freud, e sentiu vontade de lhe contar o sonho para ver se ele conseguia decifrar.

Depois de lembrar do doutor Freud, que lançou “A interpretação dos sonhos no ano corrente de 1899, George se vestiu e procurou o “Índio”, só que não o achou no interior de nenhum cômodo, então saiu pela porta que desembocava em um alpendre simpático e bem varrido, onde jazia uma cadeira de balanço de madeira maciça coberta por pele de animal. Oxford se aproximou da peça rústica e percebeu um volume sobre ela.

Algo que se mexia muito rápido, quando ele se virou e foi a frente da cadeira, que balançava, ele recebeu uma dentada em seu nariz, que fez jorrar sangue, ele correu para dentro da casa gritando socorro. Trancou a porta, e subiu as escadas chamando Dijugun, só que ele percebeu que o homem não estava. Ele olhou sua imagem em um espelho pequeno pendurado no quarto onde dormira e viu seu nariz muito ferido, quase arrancado, ele então gritou o nome do aborígene, e escutou uma voz fraca, respondendo “espere já vou”, o som parecia vir de baixo.

Passados alguns segundo Dijugun entrou no quarto com um bicho sangrando nas mãos, e disse ao apavorado e machucado doutor George. – Ele era de estimação, trouxe ele da Tasmânia, quando era filhote, cresceu aqui, porém ao atacá-lo, ele não poderia continuar vivo. Oxford ficou estático diante daquela cena, e o guia então disse a ele — Tem um ótimo médico aqui perto, vou buscá-lo, ele saberá o que fazer. Oxford com dores intensas, e visão um pouco embaçada, pensou ter visto; que uma das mãos do “Índio” estava esquelética, mas atribuiu o vislumbre ao seu estado de saúde.

Dito e feito o médico chegou em quinze minutos, junto com Dijugun. Ele fez um curativo no nariz de Oxford, e recomendou repouso, deixou pílulas contra a dor, e disse estar à disposição se o irmão de Elizabeth tivesse febre. Oxford descansou, mas sua cabeça rodava, provavelmente a dor intensa fez sua pressão arterial subir. No final da tarde daquele dia fatídico, o distinto pesquisador tomou um banho prolongado, para combater a febre, que sobreveio.

No dia seguinte, o professor da Universidade de Oxford estava bem melhor, apenas com o nariz um pouco inchado. De novo, ele levantou da cama e se deparou com a ausência de “Índio”. Então, ele resolveu explorar o casario, o que o levou a um porão grande, lá ele se deparou com muitos móveis antigos, objetos científicos, como bússolas, esqueletos, bichos empalhados, e por força da curiosidade: ele espiou atrás de uma cortina e viu em cima de uma mesa ensanguentada o corpo do demônio da Tasmânia, ou melhor, a pele do ser, e olhando mais minuciosamente enxergou sua ossada na outra extremidade da grande mesa.

— Por favor vocês não podem deixar escapar nenhuma palavra em inglês, durante a visita de Oxford, mantenham o dialeto de sempre, não esqueçam! Ele precisa pensar

estar em Zeitloser Wald, a ordem vinha de Dijugun, e fora direcionada a três homens que serviriam de guarda-costas durante o passeio exploratório.

Oxford estava vestido a caráter para visitar a terra da atemporalidade, sua esperança de revigoramento, ou alguma coisa similar lhe movia especialmente neste dia; ele só lembrava do ferimento no nariz, feito por aquele diabinho, quando o nariz doía. Seu objetivo mais premente era explorar Zeitloser Wald, mas como de costume, no terceiro dia de sua viagem e hospedagem em Sidney, seu anfitrião atrasava e o deixava esperando. Oxford, era um homem exigente e carrancudo, e isso, desde tenra idade. Hoje, aos oitenta anos, temia por demais a visita da senhora morte, ele desejava viver.

Um carro de bois parou em frente ao alpendre, hoje mais empoeirado, George fitou o veículo com desdém, colocou a mão no nariz e percebeu que ele ainda sangrava, apesar do curativo bem-feito pelo médico. Dijugun acena para ele, e diz quase sorrindo — Vamos doutor... e não se irrite com o transporte, foi o melhor que consegui, chegaremos de manhã e não se importe com o tempo, com certeza não choverá, aqui as chuvas nesta época são escassas, ah, e fique tranquilo pois temos provisões.

Oxford estava sério, e assim permaneceu até adentrar a carroça, seu anseio pelo destino era motivador, desde que sua irmã lhe revelou a existência desta Floresta, ele se maravilhou. As florestas tropicais de Gondwana foram alcançadas por George e Dijugun em menos tempo do que o previsto. Oxford estava cansado, mas muito atento, seus olhos se encheram de mar durante parte do percurso, a paisagem era exuberante, porém ele não sentiu a emoção esperada, ainda.

— “Índio” aqui é Zeitloser Wald? tudo parece abastoso, porém nem tanto quanto imaginei. Pareceu muito familiar, comum mesmo, a exuberância de este lugar. – Muita calma meu nobre Oxford, vamos andar um pouco. Apear nossos animais aqui nesta sombra, lhes dar água do rio Mel. Oxford caminhava lentamente, atrás de “Índio”, e então, os três aborígenes fortes, com cabelos queimados pelo sol vieram em sua direção e o cumprimentaram utilizando uma linguagem indecifrável. Então, o anfitrião sorriu, e traduziu para Oxford a saudação de boas-vindas advinda dos amigos que ali surgiram.

— Aqui Charles Darwin passou e ficou maravilhado. Ao ouvir esta afirmação, o doutor em história natural inglês, deixou escapar um sorriso pela primeira vez. Mas perguntou aos homens – aqui é Zeitloser Wald?

Um deles em um inglês fluente respondeu impensadamente — fica atrás do abismo. Neste momento “Índio” fez um sinal para George: um sinal que demonstrava que o homem estava louco. Oxford estranhou. Anoiteceu. E os cinco montaram barracas improvisadas para passar a noite no lugar aprazível, porém cheio de onomatopeias assustadoras. Oxford cochilou, e Dijugun avisou aos homens que deviam ficar em vigília durante o sono dos visitantes ilustres.

Oxford acordou no meio da noite, e ouviu a conversa dos capangas de Dijugun, que falavam em inglês, e o que descobriu era aterrorizante.

INGLATERRA 1642

Às margens do Lago Ness, em plena madrugada, um homem admira pacientemente o belíssimo ambiente, o tempo está nublado, e há um traço tímido de sol incidindo sobre o todo líquido, não há como não se extasiar com a natureza ao redor, o silêncio está a pino e aquele “quase humanoide” está em guarda, assim como os felinos ficam quando expectam suas presas.

Em meio a clamaria do momento um som de borbulhas enfrenta a paz daquela hora. Logo um estrondo aniquila a quietude com seu alvoroço. O que se vê é inaudito, assombroso. O homem com cabelo de fogo, trazia uma carabina de pressão em sua bagagem, ele mirou a cabeça do que ele chamava de fera. O ser parecia uma mistura de leviatã e pleisiossauro imenso, mais ou menos uns vinte metros. Mas a cabeça bem menor que o corpo. E a cauda longa e grossa.

A imersão do animal não durou muito tempo, sua cabeça, não parava de sacudir quando foi estourada por uns três tiros. Quando ele viu que o animal tombara, o homem entrou em um barco e foi até ele, e ficou ali vendo o seu corpo afundar. Passados três dias, o assassino do monstro voltou ao lago com vinte homens, de madrugada; naquela época os arredores do local não tinham quase nenhuma habitação, a empreitada de retirar o monstro do lago não foi fácil, depois que o desossaram: jogaram os restos no próprio lago.

FLORESTAS GOWDWANA AUSTRÁLIA 1899

George teve vontade de vomitar ali mesmo, seu coração disparou, ele sabia que seria morto e desossado para terminar a ponte de ossos que levaria Dijugun, seus capangas e Elizabeth à terra prometida de Zeitloser Wald. O plano beirava a perfeição.

— Agora ficou cristalino para mim, que Dijugun é imortal, ou coisa que o valha, especialmente, quando ele citou ser contemporâneo de Carlos I, ali se entregou; pensou alto o professor de Oxford – Como Elizabeth pode ser tão sórdida, uma verdadeira traidora, cruel, e invejosa mulher. – Bem, o que me resta agora é fingir que durmo, afinal só irão me matar à tardinha, como bem ouvi, e será após um ritual xamânico, onde Elizabeth estará presente. O pior é saber que o grande Charles Darwin será indiretamente um dos culpados do meu passamento. Quem sabe não tentaram assassiná-lo, afinal ele tinha ossos de um proeminente.

O que não poderia supor, é que minha irmã fosse amante daquele cientificista fajuto e ambicioso. E agora, querem usar meus ossos eminentes para reconstruir o segmento perdido da ponte, meus ossos junto com os ossos do demônio da Tasmânia irão revigorar o feitiço, e Dijugun, Elizabeth e os capangas irão atravessar para Zeitloser Wald. e se tornarão imortais e poderosos para sempre, depois de reconstruída a ponte se tornará invisível de novo, aos olhos mortais.

Na manhã seguinte Oxford levantou às cinco horas da manhã e encontrou três corpos estirados no chão, eram os capangas, que foram punidos por falarem inglês, na noite passada, Dijugun não perdoou. Mas ele não sabia que Oxford havia ouvido o que eles falaram. Oxford fugiu dali, porém deu de cara com sua irmã, que atirou em sua perna.

Ele caiu no rio Mel, e sumiu, eles acharam que ele havia morrido, e gritaram desesperados e desapontados, pois precisavam dos ossos a qualquer preço.

INGLATERRA 1900

Dois homens tomam chá em um chalé bem próximo ao Lago Ness, um deles é Oxford, e o outro é um comerciante local, que quer vender binóculos para os turistas verem melhor o monstro do lago.

Ele também pretende fundar hotéis ao redor do lago. Oxford sentiu um profundo pesar pela morte do monstro, porém para o bem de todos, e felicidade geral do bom lucro, ficou sócio do comerciante e morreu aos noventa e dois anos, muito rico. Em seu enterro havia um homem com uma capa escura, que debaixo de chuva, se escondia atrás das catacumbas, ele estava sem luvas, o que deixava a mostra sua mão feita apenas de ossos. Depois que Elizabeth morreu afogada no rio Mel, quando mergulhou atrás do irmão, ele ficou solitário, mas não menos desejoso de poder.

Elizabeth, não era uma eminente intelectual, apenas uma mulher burguesa inglesa: portanto seus ossos não tinham nenhuma serventia para o grande encantamento, no caso específico do grande feitiço.

O tal homem deseja desesperadamente remendar a ponte, atravessá-la e voltar a ser eterno, antes que seja tarde; por isso está ali ávido para roubar os ossos do professor George Oxford. Afinal, monstros imensos e professores ilibados são ingredientes raros, e necessários, junto, é claro a uma "pitada única" da ossada de um *Sarcophilus harrisi*, nome científico do diabo da Tasmânia.

Dijugun precisa ser rápido, para voltar para Zeitloser Wald, antes que ele seja totalmente desintegrado, ele precisa ser imortal novamente, para reencontrar alguns amigos lá, como por exemplo, Adolf Schreber, e Arnold (o criado de Oxford, que era exímio pianista), mas principalmente Jean- Baptiste de Lamarck, já que ambos possuem assuntos em comum para colocar em dia, especialmente sobre a Evolução das espécies...

Valéria Guerra Reiter é atriz com registro no SATED-RJ. Jornalista, historiadora, bióloga, escritora com algumas premiações, inclusive aqui neste projeto. Várias vezes integrante de antologias na Perse, no projeto APPARERE. E-mail: escritordeluz@hotmail.com

Revista
Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES

ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Feedback

escritores e leitores

REVISTA
**CONEXÃO
LITERATURA**



Sellma Luanny
ESCRITORA E MÉDICA ANÁTOMO-PÁTLOGISTA

Há vários anos, lanço os meus poemas e contos no meu canal*, mas com repercussão e aceitação mínimas e decrescentes. Encontrei então, no Facebook, referências à REVISTA CONEXÃO LITERATURA (RCL) e às suas antologias. Entrei em contato com o editor, Ademir Pascale, para colaboração e a minha satisfação e confiança foram logo recompensadas. A RCL tem-se revelado de altíssima qualidade, acessibilidade, beleza estética e, acima de tudo, gratuita para o público. O editor e a sua equipe estão de parabéns! Que a RCL tenha uma longa vida!

*Canal Sellma Batalha - no YouTube



Roberto Schima
ESCRITOR

Participo da Conexão Literatura de modo ininterrupto desde o nº 37, após ser agraciado em seu concurso "Os Viajantes do Tempo". Graças ao estímulo representado, retornei à escrita após uma pausa de duas décadas. Creio que isso dá a exata medida de meu apreço pela revista e de sua importância para mim. É nela que concentro meus contos e a partir da qual me guio a fim de montar as minhas antologias. Sua esmerada diagramação - enriquecida por belas imagens - valoriza sobremaneira os nossos textos, constituindo uma festa para os olhos. Ressalte-se o esforço hercúleo, a dedicação, o carinho e o profissionalismo que a cerca, sendo disponibilizada ao público de forma pontual, impecável e com ampla divulgação. Trata-se de um ótimo veículo para aqueles que desejam fazer conhecer seus contos, crônicas, artigos ou poemas, divulgar suas obras ou prestar uma entrevista. Perpetue suas memórias você também! O sucesso da Conexão Literatura se faz sentir em sua evolução e longevidade, atualmente na 111ª edição. Parabéns ao editor Ademir Pascale, e meu eterno agradecimento.

@robertoschima



Dê o seu depoimento sobre a Revista Conexão Literatura, envie o seu comentário, rede social e foto para: ademir@divulgalivros.org

Os depoimentos poderão ser publicados no site da revista, redes sociais da revista e edições da revista.

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Você escreve?


Descubra chamadas para publicação e concursos literários no portal


Seleções Literárias

Filtre oportunidades

por:

Gênero 

Prazo 

Prêmio 

Acesse

Seleções Literárias

<https://selecoesliterarias.com.br>





- **DIVULGUE
PARA + DE
900 MIL
LEITORES**

POR APENAS

R\$ 180

DÊ MAIS VISIBILIDADE AO
SEU LIVRO E MOSTRE A
SUA OBRA PARA
MILHARES DE LEITORES.

- **ENTRE EM CONTATO:**
- e-mail: ademir@divulgalivros.org

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

**DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO**

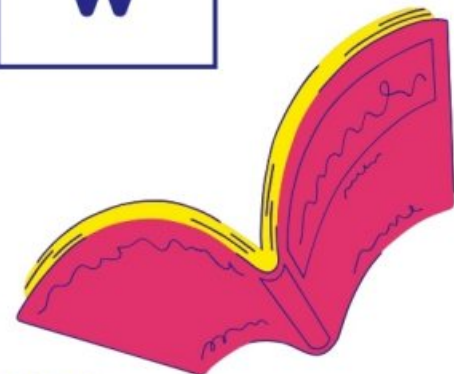
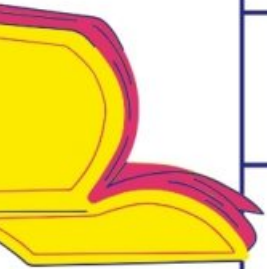


Encontre as palavras



- LIVRO
- LEITOR
- LER
- PAPEL

A	Z	L	D	K
R	O	I	R	S
A	W	V	O	C
L	E	R	T	D
Y	Q	O	I	I
P	A	P	E	L
Y	E	M	L	A
P	K	S	U	W





**AMOR
PELOS
LIVROS**

MÍDIA KIT 2024

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+787 MIL +170 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br
E-mail: ademir@divulgalivros.org

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

- Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link da entrevista em nossa fanpage para mais de 700 mil seguidores.

CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de ~~R\$ 2.500,00~~ por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO
AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.12.2024



Mensagem do Editor



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 110 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: [CLIQUE AQUI](#)
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESSO O PAYPAL:



**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage 1 @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Fanpage 2 @conexaogramatica // Youtube: @conexaonerd